REVISTA DA SEMANA

BIBLIOTECA NACIONAL
Janeiro

DINA TERESA FICOU SOLTEIRA!

•

ÚLTIMO CAPÍTULO DA TRAGÉDIA NAS SELVAS

145

DIFUSÃO *e* CONCEITO

Garantindo a preferência dos anunciantes!



Ilmo. Snr.
Director da
Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S.A.
Rua do Imperador, 346
Nesta

Recife, 16 de Junho de 1952

Prezado Senhor,

É com prazer que vimos, pela presente, confirmar os nossos entendimentos pessoais, que culminaram com a realisação de um importante Contrato de Publicidade entre a UNIÃO DE BEBIDAS, INDUSTRIA E COMERCIO LTDA., e a sua conceituada Emprêsa.

Por intermédio da "Agência Renascença", estamos passando às mãos de V.Sa. o referido contrato, devidamente assinado, o qual entrará em vigôr dentro de mais alguns dias, sendo V.Sa. para isso informado com 8 (oito) dias de antecedencia.

Aproveitando esta oportunidade, queremos manifestar-lhe, sinceramente, a nossa satisfação ao entregar a nossa propaganda aos veículos da Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S.A., como sejam: Rádio JORNAL DO COMMERCIO, Rádio DIFUSORA DE GARANHUNS, Rádio DIFUSORA DE PESQUEIRA, Rádio DIFUSORA DE CARUARU, Rádio DIFUSORA DE LIMOEIRO (proximamente) e ainda o JORNAL DO COMMERCIO e o DIARIO DA NOITE, todos êles, inegàvelmente, em invejável posição quanto ao conceito e difusão em Pernambuco, no Nordeste, no Brasil e em todos os Continentes.

Depois de termos realizado em nossa Fábrica as reformas que se impunham ao desenvolvimento crescente dos nossos negócios e ao consumo, cada vez maior, dos nossos produtos, sobretudo, da LARANJADA CLIPER e do GUARANÁ CLIPER, reformas essas que abrangeram desde a construção de dois magníficos Edifícios à Avenida Cruz Cabugá, até à instalação de poderosas e modernissimas máquinas, a UNIÃO DE BEBIDAS INDUSTRIA E COMERCIO, LTDA., por deliberação unânime da sua Diretoria, houve por bem entregar aos veículos da sua Emprêsa tal propaganda, assim firmando, sem dúvida, o maior contrato de Publicidade realizado por uma firma local, em todo o Nordeste.

Dada a projecção e o conceito dos órgãos de publicidade da Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S.A., uma organização genuinamente pernambucana, inteiramente a serviço do progresso do Estado, sentimo-nos perfeitamente à vontade ao confiar-lhes as nossas mensagens de venda.

Agradecendo a V.Sa. e aos seus auxiliares todas as atenções recebidas durante os entendimentos para a realização daquele Contrato e, como sempre, ao inteiro dispôr de suas prezadas or- ...om elevada estima e apreço,

De V.Sa.
Amos Atos Obros

Sócio-Gerente



A "UNIÃO DE BEBIDAS", do Recife, firma com os veículos de publicidade da Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S.A. o maior contrato já realizado, no Nordeste, por uma organização local.

Confie,

*como a **UNIÃO DE BEBIDAS**, a sua propaganda aos orgãos publicitários que garantem o sucesso das suas vendas*

Radio JORNAL DO COMMERCIO

JORNAL DO COMMERCIO · DIARIO DA NOITE

e

Radio-Difusoras do Interior { PESQUEIRA · GARANHUNS · CARUARÚ · LIMOEIRO

Dina Teresa pede um beijinho ao "louro", que não parece conquistavel. A rainha do fado continua dominante.

DINA TEREZA
FICOU SOLTEIRA!

Dedilhando a guitarra, Dina apresenta no semblante triste tôda a poesia romântica da música portuguêsa.

Debrucemo-nos sôbre o mapa do velho Portugal. À margem esquerda do rio Douro, como que a mirar-se em suas águas tranqüilas, está Oliveira do Douro.. E' um pitoresco lugarejo, em que o vinho e o azeite são da melhor qualidade.

Mas, nesta freguezia do concelho do Pôrto, o que menos nos interessa são os vinhedos e os olivais. Nossa atenção volta-se, ùnicamente, para uma casinha modesta, em que residia o casal Agostinho Moreira-Rosa Teresa de Oliveira. Nesse lar humilde, onde dez crianças faziam predominar a alegria, concentra-se o motivo principal desta reportagem. E' que de seus umbrais, como um presente régio para os apreciadores de fados e corridos, saiu aquela que, anos mais tarde, se tornaria a expressão máxima da música popular portuguêsa.

Sim, em Oliveira do Douro é que, pela primeira vez, Dina Moreira vislumbrou a luz solar. Ali, decorreram seus primeiros anos de meninice, alcandorados pela batalha cotidiana de seus pais, a fim de que não faltasse o pão de cada dia para seus irmãos. Êle, um modestíssimo pintor. A espôsa, uma simples costureira de aldeia. Porém, à frente de todos os impecilhos, estavam dez crianças que reclamavam o indispensável para viver.

Certa noite, quando descansava da fadiga diária, dona Rosa Tere- [illegible] a ler "O Século". À certa altura, seus olhos pararam sôbre um anúncio. Ali estava, a seu ver, a sorte de um dos seus filhos. Dai, a leitura, em voz alta, do anúncio para o marido. Tratava-se do oferecimento de uma senhora inglêsa. Esta propunha-se a educar e criar órfãos. Embora seus filhos não o fôssem, nem por isso dona Rosa Teresa deixou de procurar tão piedosa criatura. E, conforme previra, tudo deu certo. Ela entregaria Dina Moreira, então com quatro anos, aos cuidados da senhora inglêsa.

Numa dessas manhãs primaveris, a atual Severa dizia adeus a Oliveira do Douro. Demandava à cidade do Pôrto onde, inicialmente, entrou em contado com as primeiras letras. Dona de excelente memória, não tardou em aprender tudo quanto mais tarde se lhe tornaria útil, inclusive os idiomas inglês e francês. A par dêsses conhecimentos, nossa reportada decorava os números que ouvia nos teatros, mostrando-se, desde logo, inclinada à carreira teatral. Tais pendores, porém, custaram-lhe algumas surras, de vez que sua educadora considerava a arte de Talma como verdadeiro passo para a degradação.

CONSIDERO-ME INCANSÁVEL!... ★ A CONFISSÃO DA SEVERA, DEPOIS DE UMA ESPERA DO PRÍNCIPE ENCANTADO ★ PRIMEIROS PASSOS NA DIFÍCIL CARREIRA ★ FUGIU DE CASA PARA INGRESSAR NO TEATRO ★ SUBSTITUINDO ARACI CÔRTES E CANTANDO SAMBAS E MAXIXES

Reportagem de **ARMANDO MIGUEIS** Fotografias de **ALBERTO FERREIRA**



A famosa cantora lusitana entre amigos. Desde a garotinha até Madame Stalia, todos conhecem de cor a letra das composições que a fadista interpreta em suas apresentações. Mesmo assim a turma não perde seus shows. Na outra foto, Dina vai ao espelho antes de aparecer às visitas. E não fôsse ela mulher! E portuguêsa!

SURGE UMA PEDRA NO MEIO DO CAMINHO

Na passagem da meninice para a juventude, o destino vibrou-lhe terrível golpe, arrancando do rol dos vivos aquela que tanto se interessava pelo seu futuro. Assim, qual nave desgovernada em pleno oceano, Dina Teresa viu-se a braços com o infortúnio que lhe batera à porta. Tratou, então, de arrumar seus pertences para retornar ao aconchego de seus pais. Talvez que a vida continuasse a sorrir-lhe.

Mas, cedo desenganou-se. Aquela vidinha da privincia martirizava-lhe o espírito, fazendo-a traçar mil esquemas. Suas vistas alcançavam horizontes mais amplos. Por isso, quando se lhe apresentou uma oportunidade, a nossa focalizada ganhou mundo. Deixou a casa paterna, indo à procura daquilo que se tornava verdadeira obsessão em seu cérebro: o teatro.

Aos catorze anos de idade, Dina Moreira pisava o palco do teatro Águia de Ouro, a fim de participar, como corista, de "Tenho dito" e "Trunfo é paus", duas peças que obtiveram apreciável sucesso. Iniciava-se, portanto, a carreira artística da garotinha de Oliveira do Douro. Porém, seu sonho doirado era esmerar-se em "ballet". Ela deixava-se ficar boquiaberta ante os passos coreográficos das bailarinas, numa admiração que, aos poucos, ia se tornando um verdadeiro desejo de copiá-los.

Esmeralda Ferreira, figura sobejamente familiar a todos os brasileiros, foi o "abre-te Sézamo" para o ingresso de Dina Teresa no Conservatório, uma vez que a levou para a Companhia Antônio Macedo, então apresentando-se numa das casas de espetáculos de Lisboa.

Tudo indicava que teríamos uma promissora rival de Isadora Duncan, tamanha a facilidade com que a nossa reportada se conduzia nas aulas de "ballet". A própria aprendiz mostrava-se entusiasmada com seu progresso. E, não fôra certa enfermidade, talvez o fado tivesse perdido uma notável intérprete. E' que os médicos impuseram a Dina Teresa uma condição: submeter-se a delicada intervenção cirúrgica para poder seguir a carreira de bailarina. Dina preferiu, então, desistir da dança.

A VIDA COMEÇA A SORRIR!

Aos dezessete anos de idade, com absoluto domínio do teatro de revista, Dina Teresa vê-se chamada a substituir Laura Costa, considerada a maior vedeta portuguêsa. Fá-lo com grande sucesso, razão de ser escolhida, meses depois, para preencher a vaga deixada por Tina Coelho, quando



DINA TERESA FICOU SOLTEIRA!



"Seleções de A Severa" é uma gravação que correu mundo levando a todos a voz bonita de Dina Teresa, que, neste flagrante, coloca o disco na vitrola.

da apresentação da peça "Piparote", que se achava em cena no Teatro Salão Foz.

Sua projeção, como será fácil avaliar, atinge as raias da popularidade. Mas, a "estrêla" sente vontade de mudar de ares. Quatro anos de atividade no Pôrto era, por assim dizer, demasiado. Assim, numa carta dirigida ao empresário Rosa Matheus, nossa reportada solicita seus bons ofícios para conseguir um contrato em Lisboa. Éste, por sinal, não demora. Dina Teresa é chamada para participar da revista "A Setubal", em que incarna a figura do "Zé Povinho", percebendo o ordenado de dois mil e quatrocentos cruzeiros.

Semanas e semanas de sucesso coroam o trabalho da artista. Centenas de pessoas acorrem à casa de espetáculos, forçando o empresário a mantê-lo em cartaz. E', justamente nessa ocasião, que o cineasta Leitão de Barros se atira à feitura de um filme. Porém, tamanho empreendimento requer uma série de iniciativas Dentre estas, a escolha daqueles que irão viver na tela as principais personagens da película.

Dina Teresa, através da divulgação feita na imprensa, toma conhecimento dos propósitos de Leitão de Barros. E, sob a influência de velhos amigos, resolve participar do concurso, enviando ao financiador do mesmo, um "big" retrato, tirado, aliás, no melhor fotógrafo de Lisboa.

Mas, ao contrário do que esperava, seu tipo decepciona o cineasta. Éste, com aquela fraqueza peculiar aos filhos da terra lusa, considera horrorosa a "estrêla", aconselhando-a a não tentar o cinema. Nessa altura, porém, o secretário de Leitão de Barros insiste com êste para que não se deixe influenciar pela fotografia. Que vá vê-la pessoalmente, para melhor certificar-se de que Dina Teresa é, na realidade, um pedaço de garôta.

PREFERINDO O MODÊLO A FOTOGRAFIA

Tamanho era o ardor com que seu secretário falava, que o conhecido cineasta resolveu ir ao Teatro ver a "estrêla". Não se decepcionou, embora lamentasse a qualidade da fotografia que lhe fôra enviada. E, como primeiro passo, incluiu-a entre as que iriam disputar um lugar de destaque na filmagem de "A Severa".

Nossa reportada, ungida de absoluta modéstia, contentava-se em aparecer numa pontinha. Era seu desejo fazer a "Maria da Luz". Daí, estranhar quando a colocaram entre duzentas candidatas, tôdas vestidas a caráter. Mas, nem de leve lhe passou pela mente que estava se candidatando a fazer a principal personagem ou seja a Severa. Por êsse motivo, mostrou-se surprêsa quando, após uma infinidade de exigências da comissão julgadora, viu-se aclamada vencedora.

A vitória, por absurdo que pareça, mostrou-se um tanto amarga para Dina Teresa. E' que suas rivais, diante da classificação final, resolveram aplicar-lhe uma valente surra, além de taxaremna de palerma e outros têrmos impublicáveis. Porém, a vencedora reagiu à altura, apesar de sair com as vestes em frangalhos do salão.

Iniciou-se, então, uma nova era na vida artística da atriz. Substituída por Beatriz Costa na peça "A Setubal", passou a dedicar-se inteiramente ao cinema. Foram dez meses de trabalho exaustivo e de privações sem conta, uma vez que seus honorários foram estipulados em cento e cinqüenta cruzeiros por dia de filmagem. Acontece que estas nem sempre eram realizadas, levando a artista a passar fome e a atrasar-se no pagamento da pensão em que morava.

Desconhecendo, por completo, todo o mecanismo da arte cinematográfica, Dina Teresa, por diversas vêzes, tentou desistir da filmagem. Não fossem as ponderações de Luís Lopes que, na película encarnou o papel de Marialva, talvez Leitão de Barros tivesse necessidade de procurar uma substituta para viver a Severa.

No dia 17 de junho de 1931, após inúmeros sacrifícios, terminava a filmagem de "A Severa", abrindo-se uma nova era na carreira artística da menina de Oliveira do Douro. E' que o filme constituiu autêntico êxito de bilheteria, mantendo-se meses a fio na tela dos principais cinemas de Portugal e do Brasil.

A PRIMEIRA VISITA AO SOLO BRASILEIRO

Animada pela aceitação de "A Severa" e cobiçada pelo empresário Francisco Serrador, Dina Teresa resolve cruzar o Atlântico, a fim de trazer seus agradecimentos ao público brasileiro. Aliás, sua chegada constituiu verdadeiro acontecimento nacional. Milhares de fãs aglomeraram-se na praça Mauá para saudar a "estrêla", enquanto o saudoso cinema Alhambra engalanava-se para recebê-la. A imprensa, por sua vez, abria colunas em seu louvor, festejando-lhe a visita.

Enquanto isso, o povo carioca, dando expansão a sua veia humorística, proclamava alto e em bom tom na música popular:

Acabou-se o tempo da vovó,
Quem manda é a Severa
E o cavalo Mossoró...

Isto, atendendo que na época em que a "estrêla" pisava a terra brasileira, o valente puro sangue nacional vencia o "Grande Prêmio Brasil", colocando-se no mesmo pé de popularidade, alcançado pela artista portuguêsa.

(Continua na pág. 52)



A cantora numa cena de seu célebre filme "A Severa", que, apesar de já muito antigo, ainda arrasta multidões de fãs, como acaba de suceder no Rio.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 35 ★ 30-8-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Dina Tereza ficou solteira (Armando Migueis) 3/ 6
O último capítulo da tragédia nas selvas 11/13
Melhor que Takarazuka (Tito Silveira) .. 16/19
A terra não pesará sôbre Eva Perón .. 28/31

LITERATURA

A batina e o bacamarte (Luiz Cristóvão dos Santos) 7
O pequeno conto (Geo William) 8
A semana literária (Edmundo Lys) 14/15
Nhana Grande (Afonso Celso de Oliveira) 23
A festa da cruz da Ana (Ruth T. Valadão) 25

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana (Elmano Cardim) 9
A Revista há 50 anos 10
Lido... visto... ouvido... (Jim) 20/21
Puxe pelo cérebro 44
Passatempo (Renato Cartaxo) 45

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (Michel Davet) 24/25

FOLHETINS

Filho, meu filho 32/33
As aventuras do Capitão Bob 42/43

FEMININAS

Givenchy 35
Faça você mesma êste vestido 36/37
Nenufar 38/39
Esquisitices (Isolette) 44
Rotina de Beleza 45
Week-end na cozinha 48
A saúde do bebé (Dr. Sabóia Ribeiro) .. 52
À luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga) .. 53

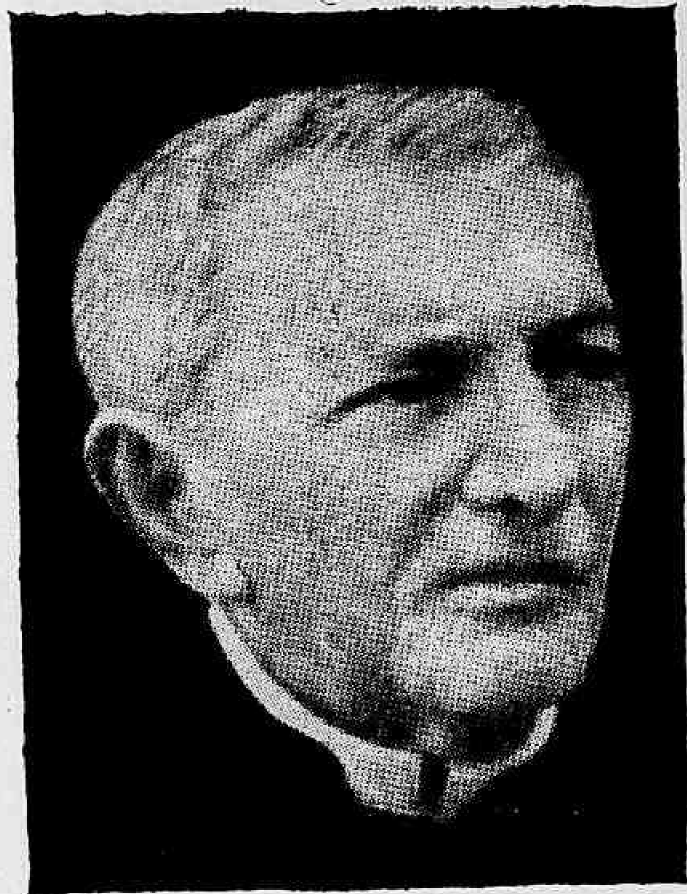
CARICATURA

Êste mundo e o outro (Darcy) 27

CAPA

Debbie Reynolds (Foto M. G. Mayer)

A BATINA E O BACAMARTE



Meti gasolina no tanque, mudei os pneus do carrinho Ford-37 e "queimei o chão", de rota batida para Juàzeiro do Padre Cícero. Era dezembro, a poeira sufocava e nos lados da estrada mulungus floriam vermelhos, como pinceladas de sangue, na paisagem cinzenta.

Saí de Arcoverde, ainda madrugada, os galos cantando e a terra a cheirar, molhada de orvalho. Em Salgueiro, deixei Pernambuco e à direita tomei a estrada do Ceará. À tardinha, divisei, campeando na linha do horizonte, azulada e formosa, a serra do Araripe. E quando as estrêlas faiscaram sôbre as carnaubeiras do Cariri, avistei na planície a cidade do Juàzeiro, prestigiada pelo nome do Patriarca, cuja fama eu guardava desde menino, através das histórias que ouvira.

Um dia, ali chegara, obscuro e humilde, um jovem padre recém-ordenado, que se chamava Cícero Romão Batista, de gestos mansos e voz pausada, pregando o Evangelho e ensinando naqueles mundos ásperos os tranqüilos caminhos da Fé. Naquele tempo Juàzeiro era um arraial miserável, de oito a doze casas de taipa, tendo ao centro, esburacada e feia, uma capela modesta. A princípio ninguém deu pela presença daquele padre moço, de estatura mediana e olhos claros, que não tinha horas para repousar, montado numa burra, a percorrer a paróquia imensa, não deixando moribundo sem prece e pagão sem batismo, casando os amancebados, pregando contra o furto, a mentira e o adultério. Esbanjava energia, dormindo aqui e amanhecendo acolá, de batina surrada e o fogo da mocidade brilhando na face morena.

Homem simples e caridoso, o padre se transformou no chefe daquela gente. Arregimentou a malutada para a construção de uma igreja maior. E todo o mundo carregou pedra e madeira, dando um dia de serviço, "adjutório" a "seu" vigário.

Então deu-se o fato assombroso. Começaram a surgir as histórias que aureolavam o padre de um halo de santidade e lhe emprestavam um fascínio de taumaturgo. Comentavam-se os "causos", as curas miraculosas, os sonhos proféticos do "Padim Cisso", a expulsão do "capa-verde" do corpo dos "renegados", todo um rosário de crendices e de superstições que alimentavam na alma rude daquela gente a vocação do fanatismo à procura de um "santo", para o messianismo que rolava nas veias jagunças. Era o sebastianismo caboclo encontrando o seu Alcacer-Kibir de barro e de taipa, emergindo dos mundos da "caatinga". Enquanto isso, um aluvião de estampas, medalhas e "breves" inundava os sertões, levando a tôda parte a efígie serena do padre. Aconteceu então o milagre — o único, o real, o indiscutível. De simples arruado, Juàzeiro se transformou ràpidamente em cidade, nascida à fôrça do fanatismo e da crendice. As dez casas de taipa se multiplicaram, da noite para o dia. Ruas tortuosas, subindo e descendo as ladeiras, cemitérios, praças, ranchos, igrejas, tudo brotando do chão áspero, entre ladainhas e disparo de bacamarte, o lugarejo acolhendo como um desaguadouro de destinos humanos, os tipos mais diversos — bandidos, beatos, missangueiros, aleijados, cegos, ladrões, trocadores de cavalos, vendilhões de rosários, irmanados pela fôrça do fanatismo. Para receber a bênção do "Padim" corriam ao Juàzeiro milhares de sertanejos, vindos do Amazonas à Bahia; e êle, de batina surrada e cajado à mão, curvado e envelhecido, era a maior fôrça espiritual dos sertões. Depois vieram os fatos que abalaram a história da "cidade santa"; a beata Maria de Araújo, o decreto do Papa ordenando que o Padre se retirasse de Juàzeiro, sob pena de excomunhão, a luta política de Franco Rabelo, os rompantes de Floro Bartolomeu, Lampeão nomeado "capitão" e enlaçando no seu mosquetão o rosário da Virgem-Mãe.

Quando o Padre morreu, milhares de afilhados choraram em tôrno daquele corpo mirrado que a morte vergou quase aos cem anos de idade, sem contudo lhe abalar o prestígio na alma da sua gente.

Combatido por uns, amado por outros, ainda hoje em redor da sua sepultura humilde, os "afilhados" se reúnem para evocar o taumaturgo. Uma coisa ninguém pode negar. Padre Cícero com a legião de seus romeiros, foi o fundador daquela cidade — a única no Brasil que prospera nascida da crendice e do fanatismo do povo.

Se o sentimento de fé da matutada não removeu montanhas, todavia, ao som das ladainhas e dos benditos e do estrondo dos trabucos, levantou na planície do Araripe a cidade onde o povo do Nordeste ia rezar, como em uma Jerusalém mestiça. E êsse, foi, em verdade, o grande milagre que aconteceu no Juàzeiro do Padre Cícero.

LUIZ CRISTOVÃO DOS SANTOS

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: I. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 6º — Telefone: 34 1569

Diretor: **GRATULIANO BRITO**
Redator-Chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**
Paginação de **VICTOR TAPAJÓS**
Desenhos de **ALBERTO LIMA**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ **Publicidade:** 22-9570 ★ **Portaria:** 22-5602 ★ **Gerência:** 22-8647 ★ **Contabilidade:** 22-2550

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

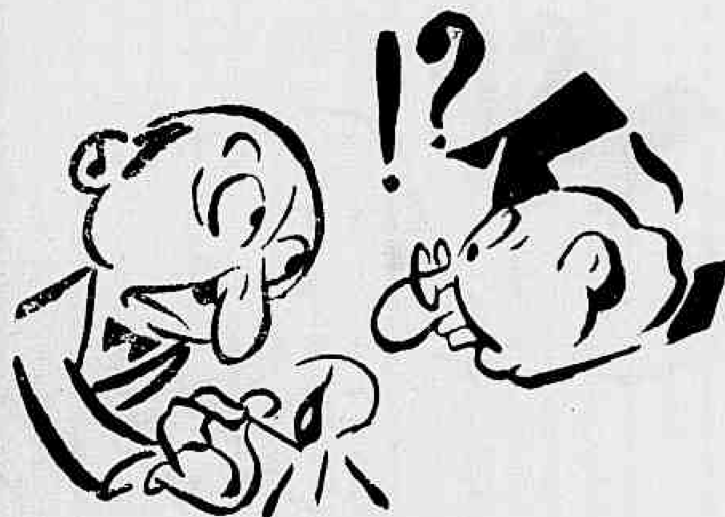
Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

PEQUENO CONTO

JUSTIÇA...

Por GEO WILLIAM



OS debates prolongavam-se. A sala estava superlotada. Um júri verdadeiramente sensacional aquêle. Um julgamento que congregava as maiores figuras do Forum da cidade. Tanto acusação como defesa brilhavam. Um duelo de oratória que às vêzes arrancava aplausos da assistência, os quais eram imediatamente abafados pelo enérgico martelar do juiz. Houve ameaças de mandar evacuar a sala. A promotoria lançara mão de todos os elementos, truques, encenações para impressionar os doze jurados, entre os quais cinco mulheres. A palavra fluente do acusador, suas manchas de efeito, seus arrancos, calavam fundo no espírito daqueles que deveriam julgar o semelhante, esmagado na cadeira, pela potência da palavra incisiva, rude, cruel até do acusador. A defesa lutava bravamente com tôda a paixão própria de quem acredita firmemente na inocência do acusado. Assim num fluxo e refluxo, a assistência ia se embevecendo com êsse duelo de verdadeiros gigantes da oratória e da palavra.

★

O caso era difícil para a defesa. Uxoricídio. Mas havia antecedentes que atenuavam a ação criminosa daquêle homem desfeito, precocemente envelhecido pela dor espantosa, suportada antes e depois do crime. Escravizado, brutalizado pelo gênio irrascível da espôsa, vilipendiado em sua honra, vergado à vergonha de uma existência feita de escárnio, de imposições e de maus tratos, matara num assomo de rebeldia súbita. Matara, insurgindo-se contra o monstro que o perseguia impiedosamente. Fôra mais uma legítima defesa do que um uxoricídio pròpriamente dito. Havia provas testemunhais, demasiadas até! O desfilar das testemunhas esclareceu todos êsses pontos, aureolando de clara luz o mísero que lá estava para responder perante a sociedade o ter eliminado o algoz de muitos anos!

★

Houve réplica e tréplica. As matronas sentadas no banco dos jurados já tinham resolvido: condenariam. Por muito favor iriam conceder atenuantes. Perturbação de sentidos. E quando os jurados trancaram-se na sala das deliberações, a discussão prolongou-se por várias horas.

Culpado! Eis a quanto tinham chegado os julgadores. O juiz, lendo a decisão, condenou a quinze anos o farrapo humano.

★

Um sorriso amplo festejou o rosto do promotor. Ganhara a partida levando de vencida um dos príncipes da criminologia. Estava satisfeito. Eis que o defensor, avançando no espaço livre, curva-se e acende seguidamente uns fósforos. Todos ficam olhando, sem saber do que se trata. O juiz, intrigado, curvando-se por sôbre a sua mesa, perguntou:

— Que está procurando senhor advogado?

— A justiça, meretíssimo juiz. A justiça que se perdeu nesta sala. — (IPA).

A Semana E

Do Nordeste ao Prata



QUATRO paraibanos da cidade de Campina Grande chegaram ao Rio em bicicleta. Traçaram um plano audaz: pedalar lá das altiplanuras da Borborema, na Paraíba, até à capital da Argentina. Os autores da proeza se chamam: José Faria Barros, Manuel Fiúme Gonçalves, Aurélio Ataíde de Almeida e José Gonçalves de Almeida, todos êles filiados ao Clube Ciclístico de Campina Grande, naquele Estado. Os quatro rapazes partiram de sua cidade a 8 de junho próximo passado e chegaram ao Rio a 10 de agôsto, cobrindo uma extensão de 3.661 quilômetros, atravessando o Brasil por vários Estados, pelas estradas boas e ruins do nosso sertão. No Rio iriam descansar uma semana, continuando a viagem para S. Paulo, de onde rumariam para os Estados do Sul, devendo penetrar em território argentino, talvez pela ponte internacional de Uruguaiana. A Confederação Brasileira de Desportos os recebeu, e ali os rapazes ciclistas deram informações à imprensa acêrca do programa a seguir. Estavam êles com vontade de visitar o Presidente da República, não sòmente por um dever, como pelo fato de precisarem de auxílio financeiro capaz de ajudá-los a chegar ao final do empreendimento. A travessia de Campina Grande até ao Rio foi muito cheia de dificuldades, especialmente as causadas pela carência de recursos em dinheiro. Mas, apesar dos percalços, estão animosos, e esperam chegar a Buenos Aires. Mas o diabo é a volta? Como regressarão êles?

A Casa do Estudante

ACABA de completar seu 23.º ano de existência, a "Casa do Estudante do Brasil", com sede na rua de Santa Luzia. Foi seu fundador o Sr. Pascoal Carlos Magno, tendo continuado a nutri-la a dedicação de Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. Trata-se de uma instituição das mais úteis e dignas de apoio. O seu programa é de larga visão das coisas e dos problemas da mocidade estudiosa, e a "Casa do Estudante" vem amparando e acolhendo estudantes pobres do Rio e dos Estados, proporcionando-lhes assistência e as mais variadas formas de atividade cultural e esportiva. Comemorando a data natalícia, a diretoria da grande instituição estudantil organizou vasto programa festivo, à qual compareceram associados, pessoas dedicadas à classe, etc., consolidando-se cada vez mais o prestígio da "Casa do Estudante do Brasil". A mocidade brasileira muito pode fazer pelo progresso de sua classe através de sua organização. Cursos de extensão cultural, conferências instrutivas, aulas de disciplinas indispensáveis ao desenvolvimento dos jovens estudantes, tudo isso terá o maior resultado no aproveitamento futuro dos homens do Brasil. Não nos devemos dedicar, quase que exclusivamente, ao "mens sana in corpore sano", ao lado dos esportes, a cultura do espírito e do cérebro no sentido das nossas realidades ambientes e universais. Um intercâmbio intenso com as similares dos Estados, seria ainda uma boa iniciativa.



Em Revista

O século dos espertos

NUMA conferência que acaba de pronuncair no Ministério da Educação, fêz o bispo D. Helder Câmara as mais impressionantes advertências. Vamos reproduzir aqui alguns trechos da citada palestra, para que os nossos leitores tomem conhecimento dos perigos que nos rodeiam por todos os lados: "Temos a impressão — diz o bispo — de que vivemos o século dos espertos. Pode chegar o instante em que os homens mais honestos se sintam tentados pelo clima envolvente e perigoso que nos rodeia. Nem todos estão isentos de ser atingidos por êle. Os próprios pais já vão ficando aterrorizados quando contam aos seus filhos os exemplos de sua probidade e recebem dêles o epiteto de tolos e de imbecis. Daí a concepção perigosa que se vai alastrando: não adianta ser honesto. E' ingenuidade, puritanismo, remadas contra a maré. Ai daquele que se fizer de bôbo. Será esmagado pela horda dos espertos e dos sagazes. Atravessamos uma hora muito grave. E' uma gravidade tão profunda que seríamos covardes demais se não reagíssemos diante dela. As leis do Brasil estão sendo feitas no pressuposto de que todo mundo é desonesto. E acabam elas por forçar e estimular a própria desonestidade". O bispo desenvolve cerrada argumentação e mostra os pontos frágeis de nossa legislação e do crescimento espantoso dos espertos, classificação que ficaria melhor se disséssemos "espertalhões". Na sua conferência, D. Helder Câmara convoca os brasileiros para uma campanha contra os "espertos".



Os fardões do Municipal



COM o início da temporada lírica em nosso principal teatro, foi inaugurado também o novo fardamento dos indicadores do Municipal. E' um modêlo vistoso, entre a libré e o uniforme dos acadêmicos da Casa de Machado de Assis, parecendo vestimenta das côrtes de Impérios faustosos. A imprensa, em geral, não aprovou a novidade. Houve jornais que fizeram críticas contundentes, lembrando aos dirigentes do Municipal, que os modestos funcionários metidos naqueles panos coloridos, cheios de botões e vivos pouco democráticos, mais pareciam criados de libré, do que empregados para indicar lugares na platéia aos freqüentadores dos espetáculos. Não sabemos qual a impressão dos próprios interessados no indumento vistoso. Estariam êles satisfeitos com o modêlo? Ou prefeririam roupas mais simples, sem tanto enfeite? Pelo que nos conta, ainda não houve quem fôsse ouvi-los. Gôsto não se discute, diz o brocardo, e diz muito bem. E' possível que alguns dos novos fardados achem aquilo uma fantasia imprópria, enquanto outros julguem estar uma beleza, muito estética e apropriada para os seus fins. Indiscutivelmente, há em tôdas as classes uma tendência para abolir certas exteriorizações. Ainda nos lembramos daquele famoso e volumoso porteiro do Pálace-Hotel. Sua farda era uma das mais berrantes da cidade, e causou sérios embaraços aos recrutas que chegaram aqui pela revolução de 1930. Muitos lhe faziam continência...

A personagem DA SEMANA

NOSSO país, que se vem fazendo lembrado no exterior, especialmente na Europa, através de músicas populares e ramos de esporte, tendo agora mesmo conseguido boa atuação nas Olimpíadas de Helsinki, precisava mostrar aos povos do Velho Mundo que, também aqui, rendemos nossos tributos à cultura do espírito e às conquistas da inteligência nos diversos ramais do saber humano. Foi com essa finalidade que estêve em vários países da Europa, o conhecido intelectual e político, Professor Afonso Arinos de Melo Franco, o qual foi designado pela Universidade do Brasil, para dar um curso na Universidade de Paris. O Prof. Afonso Arinos, não sòmente se desincumbiu magnificamente da delegação de nossa mais importante Universidade cultural e científica, como ainda visitou muitos outros países, dentre os mesmos, Espanha, Itália, Suiça, Portugal, Alemanha e Inglaterra, quando teve ocasião de entrar em contato com os mais cultos centros de espiritualidade e inteligência, de- batendo com os intelectuais de lá, assuntos palpitantes dos problemas mundiais. O deputado e Prof. Afonso Arinos, acaba de regressar dessa sua excursão, tendo viajado pelo transatlântico inglês "Andes". À sua chegada, a reportagem afluiu ao convés do navio, procurando ouvir o ilustre patrício, que se não esquivou de falar sôbre tudo o que lhe foi dado examinar e observar. Falou sôbre as devastações de Francfort, cidade ainda em ruínas, apesar dos esforços para sua restauração; referiu-se ao imenso "deficit" de moradias em muitas das cidades devastadas pelos bombardeios da última guerra, o que força os seus habitantes a morar por entre os escombros; muito o impressionou a particularidade de serem os antigos abrigos anti-aéreos, locais onde funcionam bares e restaurantes subterrâneos. Mas, quando os repórteres lhe pediram uma palavra sôbre política nacional, o Sr. Melo Franco se recusou delicadamente, alegando que se achava afastado do país há vários meses, não lhe sendo possível entrar na análise dos acontecimentos, nem fazer comentários. Mas, seria curioso saber-se qual o choque de sensação experimentada pelo sensato político, nessa transição entre aquêles meios cultos e o momento atual brasileiro. E até parece que êle não estava com muita pressa de chegar, pois que preferiu o navio...

MOLDES DE CAMISAS FRANCESES

Moldes de camisas passeio e esportes, cuecas, pijamas, robes e blusinhas, importados da França pela Distribuidora de Moldes Franceses — Av. Rio Branco, 277, Grupo 606 — Rio — Enviamos pelo Reembôlso.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL - HORMON nº 1: e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



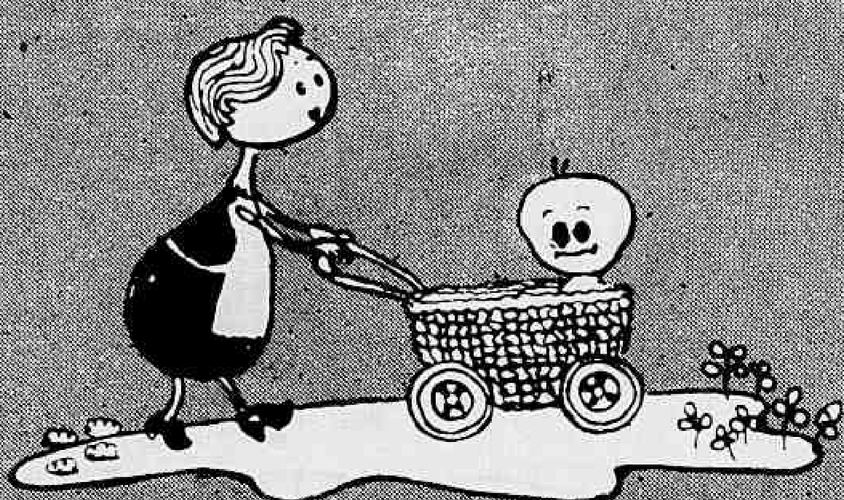
CONTOS PARA A "REVISTA"

Em face do grande acumulo de contos, a redação resolveu suspender o recebimento de novos originais. Os que foram recebidos até agora serão julgados e os aprovados serão publicados.

ESTE MUNDO E O OUTRO

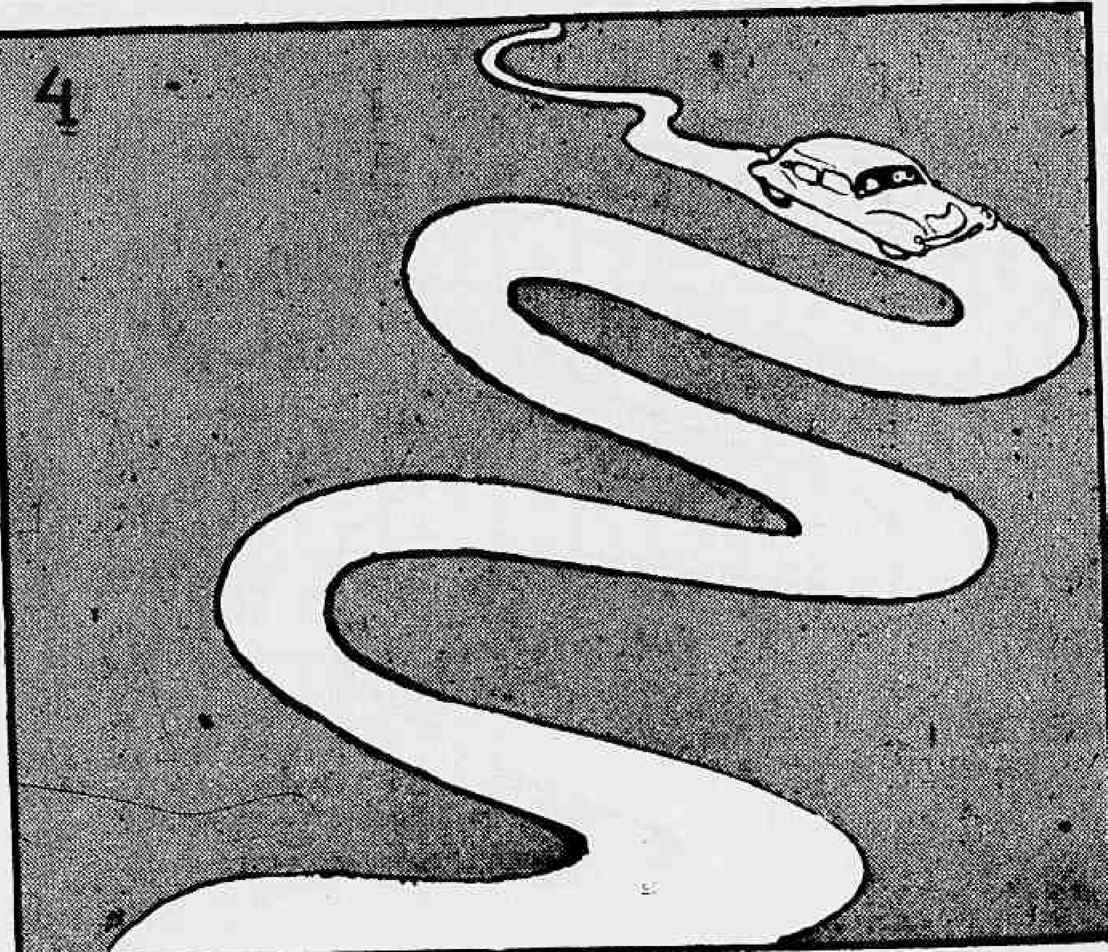
VAI RODANDO...

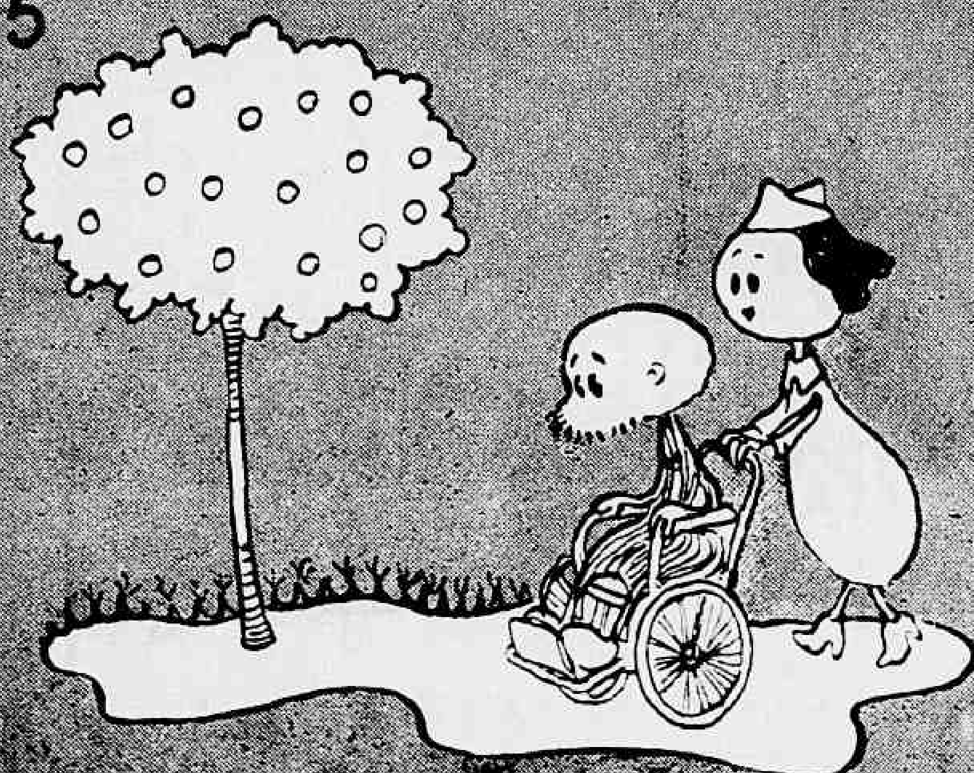
Criação de DARCY

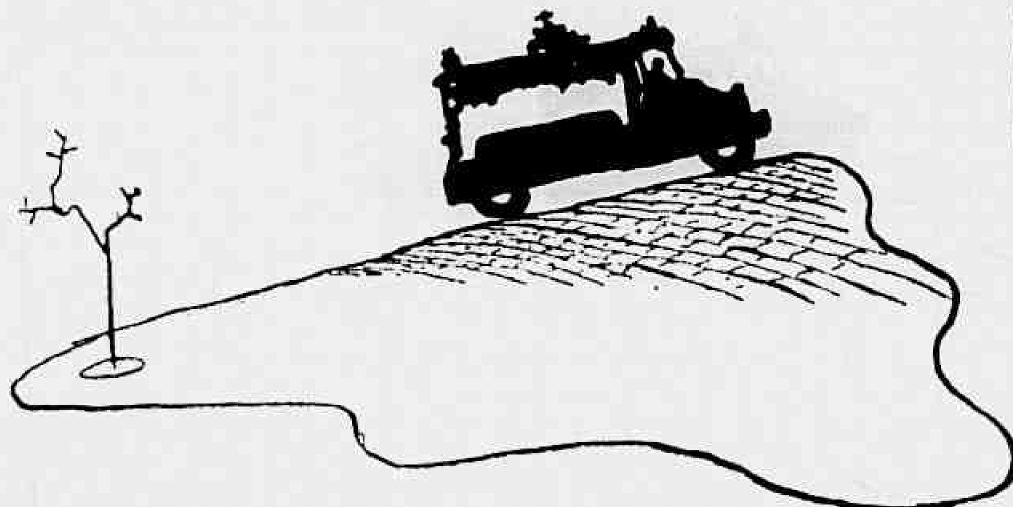














Em sacos de matéria plástica foram colocados os despojos das vítimas, sem qualquer identificação, excetuado o corpo do Dr. Murilo Braga, com um ramo.

O ÚLTIMO CÁPITULO DA TRAGÉDIA NAS SELVAS

CENTO E VINTE E DOIS DIAS DEPOIS ★ MAS JÁ SE HAVIAM SEPULTADO AS ESPERANÇAS ★ O DESTINO DE MURILO BRAGA ★ O CORTEJO DO SILÊNCIO E DA DÚVIDA ★ SÓ UMA CERTEZA

Texto de **RENATO DE ALENCAR** ★ Fotos de **NILO VELOZO** e **FERREIRA LIMA**

O fim trágico do grande avião se revestiu de características inéditas em nosso país. Sempre que há um desastre dessa natureza, os mortos são chorados sem as torturas das etapas dolorosas por que passaram os vivos que ficaram. Primeiramente a incerteza do local em que teria caído o «Presidente». As mais fervorosas preces foram dirigidas aos céus implorando a misericórdia de um milagre. Onde estaria o possante cruzador dos espaços? E as vigílias de mães, irmãs, amigos, pais e filhos, unindo-se num só elo de dor, sentiam o horror de uma tragédia em plena selva bravia da Amazônia enigmática, com os seus mistérios e os seus perigos inevitáveis. Onde estariam os entes queridos que iam pelos ares, a milhares de metros do solo, com destino ao maior centro de cultura e civilização do mundo?

Esta a primeira etapa de cruéis angústias. A segunda, foi aquela da primeira notícia: «Localizado o avião». Haveria sobreviventes? Êles estariam vivos? Outra vez os mesmos olhos choraram, outra vez as mesmas lágrimas rolaram. As notícias mais desencontradas cruzavam de lado a lado do Brasil e repercutiam no estrangeiro. Nossa terra se cobria de luto. Era a maior catástrofe aérea até agora registrada. E os olhos dos parentes, dos pais, dos irmãos, voltavam a dirigir-se a Deus rogando a misericórdia de um milagre: «Salvai-os, Senhor!»

A floresta imensa e impenetrável, porém, não permitia que os vivos vislumbrassem sinais de morte ou de vida. A mancha colossal no âmago da mata apresentava sinais de lava já extinta. A imensa cicatriz nas selvas, era o ponto de referência que designava o túmulo descomunal da meia centena de passageiros e tripulantes do poderoso avião; mas... estariam vivos? E a angústia permanecia nutrindo o pranto doloroso de todos os corações em prece.



O major-aviador Melo Basto contando dólares encontrados nos restos de roupa do Dr. Murilo Braga.

O ÚLTIMO CAPÍTULO DA TRAGÉDIA

E veio a terceira etapa: todos mortos! Já não havia mais esperanças. A luxuosa nave dos espaços não era mais do que um montão de cinza, pó, ferros emaranhados e restos de corpos humanos irreconhecíveis. Pela terceira vez as lágrimas deslizaram pelas faces dos que ficavam sem esperanças e sem consôlo No amargor de uma expectativa cruel, os parentes ficaram sobressaltados: teriam sido devorados pelas feras? Teriam morrido de inanição, dada a mortificante demora de socorros?

Mais uma etapa, a quarta: aventureiros se encaminham para o local do desastre em busca de haveres em jóias, dinheiro e objetos dos acidentados. Dos garimpos e dos acampamentos adjacentes, mateiros conhecedores da região se apressavam para preceder os expedicionários que se dirigiam ao local da catástrofe. E os corações aflitos perguntavam ao firmamento mudo: Não veremos, sequer, os objetos de nossos entes queridos? Uma medalha, uma cruz, um livro? E voltavam os olhos a verter aquelas lágrimas ardentes como braza liquida.

E quando já se sentiam estancados os olhos exaustos, vem a derradeira etapa, talvez a mais triste e angustiosa: onde estariam os restos mortais do ser idolatrado? Na qualidade enorme de esquifes jaziam os despojos de todos os mortos. Como identificá-los? Como saber que, naquele caixão estaria o filho desta mãe esmagada pela dor? Os féretros eram todos iguais, numa só moldura negra com os frisos dourados. Como ajoelhar-se diante daqueles corpos aos pedaços, e chorar pelo ente querido que não voltaria mais?

Nunca se viu mais verdade do que desta vez: a morte igualando a todos. E então todos os olhos se uniram para uma dor igual. As lágrimas da última etapa dessa «via crucis» inédita em nossa terra, brotaram em traços reluzentes e ensoparam o regaço das mães inconsoláveis fazendo lembrar os versos daquele outro anjo de sofrimento, Auta de Sousa, quando disse:

Na terra se chora tanto
Que, se Deus guardasse o pranto
Que o mundo inteiro derrama,
Dos astros lá do Infinito
O chôro do pobre aflito
Podia apagar a chama.
Mas todo o pranto que desce
Por nossa face, parece
Que Deus o transforma em prece...
E a prece, cheiroso incenso,
Nas asas do vento imenso,
Se perde no azul dos Céus
Buscando o seio de Deus.

(Cont. na pág. 55)

O Brig. Aboim, diante daquelas jóias calculadas em 500 mil cruzeiros, medita na fragilidade dos homens.



Ao pé da serra de Tamanacu, são colocados na urna os restos de Murilo Braga.



Estas cinzas, êstes ossos calcinados, êste corpo convertido em pó, de quem será?



No emaranhado da mata que se supunha infestada de caiapós, o que não se confirmou, logo que foram recolhidos os despojos, ordenou o Brig. Edgar Tostes que funcionasse o lança-chamas em tôda a área do acidente, como medida de higiene. E as labaredas puseram ponto final numa catástrofe que jamais esqueceremos.



À margem do rio Beleza, os despojos chegavam em jipe, sendo postos em urnas.



O major Leal Neto e Orlando Vilas-Boas recolhendo os restos mortais das vítimas.

SEMANA LITERÁRIA

UM AUTOR:

ASCENDINO LEITE

O AUTOR DA "VIÚVA BRANCA", nordestino de boa cêpa, não nos quiz contar os dramas ásperos de suas ásperas paisagens natais. Poderia ser isso simples atitude, se Ascendino Leite não pertencesse à geração dos que nasceram depois da primeira Guerra Mundial. Quando êle chegou, o Nordeste fôra um "assunto", iniciado com "A Bagaceira" e elevado às culminâncias na sua função de material romanesco, pelos romances admiráveis de José Lins do Rêgo.



Ascendino não é um exemplo de rebelião, apenas. Êle se sentia destinado, por vocação, ao romance psicológico, em plena floração, no seu momento, que é êste.. Isso, quer por uma condição de época, pelas contingências do momento que atravessamos, como pela própria formação cultural de sua geração, anciosamente voltada para os problemas do espiritual. Se a geração anterior de romancistas se conservou fiel a Taine, a que veiu depois é essencialmente bergsoniana. As angústias interiores e os conflitos morais têm mais valor para os novos romancistas do que as imposições do mundo exterior, "meio" de seus heróis.

O caso de "A Viúva Branca" está assim perfeitamente explicado. Mas, não é do livro que tratamos aqui, embora seja essa a maneira de melhor tratar de seu autor. Esta nota em que registramos o aparecimento de "A Viúva Branca" (edição da Organização Simões, primeiro volume da série "Machado de Assis") visa apresentar aos leitores desta página o novo romancista brasileiro, cuja estréia, no gênero, foi precedida pela obra do crítico avisado e do contista, como pela atividade do jornalista que se criou um singular prestigio na imprensa brasileira, fazendo seu nome justamente respeitado.

Nascido a 21 de junho de 1915, no municipio de Conceição, Estado da Paraíba, Ascendino Leite publicou um livro de crítica, "Notas Provincianas", o ensaio sôbre "Estética do Modernismo", além de muitas páginas de ficção e de crônica, em revistas e jornais de cultura.

Estreando-se agora no romance, marca com seu primeiro livro do gênero, uma vocação forte e expressiva que, desde já nos faz prever, para o romancista, uma carreira brilhante em nossas letras.

★ RECITAL DE POESIA

Coroou-se do mais completo êxito, o recital poético que, em dia dêste mês, a poetisa e declamadora Dulcinéa Paraense realizou na A.B.I.

As excepcionais qualidades da "diseuse", já conhecidas em alguns meios culturais brasileiros, teve sua consagração na noite da Casa do Jornalista, para onde acorreu um público curioso de comparar com os fatos as referências impressas sôbre a declamadora que já se impôs como a maior intérprete atual da poesia moderna, cujos valores sua arte sutil e expressiva põe em evidência, dentro da maior severidade de tratamento, sem qualquer afetação, sem a virtuosidade exagerada que compromete tantas declamadoras.

Ainda há dias Manuel Bandeira falava do "declamatório" com que são vitimados pelos intérpretes, os poetas modernos. Gostaríamos que êle estivesse nesse recital de Dulcinéa Paraense: iria o poeta verificar como as boas lições da declamação moderna têm por parte de Dulcinéa Paraense um culto extremado.

Ela realmente aparece entre nós como, depois de 22, apareceu, para interpretar os modernistas, a arte ímpar de Eugênia Álvaro Moreyra, quem revelou entre nós, com seus próprios acentos, a "Nêga Fulô", de Jorge de Lima, como tantos outros poemas do tempo. Dulcinéa vem nos dizer, numa voz nova, numa escola de interpretação inteiramente sua, com talento e real sentimento da poesia, os novos valores de nossa lírica. Essa arte pessoal e expressiva da poetisa é também válida na interpretação dos poetas antigos, mesmo dos clássicos. Contudo, é dizendo Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Vinícius de Morais e outros poetas mais novos que ela demonstra que a declamação é também uma arte criadora, sem ser preciso que o intérprete vocifere ou colabore com gestos ridículos e entonações estranhas na obra original, a fim de estragá-la.

★ CENTENÁRIO DO CONDE DE MONSARAZ

Festeja Portugal, êste ano, o centenário de um de seus filhos mais ilustres e de um dos seus grandes poetas: Antônio de Macedo Papança: Conde de Monsaraz. O lírico da "Musa Alentejana" realmente se situa entre os que mais honraram as letras e a pátria portuguêsa, opulentando a nossa língua com muitas de suas páginas mais belas e da mais alta inspiração. Entre as obras que lhe deram glória, destaca-se seu poema "Catarina de Ataíde", à ocasião do centenário de Camões, em 1880. Estreando-se o poeta em 1876, com um livro de versos, "Crepusculares", firmou-se definitivamente como um dos maiores cantores da raça com "Musa Alentejana", publicado em 1908. O Conde de Monsaraz será recordado no primeiro século de seu nascimento em abundante **in-memoriam**, com artigos, poemas e iconografia em honra do lírico de "A Filha do Sineiro". Além dessa, outras homenagens preparam para a efeméride tanto as letras como o povo e o govêrno de Portugal.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

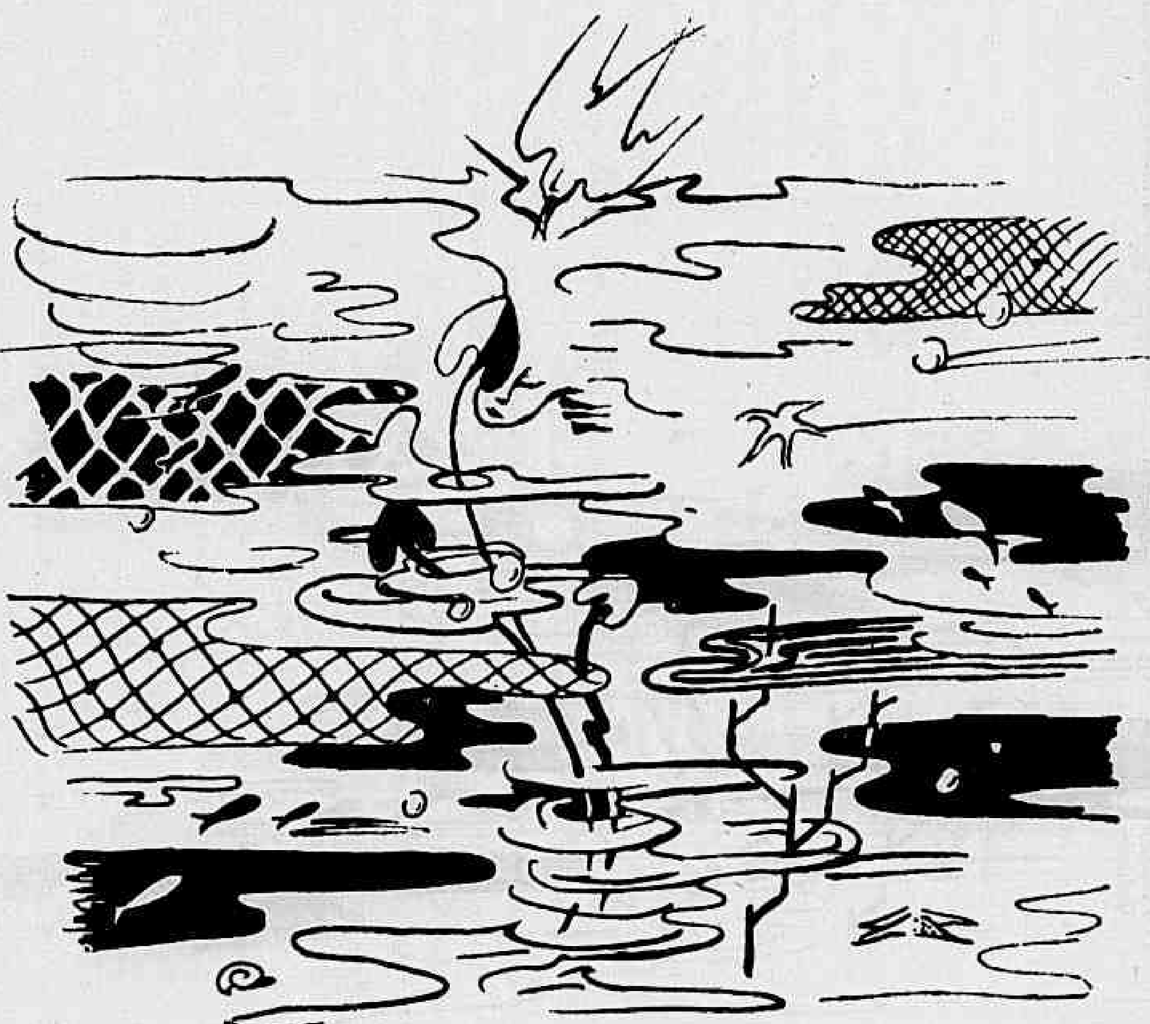
O Museu de Arte Moderna está apresentando interessantíssima exposição de pinturas, desenhos e esculturas do célebre artista europeu Mané Katz. A inauguração da importante mostra de arte estêve bastante concorrida. Entre os presentes, pudemos anotar, entre outros, os seguintes nomes: Lasar Segall, Flexor, José Geraldo Vieira, Maria de Lourdes Teixeira, Luís Lopes Coelho e sra., Sérgio Milliet, José Tavares de Miranda, Rebôlo Gonzalez, Isolina Portugal, Luís Martins, Tarsila do Amaral, Maria Leontina Franco, Milton Dacosta, Darcy Penteado, Reynaldo Bairão.

★

São Paulo atravessa uma fase de concertos, em sua totalidade, excelentes. Aqui tivemos Walter Gieseking, Alfred Cortot, Zino Francescatti, sem contarmos o grande concêrto da Orquestra Sinfônica Brasileira, dirigida pelo maestro Eleazar de Carvalho (nesse concêrto Magdalena Tagliaferro solou o Concêrto número 1, em ré menor, op. 15, para piano e orquestra, de Brahms), e com o recital de Friedrich Gulda, que executou magistralmente a Sonata número 7, de Prokófieff.

★

O escritor e folclorista Edson Carneiro realizou uma conferência, no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, subordinada ao tema: "Folclore do Negro". A referida palestra estêve bastante concorrida.



Esta é uma das ilustrações de Yedo Saldanha para o livro de canções folclóricas de Antônio Vieira, a ser lançado, em S. Luís, pelas edições "Afluente".

FORA DO PRELO

TERRA DA PROMISSÃO — Esta novela de A. B. Guthrie Jr., tradução de Edla de Ipanema Moreira, aparece na coleção Contemporânea da editôra Pongetti. Trata-se de obra característica da novela atual e que, por isso, já serviu a muitos argumentos cinematográficos.

O autor reconstitui com admirável realismo a rota percorrida por uma caravana, do Missouri ao Oregon. Focaliza com precisão geográfica cada trecho da viagem, emprestando a uma das personagens a sua própria sensibilidade e espírito de observação.

Entre os personagens dêste drama, destaca-se num comovente primeiro plano a jovem Piedade McBee, que se apaixona por um homem casado: Mack. E a cena em que Piedade descobre a sua gravidez, vendo ao seu redor uma natureza plena de fecundidade, é de um realismo impressionante, ao mesmo tempo banhada de uma suave poesia. O guia Dick, com sua filosofia de nômade; Evans, condutor de homens; Weatherby, pregador; Tadlock, politiqueiro, — são figuras perfeitamente estudadas pelo autor, sem dúvida um psicólogo e um grande narrador.

O CIENTISTA NEGRO — Ainda na coleção Contemporânea, lança Pongetti êste estudo biográfico do Dr. George Washington Carver, assinado por Shirley Graham e George D. Lipscomb.

Embora já exista entre nós outra biografia do negro genial, seus feitos são vagamente conhecidos entre nós, de onde a oportunidade desta biografia primorosa.

Panteísta místico e lírico, o Dr. Carver procurava Deus em tôdas as coisas vivas e inanimadas que o envolviam. As perguntas que os seus maiores não podiam responder o negrinho dirigia ao Senhor, que lhe respondia por intermédio de suas criações naturais. E assim, em contato com a natureza, foi seguindo a inclinação natural da pesquisa e desenvolvendo suas faculdades intuitivas.

Tôda a sua vida foi empregada em criar novas utilidades e descobrir meios de defesa para os seus semelhantes. E assim tornou-se um cientista de renome mundial, condecorado por vários governos estrangeiros, porém sempre humilde e resignado. Nunca se deixou vencer pelo cansaço ou pelo desânimo durante sua utilíssima vida de 80 anos, jamais recusando sua colaboração a todos os que necessitavam da sua ajuda.

Num gesto de raro desprendimento, abandonou todos os seus interêsses, inclusive a sua cátedra na Universidade de Iowa, para se desterrar na aridez geográfica de Alabama. Ali, onze milhões de negros vegetavam no mais extremo abandono e receberam do sábio tôda a orientação necessária para uma completa recuperação social.

E' uma vida exemplar a que se espelha neste livro, digna de ser conhecida e difundida através de suas interessantes passagens.

O menino

Foi no mês de março
E aconteceu um poema
De uma ternura tão simples...

Apenas serviu de motivo
A saudade da infância,
Na semelhança do menino
Que passou na minha rua.

LYCIO NEVES

O GRANDE ENSAIO — Os editôres Pongetti apresentam, neste volume, a história da Constituição dos Estados Unidos, assinada por Carl Van Doren, em tradução de Diva Miranda de Moura.

Em 1787, a Convenção Federal, criou, corajosamente, um govêrno federal. Não era mais uma liga, era um govêrno.

E' essa a aspiração de muitos cidadãos de diversas nações, convencidos de que sòmente por uma alteração semelhante da Carta das Nações Unidas, essas poderão evoluir de uma liga de Estados, para um govêrno capaz de assegurar a paz e o bem-estar do mundo.

Aproximadamente, a metade do livro é constituída de palavras e expressões textuais, dos delegados estaduais que preparam, gradualmente, essa Constituição que não emanava do cérebro dos seus patriarcas e sim da história viva do país, das suas tradições, dos seus costumes, da sua consciência, do sangue da sua raça.

A lei do sigilo, votada na primeira reunião da Convenção, se por um lado, impediu que as fontes históricas fôssem abundantes e incontestáveis, por outro provocou um paciente trabalho de pesquisa, por parte do autor de "O Grande Ensaio", buscando os jornais da época, as cartas trocadas pelos convencionais com outros homens públicos americanos e, especialmente, as notas tomadas por alguns dos delegados, em seus diários, que se tornaram os mais preciosos documentos de informações sôbre a grande tarefa.

Iremos acompanhar, em suas atividades, dia a dia, vultos dos maiores na história dos Estados Unidos: George Washington, Benjamin Franklin, James Madison, conhecido como "Pai da Constituição", Alexander Hamilton, James Wilson, Roger Sherman e outros que construíram "o maior monumento da sabedoria humana" que é, na opinião de Gladstone, a Constituição Americana.

UM LIVRO:

INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA SOCIAL

O fato de estar aparecendo já em segunda edição a grande obra de Arthur Ramos, êste primeiro volume de sua série de Estudos de Psicologia Social — que infelizmente ficará incompleta, devido à morte do eminente cientista — é suficiente para demonstrar como o público respondeu pelo mais largo acolhimento aos esforços do sábio brasileiro que nos legou, também, os mais profundos e claros estudos de antropologia brasileira, de nossas letras, além de suas obras de prestígio internacional sôbre as culturas negras no Brasil.

"Introdução à Psicologia Social" — Livraria Editôra da Casa do Estudante — foi feita com a singeleza e o sentimento de vulgarização que caracteriza tôda a obra do mestre. Foi apresentada como simples compêndio, realizada para servir ao professor da Universidade do Distrito Federal, no seu curso de Psicologia Social. Entretanto, desde que saiu dos prelos êste volume, viram todos que, sob as aparências despretenciosas da obra, o grande espírito criador de Arthur Ramos enriquecera nossa bibliografia científica com uma obra que, quer em sua parte geral, quer no que ela nos deu de particular à psicologia social no Brasil, representava contribuição pessoal inestimável ao conhecimento desta ciência nova, tão indispensável ao seu próprio desenvolvimento, como ao do conhecimento geral e aos propósitos da sociologia.

Podemos dizer, sem exagêro, que Arthur Ramos, juntando sempre à curiosidade científica o talento criador, incapaz de abordar qualquer assunto sem pôr em relêvo pesquisas próprias e novas observações e experiências inovadoras, deixou nestes estudos um amplo roteiro aos cultores da ciência psicológica e da sociologia. A capacidade de evitar todo o doutrinário, maneira bem própria dêste professor eminente que sabia ensinar, tornando fascinantes todos os assuntos, todos os conhecimentos, dando emoção aos mais severos temas e aos mais áridos assuntos que abordava, despertando o interêsse mesmo dos leigos pelos mais complexos problemas científicos — como no caso dos estudos negros no Brasil, de que foi continuador de Nina Rodrigues, dilatando os horizontes dêsses conhecimentos, e tornando-os sedutores para o leitor e provocantes para os estudiosos — é ainda aqui um dos valores desta obra que visa colocar, em têrmos simples os intrincados problemas da psicologia social, preparando-nos para a intimidade de seu vocabulário e de suas revelações.

Edmundo Lys



Flagrante do mambo-jambo nipônico, tão animado quanto a música. Os trajes multicoloridos e bizarros contribuíram para que êste tivesse grande sucesso.

MELHOR DO QUE TAKARAZUKA

ENTRE A GRAÇA DOS «MUSSUMÉS» E A RIQUEZA DOS «KIMONOS», ARTE ORIENTAL EM TRÊS PARTES ★ A COLÔNIA SE SURPREENDEU ★ O EX-BOXEADOR MATOU SAUDADES, O COMERCIANTE EXULTOU E O ARTISTA FICOU CARECA ★ UM «BALLET» NIPÔNICO NO BRASIL

Reportagem de TITO SILVEIRA



Esta foto mostra o cartaz, em japonês, cuja tradução é: "Conjunto Coreográfico de Takashi Masuda".

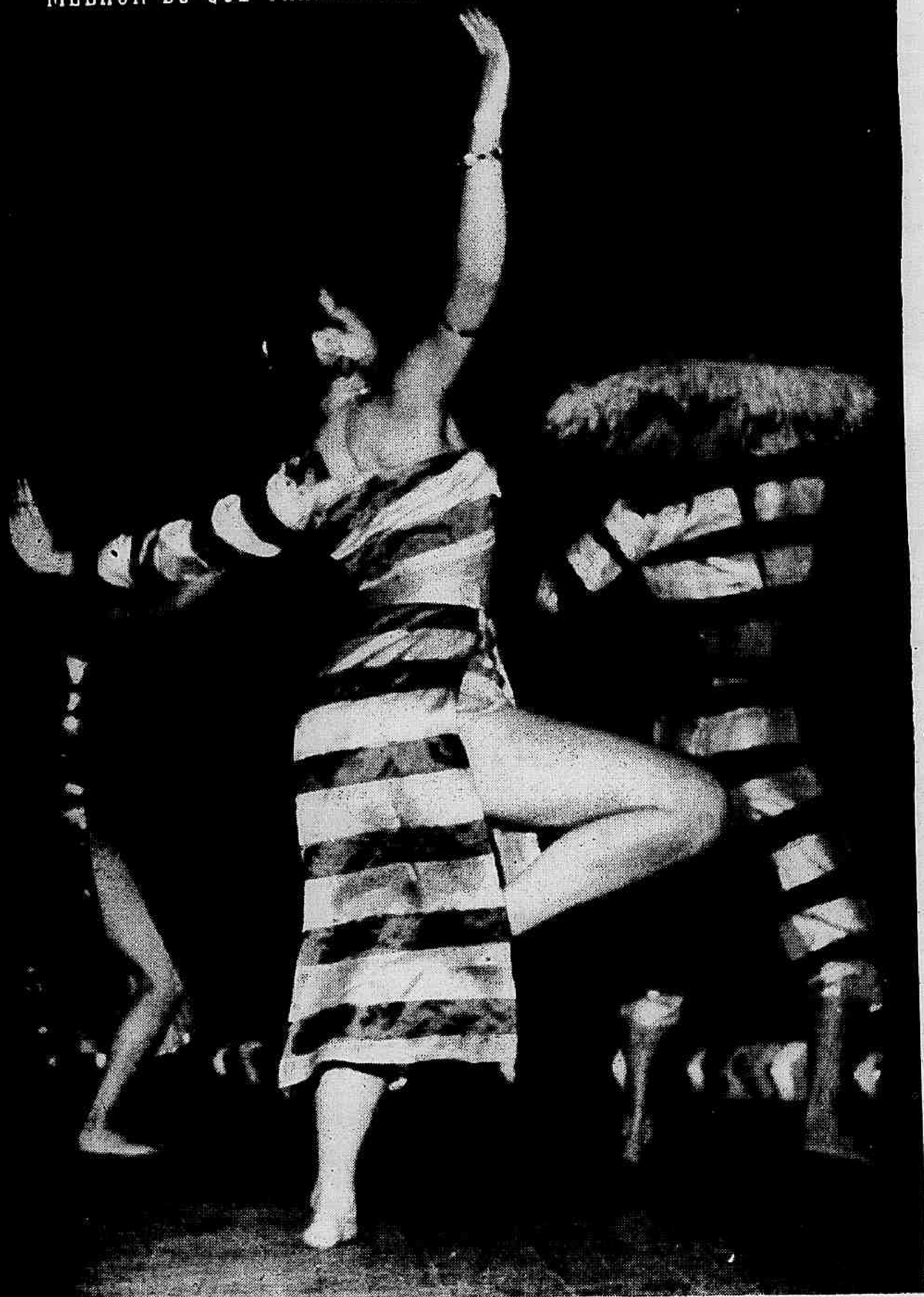
TAKARAZUKA é uma estação de repouso, no Japão. Sua municipalidade, há meio-século, construiu grandes casas de espetáculos e criou companhias artísticas para fomentar o turismo. Uma das organizações que então surgiu e se celebrizou, mais tarde até com filial em Tóquio, foi o "Ballet" Takarazuka.

Entre seus professôres atuais se inclui o Sr. Takashi Masuda — o maior expoente do bailado japonês da atualidade, segundo opinião dos entendidos da colônia nipônica de São Paulo. Um dos irmãos do artista é o importador e exportador Minoru Masuda, que reside na Capital paulista. Por iniciativa dêste, e com o auxílio do empresário carioca Luís Gonzaga Botelho, promoveu-se a vinda do Conjunto Coreográfico Takashi Masuda (Masuda Takashi Buyo Dan), do qual vieram fazendo parte duas bailarinas do Takarazuka: Fusae Toyama e Sumiko Hosoyama. Se o "ballet" visitante não é o Takarazuka, é igual ou melhor — declarou um conhecedor que já estêve no



Outra interpretação do diretor artístico da companhia, Takashi Masuda, é o "bajulador", número humorístico

MELHOR DO QUE TAKARAZUKA



Um aspecto do característico "ballet" em plena ação. No ritmo quente do mambo-jambo japonês, a platéia por vêzes nem se lembrava que estava vendo bailarinas nipônicas, tão caliente é a sua interpretação.

Japão. O repórter, naturalmente, transmite as informações que colheu em fontes autorizadas.

EX-BOXEADOR ACERTA A MÃO

A companhia veio administrada por outro irmão do Sr. Takashi, o Sr. Tatsundo Masuda, que já foi boxeador profissional na cidade de Santos, até pouco antes da guerra. Foi com grande satisfação — disse — que acolheu esta oportunidade de rever o Brasil. Só lamentava, entretanto, o pouco tempo que a companhia iria parar em cada local. De São Paulo, por exemplo, onde foram dados inicialmente cêrca de oito espetáculos, o "Ballet" seguiu em excursão pelo interior do Estado e Paraná: Bauru, Lins, Araçatuba, Andradina, Marília, Tupã, Adamantina, Bastos, Presidente Prudente, Londrina, Assaí e outras cidades. Dentro de um mês, estará na Capital Federal, onde deverá apresentar-se umas dez vêzes. Retornará a São Paulo, ainda, e depois percorrerá as principais capitais do país, começando por Recife, Pôrto Alegre e Belo Horizonte. Em seguida irá ao Uruguai e à Argentina, e, então, pela Europa, voltará ao Japão.

DUAS FACES DO MUNDO

Os espetáculos são muito interessantes, principalmente para o nosso público. Há quem diga que os assistentes nipônicos, acostumados com as danças típicas de sua terra, admiraram-se dos números apresentados por Takashi e seus bailarinos, seis moças, muito graciosas, e um rapaz, muito delicado. O público paulistano, de um modo geral, apreciou a novidade.

Dividem-se em três partes os bailados: na primeira, há números característicos nipônicos, escolhidos dentre os mais pitorescos das diversas ilhas do país das cerejeiras; na segunda parte, há bailados orientais, da Índia, de Java, de Bali, Ceilão, etc.; na última parte, há danças ocidentais, do apache ao mambo-jambo. O curioso é que tanto na apresentação oriental como na ocidental os bailarinos conseguem convencer. Há um "toureiro" capaz de arrancar "olés!" a qualquer espanhol da assistência, e "rumbeiras" que fazem vibrar os espectadores.



A foto nos apresenta o leão (shishi) Takashi Masuda, adrede caracterizado para brincar a original dança.



Mitsuko Shirogone calça sua bitá (meio-têrmo entre chinelo e meia, com divisão para separar os dedos).

BELEZAS ORIENTAIS

As bailarinas das grandes companhias especializadas japonêsas (como Takarazuka, Shotiku e Nichi Gueki), ao que se diz, são escolhidas não só pela técnica, como pela beleza física. As do Conjunto Coreográfico Takashi Masuda não fogem à regra. Embora se enquadrem nos padrões orientais, seus traços delicados que mais lembram bonecas são agradáveis ao gôsto ocidental. Fusae Toyama, Sumiko Hosoyama, Kozuê Masumi, Akemi Tani, Emi Wakahara e Mitsuko Shirogone, principalmente estas últimas, bem poderiam passar por algumas de nossas patrícias com um pouco mais de sangue indígena.



Esta garôta é uma das belezas do bailado nipônico que visitará o Rio de Janeiro: Mitsuko Shirogone.



Flagrante tomado no camarim, vendo-se a bela Sumiko Hosoyama, uma das estrêlas do "ballet".



Minoru Sanada e Mitsuko Shirogone interpretando o bailado da ilha de Kiushu, o "usudaiko", uma das danças típicas, na qual os participantes carregam complicadas armações e instrumentos de percussão.

Os trajes, multicoloridos e ricos, contribuem para o encanto de que se cercam, e a estranha fascinação de que é possuída a platéia.

NEM COBRAS, NEM LAGARTOS

O bailarino Takashi Masuda, com quem o repórter conversou, enquanto êle se preparava, laboriosamente, para interpretar o "Bajulador", inclusive "ficando" careca com o auxílio de capacete de borracha, está encantado com o Brasil. Surpreendeu-se ante o movimento e a quantidade fabulosa de arranha-céus de São Paulo, e a recepção calorosa que teve por parte do público paulistano.

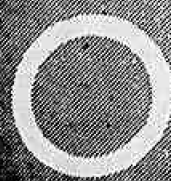
— "Já conhecia muita coisa do Brasil, pelas cartas de meu irmão Minoru, mas o que tenho visto ultrapassou minha melhor expectativa!"

O Sr. Minoru Masuda, aliás, com cuja ingerência veio o "Ballet" a nosso país, ficou muito satisfeito, também. Não só pelos resultados práticos da iniciativa, como por rever seus irmãos. Talvez, até, tenha sido essa a razão principal da idéia.

O fato é que, graças a êsses três japonêses, pôde o Brasil conhecer um dos mais curiosos conjuntos coreográficos do Japão, e contribuir para estreitar um intercâmbio artístico que deveria ser recíproco, para melhor consolidar as relações tradicionais de amizade entre as duas nações.



LIDO... VISTO... O



A Inglaterra e o Guarda-chuva

ACREDITEM ou não, esta história se passou na Inglaterra, que além de "mãe dos Parlamentos", também por outros é chamada a "terra dos guarda-chuvas"...

Contou-a o ex-senador Abel Chermont, que foi educado numa das mais célebres Universidades inglêsas. Jovem estudante estrangeiro, um dia Abel é chamado à presença do irado Deão da Universidade:

— Então, o senhor veio lá do seu longínquo país sul-americano para quebrar uma de nossas mais belas tradições?

Chermont, estupefato, diz-lhe que não sabe de que se trata. E o reitor:

— Como voltou ontem, como entrou ontem em nosso seminário?

O rapaz procura recordar-se e diz-lhe:

— Ah, sim, como chovia, entrei correndo...

— Yes, yes — e que trazia o senhor em sua mão?

— Ah, claro, um guarda-chuva...

— Well, well, e o senhor diz isso com o ar mais natural dêste mundo! Então não sabe?

— Não, não vi nenhum mal nisso...

— Bem, bem, vou acreditar na sua sinceridade e na sua ignorância de sul-americano, sôbre as nossas coisas. Pois bem. Há duzentos anos atrás, quando alguém inventou e se começaram a usar êsses tais aparelhos, hoje chamados guarda-chuvas, passava, sempre que chovia, pela nossa Universidade, um certo cavalheiro, o primeiro a usá-lo em nossa cidade. Os estudantes acharam ridículo o uso daquela novidade e passaram a vaiá-lo, tôdas as vêzes que o homenzinho passava por aqui. Um dia, enquanto os rapazes faziam enorme alarido à sua passagem, êle parou e disse:

— Dia virá em que todo o mundo na Inglaterra usará êstes aparelhos e vocês também! Os rapazes, indignados, responderam, a "una voce":

— Never! Never! (Nunca! Nunca!) E então, meu caro, estabeleceu-se esta tradição, uma das mais belas de nossa Escola. Nenhum estudante, em 200 anos, jamais a quebrou. Foi preciso o senhor, Mr. Chermont, para vir quebrar um tão sagrado compromisso!

QUEM DISSE ISTO?

41 "Os países novos carecem de constituir artificialmente a nacionalidade."

42 "Eloqüência muda."

43 "Não precisamos abolir a propriedade, porque hoje é de poucos, precisamos abrir o caminho para que muitos possam conquistá-la."

44 "Não se pode contentar todo o mundo e seu pai."

45 "A América é dos americanos."

RESPOSTA AS ÚLTIMAS

36 — Cicero, o grande político e orador romano; 37 — Thiers, estadista francês; presidente da República; 38 — Simão Bolivar, o libertador da América espanhola; 39 — São Lucas; 40 — Tácito, grande historiador romano.



UM VULCÃO SÔBRE O GÊLO

Margi... rete a...

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

(JIM)

Margie Lee, em pleno verão de Paris, apesar do calor dos aplausos, não derrete a pista gelada, em que faz as suas estupendas proezas de patinadora...

POUCAS... E BOAS..

MALAZARTE

O m'nistro das Belas Artes, em França, chama-se Monsieur Cornu, e a culpa não é minha. E' claro que muitas pilhérias correm à conta do pitoresco nome, que s. excia. ainda não teve idéia de mudar.

Há pouco, êle mesmo procurou fazer espírito com o próprio nome. A um pedinte de emprêgo, que se mostrava muito tímido por se achar na presença de tão alto personagem (um ministro!) disse êle:

— Embora eu me chame Cornu, não tenha mêdo, que não tenho chifres e não sou o diabo.

FUMANDO ESPERO...

James Andrew Smith completou há pouco 106 anos. E a reportagem de Seattle, capital do Estado de Washington, onde reside o felizardo (será mesmo felicidade viver tanto?) foi procurá-lo. Entrevistado sôbre as causas de sua longevidade o "brotinho" declarou textualmente:

"E' o fumo que conserva a gente. Ainda espero celebrar esta data muitas vêzes se o meu tabaco e os meus fósforos não me faltarem".

PAPAGAIO!...

Ela era de amargar. Vivia dizendo ao marido: "Você é um bôbo, você é um pamonha"...

E, como se não bastasse, ainda ensinou o papagaio a repeti-lo, a cada instante.

Por isso, em Los Angeles (ah, já se sabe...) Thomas R. Anderson pediu divórcio e o juiz imediatamente concedeu.

Ainda há juízes... em Los Angeles.

RESPONDA ESTAS:

41 Quem foi considerada na guerra do Paraguai "a mãe dos brasileiros"?

42 Existem mesmo elefantes brancos?

43 Quem foi, quando nasceu e morreu Franklin Távora?

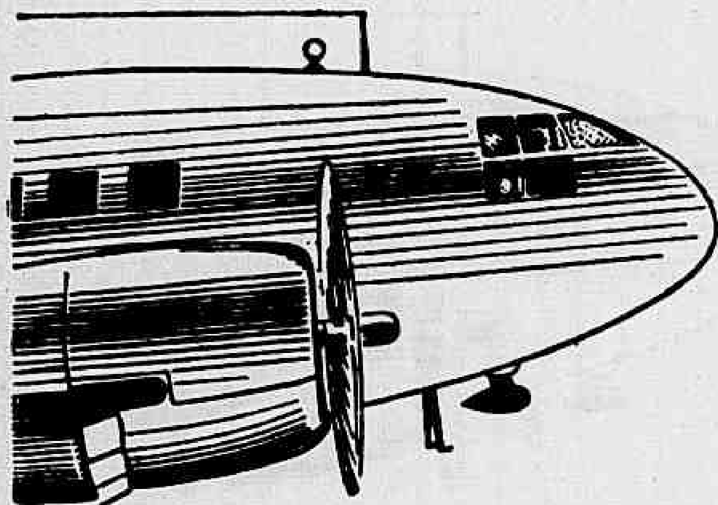
44 Que faz as pessoas terem sêde?

45 Qual o verdadeiro nome de Paul Muni?

RESPOSTA ÀS ANTERIORES:

36 — *República de San Marino;* 37 — *Charles Bonaparte;* 38 — *Barroso;* 39 — *Conserva de carne de peixe ou de gado;* 40 — *O que não paga juros, mas uma participação nos lucros.*

agora em sete horas de



ótima viagem

do Rio a

FORTALEZA

Cr$ 2.413,80

com apenas um pouso em Salvador para almôço



Aumente o prazer de sua viagem a Fortaleza provando os deliciosos e tradicionais pratos regionais da Bahia, com a oportunidade que lhe oferece o Lóide Aéreo pousando em Salvador para lhe servir um almôço quente e no confôrto de um magnífico restaurante.

Os modernos aviões Curtiss-Comando do Lóide Aéreo, com capacidade para 50 passageiros, proporcionam maior confôrto e economia na sua viagem.

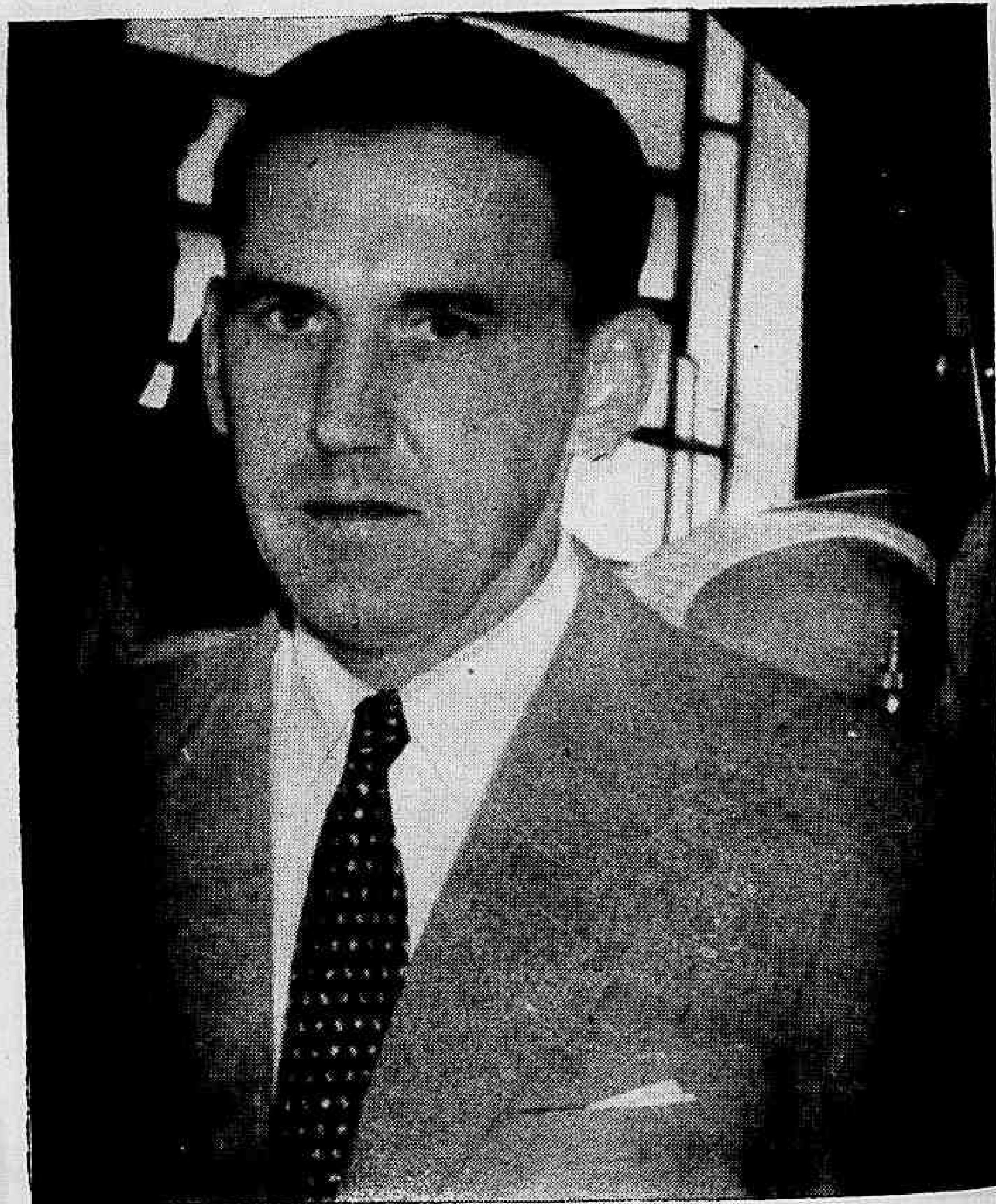
- ★ Magnífico tratamento a bordo
- ★ Horários mais adequados aos seus interêsses
- ★ Embarque e desembarque no Rio: Aeroporto de Santos Dumont

LÓIDE AÉREO

Rua México, 11 -- Tel. 42-9967 -- Gonçalves Dias, 17



NÚPCIAS: — Flagrante apanhado no dia 26 de julho p. findo, na Igreja de Santo Antônio dos Pobres, nesta capital, por ocasião do enlace matrimonial da senhorita Terezinha Ribeiro Viana com o sr. Valdemar Vieira Brandão. O jovem casal, depois da viagem nupcial, fixou residência nesta cidade.



REGATAS: — Telegrama de Estocolmo informa que o sr. Roguer Janer, no seu iate "Escapade", ganhou o primeiro lugar, na categoria dos "Dragons", nas Regatas Internacionais que se estão realizando, há dias, em Sabdham, no arquipélago de Estocolmo.

NHANA Grande

Conto de AFONSO CELSO DE OLIVEIRA

NAS barbas de S. Paulo, não nas do austero e venerando velhinho, mas, próximos da majestosa capital paulista, estendem-se vastos seriões: os da Ribeira, de Iguape ou de Juquiá, que, pelo interior, começam em vários municípios, e, entre êles, o de Pilar do Sul. Bairro do Alegre, nesse município, é uma das fronteiras. Dali começa o sertão... e a minha história. Terreno acidentado, todo crêspo de montanhas, vem desafiando a invasão da barbárie que é esta nossa venal civilização. Clima ingrato, chuvas incessantes, matas úmidas, respingantes, de árvores recobertas de musgos, gravatas e orquídeas raras, eis os característicos dessas sertanias, quase sempre nubladas e tristes. Nem por isso deixa de ter coisas belas, mesmo maravilhosas! Nos fundos grotões, ou nos píncaros coroados pelas nuvens beixas, há sempre motivos novos para êxtase e embevecimento. E às árvores nodosas, severas e tristes, as parasitas multicoloridas e alegres parecem florações extemporâneas, grudadas aos troncos em senectude.

Aqui ou ali existem claros na mataria virgem. E' o homem, êsse terrível cupim, a transformar o mato em carvão para o consumo da capital. E, nesses "buracos", ou nas periferias dos cultivados e matões, encontramos tipos de tôda espécie. Há o caboclo bom, apegado ao seu rincão, trabalhador e extremamente pobre; há o peão andarilho, eterno não-esquenta-lugar, na maioria nortistas andejos. E, para o matuto paulista, brasileiro falando arrastado é nortista. Existe, também, o tipo popular de tôda parte: o "pau-d'água", ali denominado "pacová". Vem, o nome, da gostosa mistura de pacová e cachaça. O aromático pacová é nativo nesses matos.

Havia um tipo diferente... ímpar naquelas regiões. Alguém que deixou um vácuo terrível, entristecendo grande parte de sertões: "as minhas querências", como dizia. E' com saudade que nos lembramos de Nhana Grande... Tipão de cabocla, robusta e despachada, contrastava com o comum das mulheres sertanejas: — sempre dóceis, tímidas, muita vez, escravas de maridos imprestáveis e vagabundos — genuínos "pacovás". O nome todo de Nhana? Ninguém soube dizer-me. Perguntar a ela... nunca me lembrei. Perto dela nos esquecíamos de perguntas dessa espécie. Nhana centralizava as atenções e dominava em todos os assuntos. Inesgotável repertório, tudo que dazia tinha sabor de anedotas, às vêzes... bem impróprias. Para ela não havia a barreira censora dos sexos. Conversava entre homens, como homem, sendo, entretanto, muito mulher. Quando qualquer forasteiro começava a fazer parte de seu círculo de amizade, sempre saía com esta: "Óia!?... Quarqué dia nóis vai tirá um cotejo!..." Tirar cotejo... Coisa célebre por aquelas bandas: o cotejo com o diabo em certas sextas-feiras, à meia-noite, em uma encruzilhada. Contam cada!... Prá lá de lá de curiosos são êsses "batebôcas" com o demo. E Nhana, nas conversas de assombrações e de cotejos alheios, mescla os seus feitos de coragem: "A Marica do defunto Nhô Fidêncio andava danada! Pur fôrça havera de fazê uns arranjo de casamento. Feis permessa, lidô com tuda a santaria, e, nada! Daí botô na cabeça de tirá um cotejo. Mais... i sòzinha!?..." Já sabemos: Nhana foi a companheira. Sem relógio, objeto raro pelo sertão, anteciparam muito, chegando cedo à encruzilhada.

Espera que espera... Julgavam estar amanhecendo, porém, nada de desistência. "Inté um galo agarrô de miudá" — dizia. Era sòmente "pra impuiá". Tudo na arte do capeta, tentando fazê-las desistirem. A obstinação venceu: E a noite clara e estrelada transformou-se em furacão, em negror e tempestade. Lá na frente, num remoinho turbilhonante, vinha girando qualquer coisa parecida com um coreto". O palanquim de satã, talvez. Momentos de horror e de perigo! — explicou Nhana Grande: "O inficionado vinha im riba de nóis. Eu catucava Nhá Marica: "Fala, dianho!" Quar... nem pio — cadê fala?... A coisa veio! Puis a bôca no mundo: "Te esconjuro, lazo!" E fiiz uma benzedura cua mão. O bicho estorô!... Coisa feia! Catingudo prá daná! Era fedô de intchofre... tchifre queimado... inté num sei de quê." E a noite clareou. As árvores que pareciam esgalhadas pela fúria estavam intactas. Caro custou a ela, rematava Nhana, para levar de volta a companheira. Nunca mais pôde falar. Castigo, castigo de Deus, falava a cabocla. E o que Marica (Cont. na pág. 34)



Ilustração de J. RIBEIRO

UM PRINCIPE EM MINHA VIDA

Novela de MICHEL DAVET

"MINHA Santa Maria! — exclamava. Esta menina tem sentimentos esquisitos. Gostar de ouvir gritos de coruja de noite!" — Manoue era uma criatura deliciosa. Dizia ela que apreciava mais a "música" dos sapos nas lagoas do brejal do que as suas próprias cantigas regionais. E me vinha com censuras amenas:

— Bertille, você não tem o coração simples. Ter um coração simples é o melhor meio de ser feliz nesta vida.

Manoue sofria com o piar daquela coruja. Uma vez Malique falou em dar cabo da ave noturna. Mas eu me revoltei cheia de raiva contra essa idéia. Êle persistiu e eu gritei zangada. Malique não quis ouvir nem meus gritos, nem meus rogos. Era a primeira vez que êle ficava indiferente e cabeçudo diante de um pedido meu, quer eu batesse com o pé ou me desmanchasse em gentilezas.

Naquela tarde os sinos da igreja lá da vila começaram a repicar. Uns com seus sons graves, outros mais alegres, fundiam-se num só ritmo de bronze como que chamando os fiéis para as orações e cânticos ao Criador.

A música dos sinos transpunham as colinas, atravessavam as florestas e os vales, anunciando algo de belo e doce ao mundo. O som dos campanários era um convite ao homem para olhar o céu, onde parecia desenhar-se uma porta que levava à bem-aventurança, onde não havia canseiras do trabalho, de vida, de misérias terrenas.

À direita, ao fundo do campo, estava Maxou, pequeno povoado situado a um recanto da paisagem, de aspecto amável e silencioso. Bertille gostava muito daquele lugarejo, pois os seus habitantes eram tranquilos e bons, mas as granjas estavam abandonadas, os campos morriam por falta de cuidado, as casas mal tratadas exibiam aos céus os seus tetos em ruinas. Na solidão das vinhas douradas, as árvores se erguiam baloiçadas pelo vento, vendo-se um pastor a guardar os rebanhos. Assim era Maxou, que Bertille amava profundamente. E ela rememorava:

— "Eu nasci ali, numa casinha pertencente a meu pai, e que ficava mesmo em frente à igreja. A casa era um encanto, com suas janelas arredondadas. Mais além, erguiam-se as casas de outras vilas e povoados, subindo pelas encostas, bordando as margens da estrada, descendo as colinas, desordenadamente, Brouelles, Pélacoy, Boissiere, Mas de Lacombe e tantas outras!

Estava eu engolfada em tais pensamentos, quando ouço a voz de Malique a chamar-me lá de dentro de nossa casa. Sòmente muito tempo depois foi que percebi que o tom de sua voz ao chamar-me naquela tarde, era dos mais estranhos.

Corri até êle. Mas fui exclamando:

— Eh! Manoue! Está ouvindo os sinos? Deve haver festas por aí!

Eu segurei a mão de minha velha tia e mãe de criação. Mas estava tão gelada que me fêz tremer. Por quê? Imaginei que eu devia estar quente do sol que apanhara lá fora. Malique murmurou:

— Sim, Bertille, há festa no Paraíso!

Malique ficou de pé olhando o corpo de Manoue, com doce expressão no olhar de filho adotivo, como se estivesse a ouvir-lhe os conselhos em tempos idos. Depois, voltando-se para mim, afagou-me e disse:

— Minha pobre Bertille!

Seus olhos procuraram os meus.

Eu começava a perceber tudo. Senti que meus olhos se abriam desmesuradamente e os fixava em Manoue, nos olhos dela, aquêles olhos que brilhavam e eram tão significativos, mas que já estavam tão distantes! Procurei despertá-la, sacudi o seu braço, acariciei-lhe os cabelos brancos.

— Manoue! Manoue!

Dentro em pouco meus chamados não eram mais do que gritos. Pouco a pouco eu me apercebia da situação. Segurei-lhe as espáduas rigidas, apertei-as contra mim, e fixei o seu olhar morto, aquêle olhar que se fôra sem luta, sem sonhos, sem vida. Pus-me a gritar louca de espanto, e saí a correr pela estrada.

Manoue, Manoue estava morta... Eu ouvia vozes que cantavam pelos caminhos lá de baixo, vozês que passavam. Eu já não possuia mais amigos sôbre a terra. Depois eu regressei a casa repassada de angústia e movida por imensa curiosidade lùgubre. Era um sentimento mais forte do que o meu terror, maior do que meu desespêro, e eu sentia que não havia ainda sofrido o bastante, pois que não havia ainda compreendido de todo a situação que se desenhava diante de mim.

Malique abrira a janela. Um raio de sol entrara para iluminar a morta. De longe meus olhos assustados a fitaram. Eu procurava penetrar aquêle mistério, procurava vê-la como era sempre ela, porque Manoue morta era semelhante à Manoue adormecida. Sòmente depois de alguns minutos de angustiante espera, de uma louca esperança de sobrevir algum milagre que lhe fizesse abrir os olhos e reviver, foi que reconheci nada mais ser possivel naquele corpo inanimado e frio. Eu estava diante da morte, eu "via" a morte. Sùbitamente, Manoue me pareceu estranha, esquisita, tôda entregue a êsse mistério sombrio que a envolvia, maior do que ela, maior do que nós, mais poderoso que tôdas as fôrças. Não, não, já não era mais Manoue! A Manoue que eu conhecera, aquela a quem eu amava, que me fitava com tanto amor e carinho, tudo o que nela se agitava e fremia de doçura e carícia, de atividade e coração, de malicia e de adorável ternura, já não mais existia.

E eis que se vai, se vai para não sei que outras regiões, aquêle velho coração que já vivera tanto:

— Vem cá, minha filha — disse Malique com voz muito terna. — Ela ainda é a mesma. Será sempre a mesma. Apenas os seus olhos estão fechados. Você vai deixá-la partir sem dizer-lhe adeus?

Partir! Na verdade não era mais do que uma partida mas um partir do qual não se sabe o dia da volta, nem a hora do regresso, e do qual não há mais nenhuma esperança...

Então eu me aproximei do seu corpo, encostei-me a ela, pobre estátua sem vida e de côr amarelada, cujos cabelos sem qualquer sinal de arranjo, derramava-se sob o gorro. Encostei meu rosto em lágrimas às suas mãos cadavéricas, procurando reanimá-las com o calor de meu corpo; mas senti o frio da morte a espalhar-se sôbre minhas faces.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Bertille era uma criança órfã, adotada e educada por uma velha tia, Manoue, residente numa fazendola do sul da França. Bertille, de imaginação viva, começara a sonhar com Príncipes Encantados, e, uma tarde, ao adormecer na floresta, "viu" quando seu Príncipe chegava e lhe dava um beijo. Daí por diante ela ficou perturbada, preocupando Manoue e Malique, outro filho de craição, já rapaz. Bertille já estava com dezesseis anos quando se enamorou de um outro jovem, mas seus sonhos foram desfeitos com a intervenção de Malique. Um dia, quando seu irmão de criação a defendia contra um javali, êles dois estiveram a ponto de se beijarem apaixonadamente. Mas recuaram.

Lentamente senti meu coração abrir-se e senti em minh'alma a vontade de Deus.

Malique correu à vila mais próxima. Em poucos instantes nossa casa se enchia de gente amiga, de mulheres que se ajoelhavam ao pé do leito, e faziam suas orações, a chorar de pena e saudade da velhinha bondosa e amiga. Ajudaram-nos a vestir Manoue para o seu último sono.

Momentos depois caía a noite envôlta em densas trevas. As últimas mulheres aspergiam ramos de mato molhados de água benta sôbre as mãos cruzadas de Manoue, e então partiam, cabeças pendidas para o chão, pensativas, preocupadas, vestidas de negro, envôltas em mantos negros.

Malique não concordara que ficassem conosco durante a vigília à morta. Ao próprio cura da vila êle dissera:

— Não, não, nós muito agradecemos, senhor vigário, mas a noite está muito fria. Preferimos que, pela última noite, estejamos a sós como dantes.

E quando não estávamos senão nós dois, minha dor, que, até então, eu a reprimia, estalou violenta e amarga. Malique, sem dizer uma só palavra, tomou-me entre seus braços, e, algum tempo mais tarde, esmagada pelos soluços, eu reconheci que êle era ainda o meu refúgio, meu último abrigo.

Grande círio queimava diante do leito de morte, e sua chama, longa e reta, iluminava lùgubremente o quarto onde velávamos. Vez por outra eu a fitava, com os meus olhos molhados de lágrimas. Estava sem côr, subindo aos ares como uma prece muda, frágil, implorante, e depois se extinguiria sem esperanças. À luz vacilante da vela, aquêle quarto semelhava o próprio túmulo. Mas, quando a chama se agitava, ou queimava mais fortemente, uma sombra dançava sôbre o rosto da morta tão terrível que eu não desejava ver mais coisa igual. Já parecia que eu havia derramado tôdas as minhas lágrimas, e que mãos misteriosas e invisíveis haviam aberto em meu coração o imenso túmulo de Manoue. Experimentava então estranhos sentimentos, como se eu estivesse reservando meu coração a uma grande vida, à nova vida que se abria para mim...

Eu lhe havia pôsto a touca cinzenta e aquela de "pois" e, sôbre sua saia de festa, seu avental de sêda, aquêle a quem ela tanto amava. Enchi-lhe os bolsos com trevos que iriam com ela levar ao túmulo negro o perfume dos prados.

Imagens flutuavam sôbre seu corpo estendido, sombras que surgiam, deslizavam, para depois se sumirem na penumbra. Meus olhos as seguiam fixando, de uma vez o rosto vivo e sorridente de Manoue, e aquêle semblante morto. Eu a via por aqui, por ali. Meus olhos vermelhos de chorar não viam senão a ela. Eu a via caminhando com seus passinhos pequeninos sob as árvores do terreiro. Ela ia sempre colhêr ervas para a salada, enquanto eu, trepada lá no ôlho da ameixeira, lhe jogava com mão certa, ameixas verdes no capuz.

— Oh! Menina levada!

Como eu ria! Eu ainda a via naquela tarde quente ameaçando borrasca, a subir a encosta para proteger as criações miúdas, a cadelinha a voltear em tôrno de suas pernas. Os últimos raios do sol da tarde, já turbados pelas nuvens negras a envolviam com o seu clarão alaranjado. E ela, exausta pela caminhada, sentava-se à beira da estrada a catar os gravetos que lhe penetravam a saia, olhando as criações a remoer o pasto. Em seguida chegava ao nosso terreiro, subia os degraus e atingia a porta principal. Voltava-se para a amplidão, colocava a mão espalmada sôbre os olhos e perscrutava os horizontes longínquos, na direção de Saint-Pierre, se a tempestade já vinha...

— Manoue! Manoue!

Eu nunca soube sofrer minhas dores em silêncio, nem chorar baixinho. A dor que eu sentia me forçava a gemer alto como um animal ferido. Eu sentia um sentimento de revolta contra quem me fizera tamanha injustiça, a desgraça irreparável de tirar-me aquela velhinha idolatrada. Eu detestava o que me havia ferido tão fundamente.

Malique, já alta madrugada, pegara no sono, a cabeça encostada sôbre meu ombro. No silêncio daquela noite dolorosa, ouvia-se o ruído das vacas recolhidas ao curral, ruminando e suspirando.

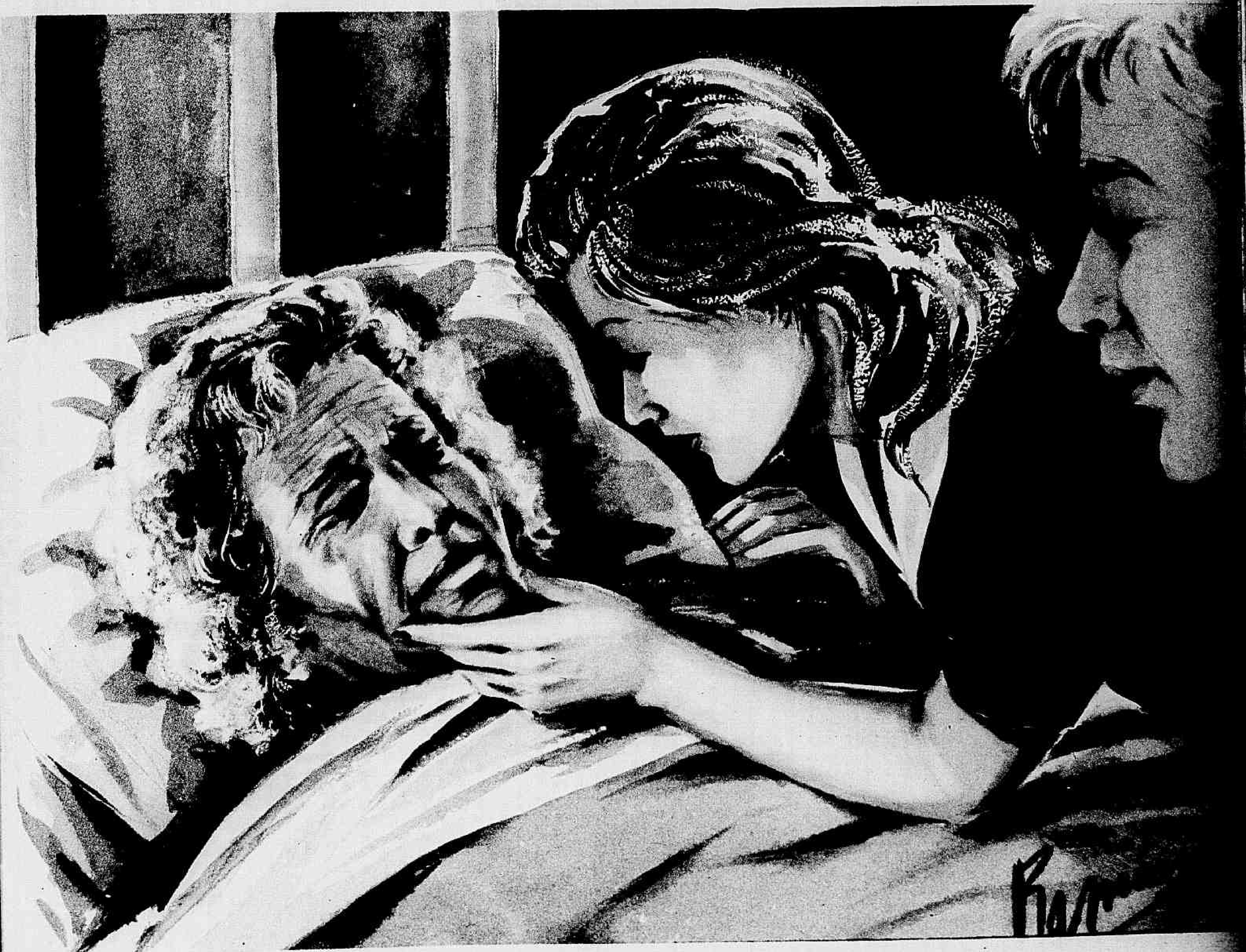
De súbito as nuvens se inflamaram e as luzes da alvorada penetraram no quarto. O primeiro raio de sol brilhou e veio bater em pleno rosto de Manoue.

Ela nunca mais despertaria.

(Continua no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON





A FESTA DA CRUZ DA ANA

UM a um, os caminhões, com as carroçarias repletas de gente, subiam pela estrada cheia de pó e estreita de pequeno monte, defronte à minha casa, em direção à Cruz da Ana. Com espanto, eu olhava da janela o desfilar dos carros. Eram êles de tôdas as côres, assim como os seus passageiros apresentavam os mais variados tipos de pele, indo do branco típico da Europa ao negro africano. Uma reentrância no caminho era uma carroçaria que se inclinava para o lado dando a impressão de que os passageiros iam ser despejados, no chão, de uma só vez. Ao barulho dos motores aliavam-se a vozeria e o cantarolar do povo.

Mas o que iam fazer na Cruz da Ana? E o que vem a ser êsse lugar?

Conta-se que há uns trinta anos atrás uma moça foi bàrbaramente assassinada no local onde hoje está instalada a cruz, havendo o seu matador se utilizado de uma faca, cortando-a aos pedacinhos. Desde então, o povo crente da redondeza começou a implorar, em suas dificuldades, o auxílio de Ana, a moça trucidada, e a fazer romarias a fim de pagar as promessas, todos os anos, a 3 de Maio, dia de Santa Cruz. Ficou o local com o nome de Cruz da Ana.

Atualmente, no dia da festa, vêm carros de tôda a parte do Espírito Santo, Minas e até da Bahia, conduzindo pessoas que desejam visitar a cruz que fica no distrito de Varre Sai, norte do Estado do Rio de Janeiro.

Uma vez, por curiosidade, fui à festa. A cruz estava enfeitada com várias coroas de flores e, ao seu redor, grande quantidade de velas a arder, ocupando uma área de quarenta metros quadrados, mais ou menos. Na capelinha, ao lado da cruz, o padre especialmente contratado, celebrava a missa.

Barraquinhas de tôda espécie estavam armadas aqui e ali. Numa, encontravam-se frutas; noutra, sanduíches e pastéis; em outra mais, bibelôs e ventarolas; naquela mais distante, refrescos, etc., sem falar nas roletas que catavam os cruzeiros dos que se aventuravam. Porém, o que mais me impressionou foram os mendigos e aleijados que se viam por todos os lados. Quanta miséria física e moral, se presencia ali, nessa ocasião! Tem-se a impressão de que foram reunidos no lugar todos os defeituosos e pedintes do mundo inteiro.

Uma velhinha encanecida estava ajoehada junto à cêrca que levantaram ao redor da cruz. Chamou-me a atenção a sua imobilidade e o tempo que permaneceu ali. De vez em quando uma lágrima lhe rolava dos olhos, os quais ela mantinha fixos no chão.

Não podendo resistir à minha curiosidade, aproximei-me dela, quando notei que se ia levantar.

— Conheceu a pobre moça que morreu aqui? — indaguei.

— Nós éramos irmãs — respondeu-me a velha, calmamente, mas com os olhos inundados pelas lágrimas.

A minha surprêsa foi enorme. Logo que a vi julguei que era uma parenta da extinta, porém não esperava que fôsse um parentesco tão próximo.

— Como! a senhora era irmã da infeliz Ana?

— Sim — confirmou a velha. — Não tive mais irmãs além de Ana e, até hoje, lastimo a sua morte. Não esqueço o espetáculo pavoroso que presenciei vendo minha desditosa irmã espalhada, pelo chão, aos pedaços...

— E o assassino foi punido? — perguntei.

— Nada, minha senhora. Naquela ocasião, nestes lugares, se desconhecia a lei, e desordeiros de tôda espécie faziam o que lhes aprouvessem. Tanto o lugar como os poucos habitantes eram todos uns selvagens, pode-se dizer. O que me conforta é ver esta gente tôda pedindo proteção a Ana como se ela fôsse uma santa milagrosa.

Deixei-a ainda a enxugar o pranto.

Mas, será verdade que a morta atende os pedidos que se lhe dirigem? Qual a razão de milhares de pessoas prestarem-lhe homenagem com tanta regularidade? Não sei explicar. Êste mundo está cheio de mistérios e episódios fantásticos, de crenças e descrenças, de verdades e mentiras e, a Cruz da Ana é visitada por tôda espécie de gente e ninguém pode ler o íntimo das pessoas para descobrir aquêle que acredita ou aquêle que é hipócrita...

Conto de RUTH T. VALADÃO

Ilustração de RENATO DE SOUZA

A REVISTA HÁ 50 ANOS

31 DE AGÔSTO DE 1902

CRÔNICA

Deixaram-nos há oito dias os chilenos e com a sua despedida entrou a cidade na sua vida normal. Dessa visita em que a diplomacia, sempre sábia e acendendo uma vela a Deus e outra ao Mafarrico, conseguiu associar sem escândalo o sagrado ao profano, o luto à folia, restam apenas copiosas notas de fornecedores privilegiados, o eco remoto das salvas, dos discursos, do foguetório e dos brindes e, em alguns espíritos avisados, a irônica consciência da vacuidade dessas e quejandas demonstrações. Percorra-se a copiosa literatura dos festeiros, analise-se a erudita facúndia dos plumitivos do americanismo: nem um tópico útil, nem uma idéia prática. Palavras... palavras... palavras... enquanto o caso Palhares continua em aberto, Marrocos nos maltrata os compatriotas, o caso das pedras nos cobre de vergonha e por êsses Estados afora a política esmoca e esbordoa os cidadãos.

Pois, uma lição, ao menos, deveríamos colhêr na visita da esquadra chilena. Não falo do aumento da nossa fôrça naval, inferior, deploràvelmente, à potência do Prata e à Potência do Pacífico. Bradar no deserto acaba, afinal, por cansar e enrouquecer. Falo dêsse exemplo de alto, de nobre, de honesto patriotismo que os chilenos acabam de dar-nos repatriando para a terra natal os servidores que no exercício de seus cargos sucumbiram em terra estrangeira.

Não é minha a idéia; um escritor a expôs, há dias, em meio do silêncio glacial da imprensa: Republicano vermelho, florianista ortodoxo, êle pedia, em linguagem simples mas eloqüente, que os restos de D. Pedro II repousassem em território brasileiro. Pedia-o em nome da mais elementar justiça, em nome dêsse preito que a consciência nacional deve aos seus servidores mais modestos e, por maioria de razão, ao que durante meio século fêz dêste país uma nação respeitada entre as mais respeitadas do Universo culto. Essa idéia, uma vez lançada, deveria ter como resposta a aclamação geral. Não teve. Ninguém ousou; ninguém se atreveu. O nosso republicanismo é atrasado, sectário e demagógico; ainda touca de barretes frígios a cabeça das crianças e veste mocinhas da República. Quando não é infantil é "sans-cullote". Entre êle e a democracia esclarecida e inteligente dos tempos contemporâneos há um século de intervalo. E a pouca confiança que em si próprio deposita torna-o supersticioso: têm mêdo de espectros, fantasmas, duendes e almas do outro mundo. D. Pedro de Bragança morto assusta-o muito mais que o Imperador vivo. "Le sang de Danton l'étouffe!"

Pobre Imperador! Quem iria agora buscar-lhe o sudário para lábaro, quando na hora decisiva da revolução todos desertaram os seus postos de combate, postos que êle lhes havia assinalado em decretos firmados pela sua mão, tão segura quanto o critério que a inspirava?! Para que atribuir a um sarcófago a majestade agressiva de um Capitólio quando todos sabemos que, definitivamente, êle entrou, pela porta larga e franca da História, no grave e saudoso recolhimento do Panteon?! E em que podem as rezas da saudade perturbar o sono e a digestão dos que não conhecem outra moral, outra ciência e outro sistema de govêrno além dos caprichos da própria vontade?!... — **JACQUES BONHOMME**



Coronel Eduardo Roberto de Bruce — veterano da guerra do Paraguai, falecido no dia seis do corrente.

AS TRÊS GAVETAS

COM gesto resoluto — como uma pessoa que mudara de idéia — a condêssa de Madelina indicou o móvel japonês de três gavetas, côr-de-rosa e dourado, sôbre o qual a luz produzia cintilações mágicas, e com tôda a gravidade, disse: — Escolha uma destas gavetas, Valentim, e abra a que escolher: em tôdas elas coloquei uma resposta à súplica que o senhor constantemente me dirige há seis meses; se abrir a gaveta da resposta que deseja, consentirei em agradar-lhe... mas trema se abrir uma outra! Porque nesse caso nunca mais me verá!

— Ai de mim! — suspirou êle. — Uma doce probabilidade contra duas decepções! Mas que cruel idéia teve Madelina! Ao menos, se fôr feliz, terei a consolação de poder acusar o acaso da minha falta... Entre as três gavetas êle hesitou muito tempo. Trêmula, a sua mão ia de uma à outra, não ousando puxar pelo anel dourado...

Decidiu-se, enfim, fechando os olhos e contando com a divina misericórdia da Providência. Oh! alegria! oh! infinita ventura! A resposta, uma fôlha de papel côr-de-rosa, que êle frenèticamente dobrou — continha a adorável palavra: Sim!

Como um ébrio, tomou Madelina nos braços e levou-a... Quando rompeu a manhã, Valentim não se sentia completamente satisfeito e bem o mostrava no semblante.

— Ah! — exclamou ela admirada — que te falta ainda querido ingrato?

— Uma nuvem obscureceu-me a felicidade...

— Junto de mim?! E que nuvem é essa, meu amor?

— Devo-te ao acaso, não a ti própria...

E Valentim curvou a anuviada fronte. Madelina, porém, desatou a rir.

— Patetа! — disse ela, beijando-o suavemente nos lábios. — Pois não adivinhaste? Eu tinha a mesma resposta nas três gavetas.

CATULLE MENDÈS



O último retrato da grande atriz Virgínia, ostentando o hábito de S. Tiago.

★

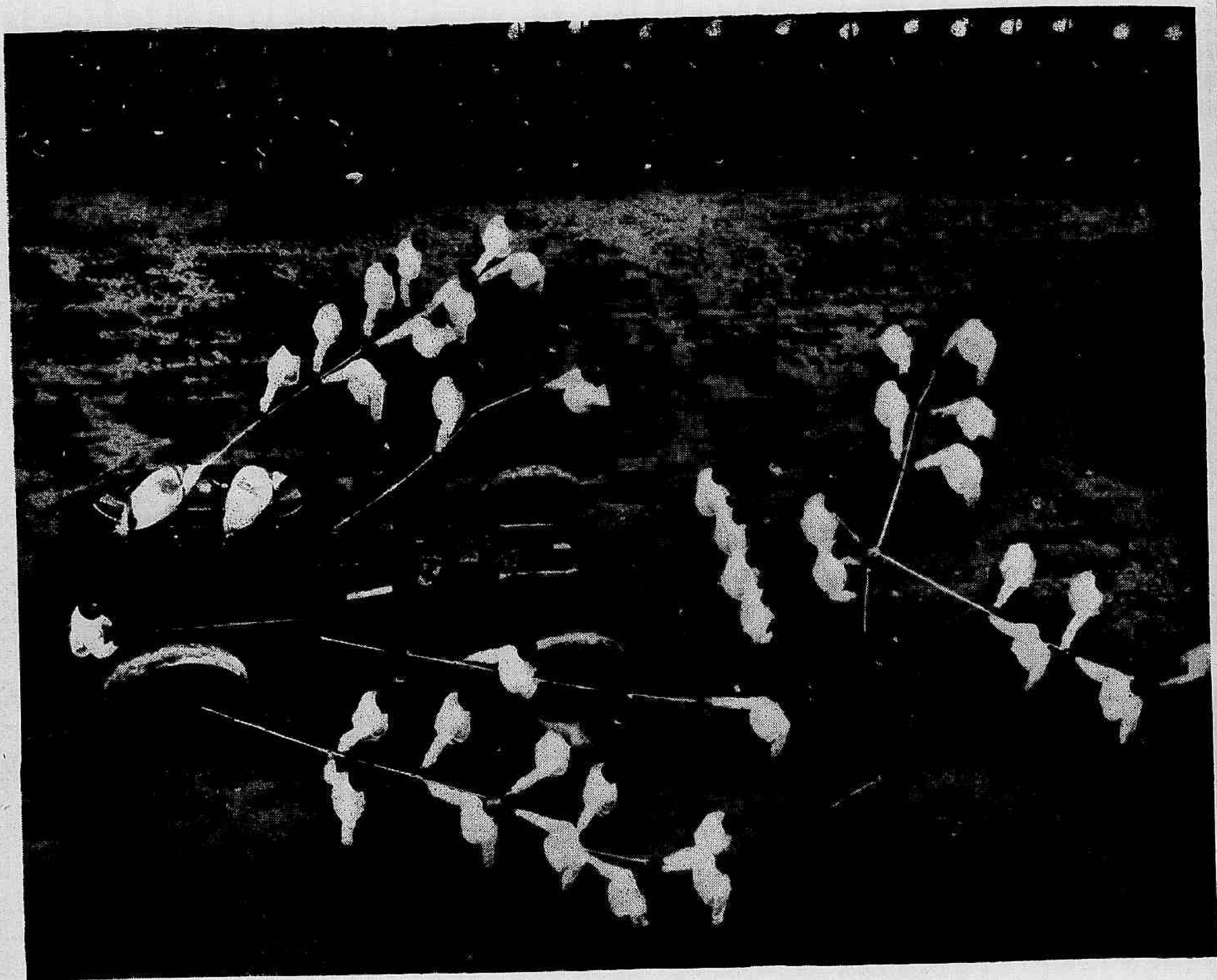
A esperança anima o sábio, e engana o presunçoso e o indolente, que descansam inconsideradamente nas suas promessas.

TEATROS

NO Teatro Lírico tivemos a "Lakmé", de Leo Délibes, uma das óperas novas prometidas pela emprêsa Sansone. A ópera interpretada pelas sras. Aída Gonzaga e Ida Poli e pelos srs. Giorgio Malesci e Nicoletti agradou geralmente sendo muito aplaudidos a sra. Gonzaga e o sr. Nicoletti. O tenor não foi bem recebido pelo público. Tem voz, mesmo muita voz, mas não sabe cantar. Falta de escola e de estilo. Foi muito concorrido o sarau realizado no teatro S. Pedro para com o seu produto adquirir a Companhia Tomba a sepultura do seu malogrado empresário, o honrado Rafael Tomba. Era justo que assim fôsse. Poucos terão exercido com tamanha dignidade a sua difícil profissão.

No dia 9, no teatro Recreio Dramático, é a festa de Machado Correia, o primoroso tradutor da Boêmia. Creio inúteis os reclames. Em breve neste mesmo teatro, a peça sacra em 5 atos e 16 quadros, de Eduardo Garrido — o Mártir do Calvário. Com a Mascote fêz benefício sexta-feira última, no Apolo, a atriz Teresa Matos, uma das boas figuras da Companhia Dramática Portuguêsa.

FARFALA



A carrêta fúnebre com o esquife de Eva Perón, rodou pelas ruas da capital argentina, puxada por homens e mulheres pertencentes a organizações trabalhistas.

A TERRA NÃO PESARÁ SÔBRE EVA PERÓN

DO MINISTÉRIO DO TRABALHO PARA O CONGRESSO. DAÍ PARA A C.G.T. E AFINAL PARA O MONUMENTO

A praça de Mayo, uma das maiores artérias de Buenos Aires, viu desfilar, na manhã do dia 10 do corrente, o cortejo fúnebre dos despojos mortais da Senhora Eva Perón. Era a última homenagem que o povo argentino prestava à sua Chefe Espiritual, levando-a em procissão, no seu ataúde de cristal.

A cerimônia da transladação do féretro foi comovente. Milhares e milhares de pessoas seguiam o préstito, e de tôdas as sacadas, durante o longo trajeto, caíam flores. Os restos mortais da espôsa do presidente Perón ficaram em exposição no Ministério do Trabalho, quase quinze dias. Calcula-se que mais de dois milhões de pessoas tenham desfilado no velório do Ministério.

Na manhã do dia 10, saiu o esquife de Eva Perón do Ministério do Trabalho para a capela ardente armada no "Vestíbulo Justicialista", no edifício do Congresso. Tinha um aspecto imponente e ao mesmo tempo comovedor o desfile fúnebre. Automóveis de patrulha e motocicletas da polícia, vinham na frente, e abriam caminho vagarosamente. Atrás vinha o ataúde da pranteada extinta coberto com a bandeira da Argentina e peronista, carregado a ombro por quatro funcionários vestidos de negro. Logo em seguida, no primeiro plano, seguia Perón acompanhado pelo governador da província de Buenos Aires, Carlos Aloe; pelo secretário geral da CGT, Carlos Espejo; membros de sua família; senadores e deputados peronistas, Ministros de Estado, membros do gabinete, Ministro do Supremo Tribunal; os dirigentes sindicais e os dirigentes do Partido Peronista.

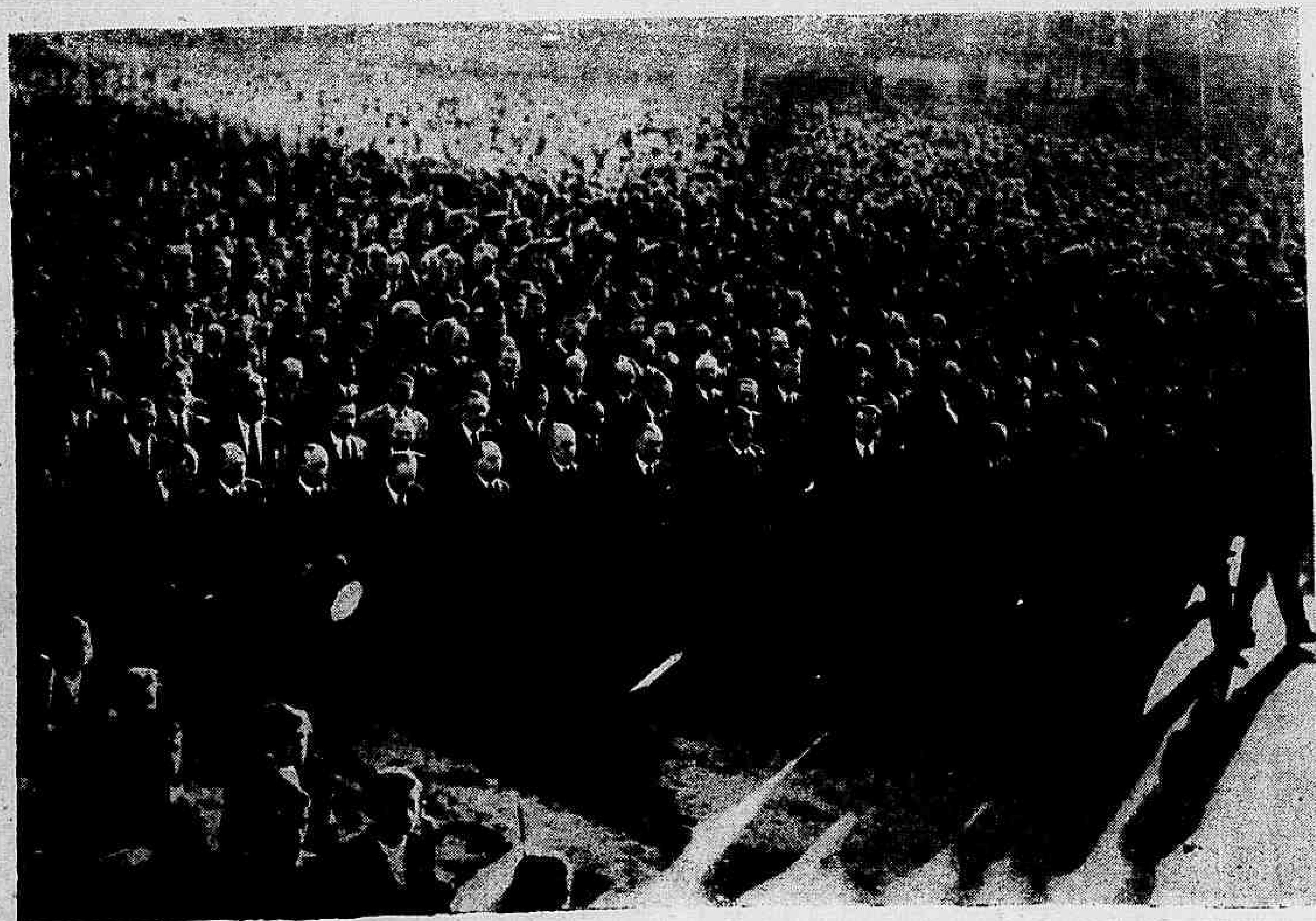
As fôrças armadas vinham depois representadas pelos chefes e altas patentes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. A banda do Colégio Militar executava, a espaço, a marcha fúnebre de Chopin. As samaritanas



Milhões de flores e milhares de pessoas viam-se no cortejo dos restos da Senhora Eva Duarte de Perón, quando foram transportados para a Câmara dos Deputados da Argentina e, dali, para a sede da Confederação dos Trabalhadores, onde, em câmara ardente, ficaram expostos à visitação pública.





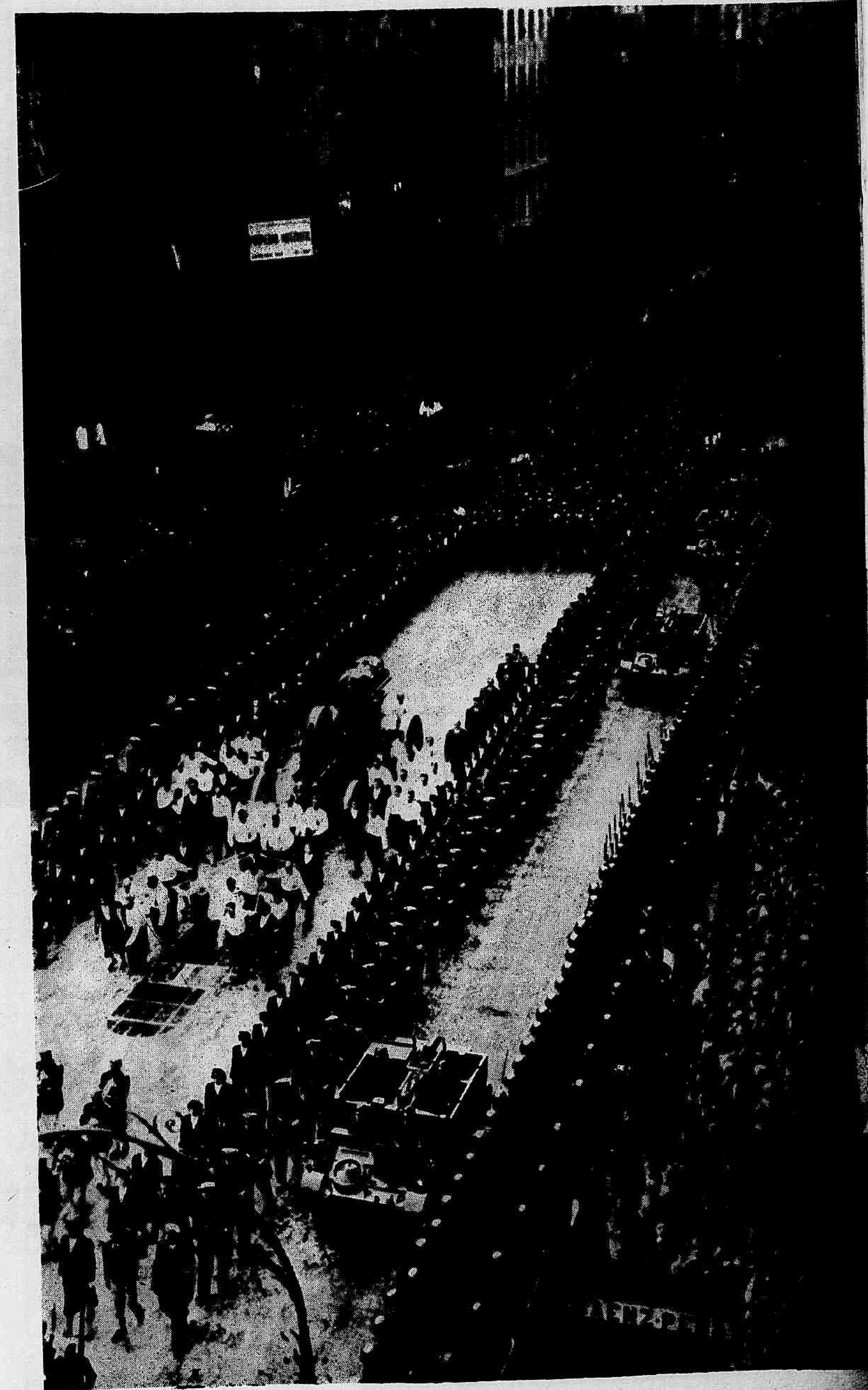


ou enfermeiras da "Fundação Eva Perón" e os alunos da Cidade Estudantil formaram grandes alas, de cada lado.

Fechando o séquito mortuário desfilaram cinco unidades de desembarque da Marinha. A imensa multidão se derramava de tôdas as partes e mais se comprimia à medida que ia se aproximando da Casa do Legislativo. Cenas lancinantes misturavam-se com as harmonias da música de finado. Desde à meia-noite do dia 9, tôda Argentina suspendeu as suas atividades para, num gesto de dor, secredar o "de-profundis" no entêrro de sua inesquecível "Evita Capitana".

Eva Perón repousa, agora, na sede da Confederação Geral do Trabalho. Depois de um ano será seu corpo inumado no monumental mausoléu a ser erigido no centro de Buenos Aires. O corpo de Maria Eva Duarte de Perón repousa guardado por quatro operários. E até o dia 26 do corrente a nação argentina guardará luto oficial.

Filas enormes de tropas de tôdas as armas em continência à mais extraordinária mulher dêstes últimos tempos, enquanto o cortejo, em passo cadenciado, conduzia seus despojos à última morada, vendo-se delegações de todos os sindicatos de trabalhadores, funcionários, membros do Govêrno e o Presidente da República, Juan Domingos de Perón.



FILHO, MEU FILHO

Texto e cenário de GUIDO MARTINA

PERSONAGENS:

JEAN	RENATO SCANZINI
MARIO	FRANCO FABBRIZZI
ZAIRA	LUIZA ALLIANI
SOLANGE	LICIA NAPPO
DUPUIS	MAXIMO ALTAVELLA
JOANA	NIETTA ZOCCHI

CAPITULO 10 — (resumo da parte já publicada)







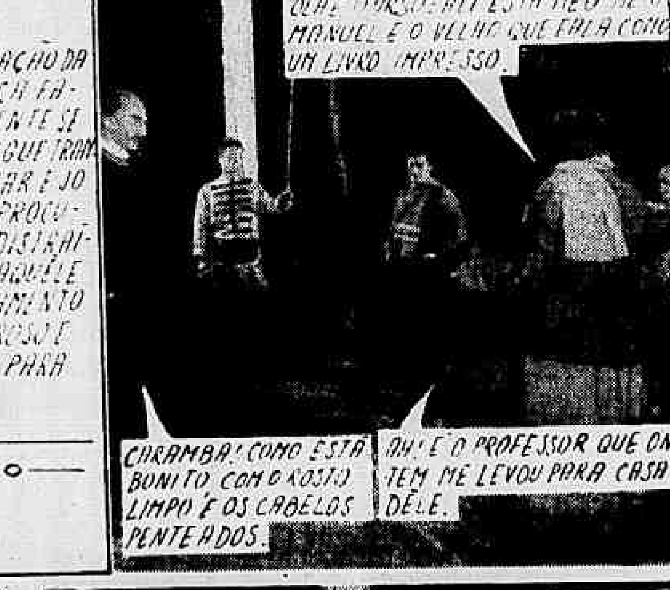








































Mercurio criou asas .



mesmo nos dedos

Para bons negocios, bo. pro dução. E o bom negociante sabe que Halda, a máquina que escreve com suavidade e rapidez significa maior produçã. em menos tempo, graças ao seu famoso "t.que de pluma" Sabe tambem que

somente HALDA
reune todas estas caracteristicas:

40 rolamentos suecos
Barras para aceleração dos t pos
Regulador de toque com 6 graduações
Côr verde que descansa a vista
Representantes e assistencia técnica nas principais cidades d. Brasil

HALDA

Fabricada na Suecia desde 1892



Dê asas aos seus dedos com Halda

FACIT S. A.
(MÁQUINAS DE ESCRITÓRIO)
Rua México, 21 4 andar
Tel. 52-3588

NHANA GRANDE

(Continuação da pág. 23)

tanto queria, o casamento da filha com um ricaço, veio ser realidade, para maior desgraça, pois a jovem não poderia ser feliz. O homem, viúvo, velho e asmático, nada mais tinha que rugas e sororoca. Julgavam-no riquíssimo. E, de fato, fôra rico. Mas, agora, tinha não mais que terrenaria pelada. Terra sem mato para carvão não tinha o mínimo valor. Os filhos, perdulários, "limparam" o coitado, que na velhice, caduco, e com horrenda feição de chimpanzé, dera para conquistador-casadouro. A jovem não o queria. Forçada pelos pais, acedeu. Hoje a coitadinha abandonou o velho e é "moça" lá pelos lados do Gramadinho.

E a crendice no cotejo é grande. Até um time de futebol ficou a espera na encruzilhada. De "cacos cheios", a rapaziada agüentou firme. Dizem que todos os invencíveis em negociatas, esportes, etc., já "tramaram a coisa", às escondidas. Mas desta vez o demo não apareceu. Se o encargo estava afeto ao nosso caboclo saci, talvez êste tivesse tirado férias remuneradas, antecipando, assim, nossas futuras leis agrárias. Quando não, se a tarefa estivesse a cargo de um graúdo das profundezas, poderia ser o acúmulo de trabalho, forjando mais encrencas neste pobre mundo em chamas, ou torpobre mundo mais resistentes os intricados fios da chamada cortina-de-ferro. E por aqui mesmo: Olhem, que, sem aparelhagem moderna, tirar petróleo bruto das entranhas do nosso solo e entafuiá-lo na cabeça de certa gente, para propelir-lhe apenas as línguas nessa balbúrdia e fuxicagem de "o petróleo é nosso!..."

Oh, Senhor!... Até perco a meada desta história... Nhana Grande!... Que vazio deixou o meu sertão!... Culpado: Um cearense. "Botou Nhana sob o braço", e com isso, roubou-lhe o coração. Logo de entrada todo mundo lhe reconheceu valor. As tagarelices da cabocla eram nada perto das maravilhosas narrativas do nortista, que falava até pelos cotovelos. De cearense passou a ser chamado 21. Pelo seu fraco: dizer, quase constantemente, ter palmilhado os 21 Estados do Brasil. E fascinava a qualquer, e, muito em especial, a nossa pobre Nhana Grande...

"Vinte e um", certa vez, arribou. E a cabocla perdeu o apêgo aos seus sertões... "Desquerenciou-se"... e lá se foi rumo à aventura. As árvores, sempre tristes, teriam razão para roubar às nuvens baixas o orvalho, e gotejá-lo em lágrimas de saudades... A alegria se foi... Nhana deixou-as!...

E a gente ficou desolada... Não tinha mais quem trouxesse a gente em suspeiso, sempre à espera de coisas novas. E Nhana era uma beleza madura, trintona e firme. Dizia ter vários filhos correndo mundo, talvez para justificar certos "causos" e patranhas: "Tê famia?! Nunca me feis careta! Eu era invê bitcho. Uma veis derrubei um piàzinho na verada do poiá (fogão). Foi âssim: Eu tava ali... vesprano.. Vai... num vai... E num é que aparece por cá uns curu ruzero?! Nhana havéra de fica quéto? Capais! Pintei os caneco a noite intêra!"

— Mas... Nhana: como é que "mecê" se arranjava para dançar?...

— Dançava de banda, uai...

Certa vez, por um peão vindo do norte, tivemos notícias de Nhana Grande. Tornaram-se conhecidos nos sertões de garimpos e seringais. Era a mesma, pelo que dizia o "cabra". E contou coisas... Coitada!... Quando a cabocla se embrenhou pelas selvas bravias, ainda acompanhava o 21. Depois, êste morreu. E por lá a mulher deve ter dono. Nhana mudou de mão, e mais de uma vez. Mas sempre fiel ao companheiro. Lembro-me de sua opinião: "Muié ou homi "puladô" cumigo num tira catinga. E' coisa feia! Carécim ficá de lingua de fora, impindurado num tarumã, inté juntá corvo!" E o rapaz continuou: "Nhana, certo dia, deve ter descoberto o que nós já sabíamos: a infidelidade do companheiro, desta vez um baiano, valente e feroz. Vivia de "trela" com a indiazinha, quase criança, que perdera os pais num conflito entre brancos e gente de tanga. A cabocla ficou triste... amuada... Para quem a conhecia saberia estar próxima a tormenta. Aquilo era prenúncio de coisas horríveis!

Sábado de Aleluia. Pelo rio apareciam os primeiros Judas sôbre jangadas rústicas. E pelas águas vinham os ecos do tiroteio feito pelos ribeirinhos, sôbre os hirtos e indefesos bonecos: "Toma lá, traidô dos inferno!" E o tiro partia, contra os canoeiros-fantasmas. Súbito, alguém gracejou: "Óia lá gentes! Num é que aquêle dizinfeliiz tem a cara do baiano que "alinhavô" o Zé Fulô?" Dormindo na mira, fêz fogo. O tiro, um tanto alto, talvez de propósito, cortou a embira que pendurava o Judas a uma espécie de forca, armada sôbre a estranha embarcação. O sertanejo espantou-se. Pareceu-lhe que aquilo era de carne e osso, pois dobrara-se, talvez, ao rolar para o rio. Persignou-se. Refeito, aprontou a arma: outro Judas se avizinhava.

— Como ficou sabendo tôda essa história? — perguntei-lhe. E' que o baiano sumira, o que é bastante comum naquelas zonas. Desaparecera na Semana Santa. Tempos depois, de rodada, fizera pouso em um pôrto próximo. Nas conversas surgiu o nome do baiano, matador do Fulô. Assim ficara ciente da história do Judas. E Nhana continuou "solteira"! "Tô véia" — dizia. — "Num sirvo mais prá ninguém..."

Algum dia... quem sabe?!... Talvez ela volte, apareça pelas antigas querências. Contará muitas novidades. Fará demonstrações de frevo, dirá o que é "cerrá véio"... Contará dos reisados com o impagável Mateu, dirá coisas das pastorinhas e cantará trechos de seus desafios tradicionais... Descreverá rodeios marajoaras, a fúria da pororoca e do banzeiro... Mas... silenciará sôbre a história de Judas soltos pela correnteza de certo rio. E não dirá. "Gente "puladera"... Só impindurada num tarumã, inté juntá corvo!..." Ela ficará triste... E tristeza não foi feita para Nhana Grande. Mesmo perseguida pela fatalidade, Nhana Grande esconderá a dor... Ou o remorso...

CORREIO DA REVISTA

Recebemos a seguinte carta que publicamos obedecendo à ortografia, à redação e à pontuação:

São Paulo, 3 de maio de 1952
Senhor Redator de a **REVISTA DA SEMANA**. — Correio da Semana.

Presado Senhor: Muito me tem agradado essa revista, pois querendo eu ser um acinante da mesma, venho pedir sua ajuda e ter tambem alguem com quem poça eu corresponderme: Eu sou joven, tenho 23 anos, sou moreno peso 60 quilos meso 1,75 cm. tenho olhos castanhos: sou mesmo atraente.

Como até a dacta de hoje não encontrei uma joven que me despertou algum sentimento, venho pedir a vossa ajuda para ter alguem com quem corresponderme:

Sei que vosso Senhorio, vai me atender pois eu tenho bôas imprecões suas.

Sem outros assunto muito agradeço subscrevendome respeitosamente com as mais elevada considerações para V. Exa:

acinome — **Antonio M. Filho**

Meu endereço: Rua Catumbi Nº 553 casa 1ª — S. Paulo.

F. H. Santos — S. Paulo — Seu conto não pôde ser publicado pelo fato de não conter qualidades que caracterizam essa espécie literária. Conto não é um simples relato de episódios. Procure orientar-se melhor e aguarde outra oportunidade, pois que está suspenso o recebimento de novas produções.

Emília Barroso — Rio — Não publicamos contos já saídos em outras revistas, jornais ou em livros. Esta seção foi instituida para estimular os novos que ainda não dispunham de qualquer possibilidade para aperfeiçoar-se nas letras.

B. S. de S. — S Paulo — Não está bem escrito o seu conto «Dia de Noivado». Há em tôda a narrativa uma série de erros até de natureza jurídica. Ignora o amigo que, em nosso país, não pode uma pessoa desquitada contrair novas núpcias no civil? E esta conversa de «casamento no Uruguai» ou «no México» não tem validade nenhuma perante nossas leis. O remédio seria o divórcio a vínculo.

B. V. — Rio — O amigo, como estrangeiro sem muito conhecimento do idioma brasileiro, deve submeter seus escritos a uma pessoa que possa pôr suas idéias em boa forma. Por maiores que fôssem nossos esforços, não conseguimos compreender muito bem o seu conto.

Estelinha de Abreu Ramos — Pôrto Alegre — Não chegou ao nosso poder o seu conto. E agora não mande nova cópia, uma vez que está suspensa a seção de contos para os novos.

M. J. L. — Rio — Curtíssimo o seu trabalho. O amigo dá para escrever **sketches** para revistas teatrais. Porque não tenta?

R. U. do A. — Rio — Péssimo português o seu, meu caro. Onde foi que você aprendeu a pontuar daquele jeito? Você tem boa imaginação, não resta a menor dúvida: mas não se esqueça de que não basta ter idéias. E' indispensável dar-lhes forma. E em Literatura, especialmente a de contos, o vernáculo e o estilo são bases principais.

Maria Clélia — Recife — Nada tem que nos agradecer.

Givenchy

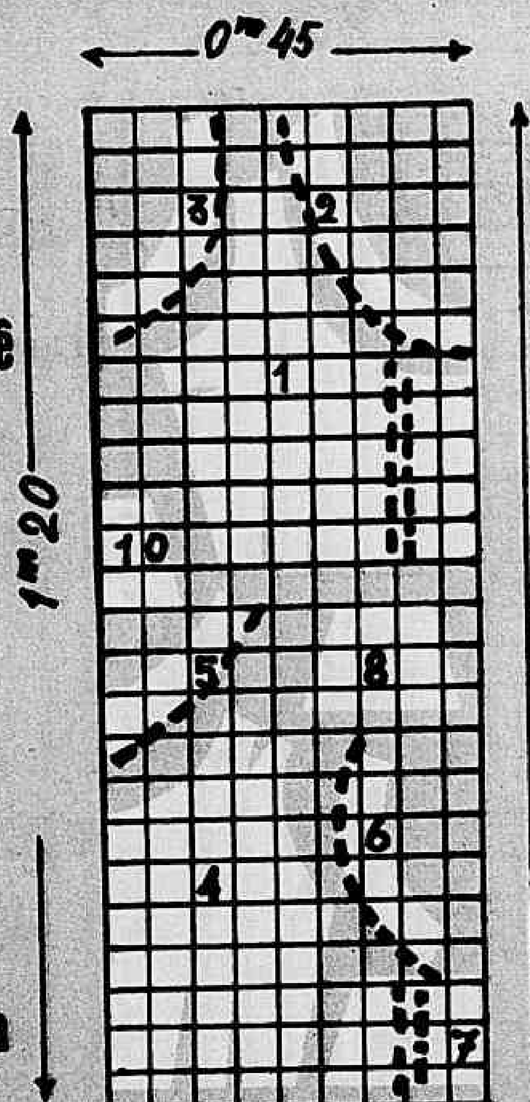


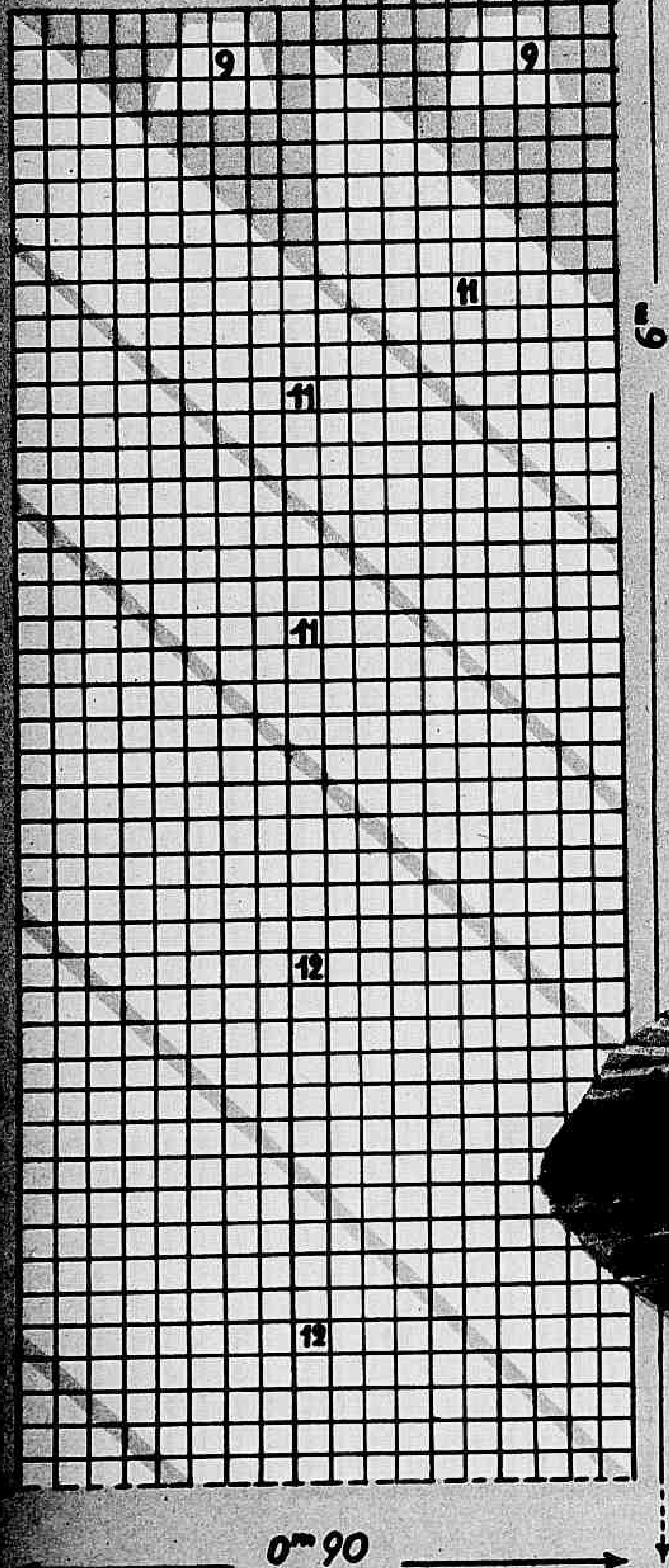
O MAIS NOVO DOS COSTUREIROS FRANCESES



Com grande originalidade de criação, está causando sensacionalismo com seus modelos dedicados à mulher jovem. Nesta página, um conjunto interessante: o vestido tem a saia e a blusa separados, para que possam formar outras combinações. Para a cabeça, um original triângulo de percal enfeitado com bordado inglês.

Dispondo do molde como se vê o vestido póde ser feito com 6 m. de tecido de 0.90 de largura





Faça você mesma êste vestido





Para maior facilidade reproduza o molde do diagrama em papel quadriculado, nas suas medidas. Deixe um excesso de 3 cms. para as costuras. Em primeiro lugar feche as "pinces" da blusa e junte a frente e as costas. Reuna os panos da parte superior da saia e cosa-a na blusa. Dobre o tecido numa altura de 1m,20 para cortar em dôbro as partes da blusa. No desenho, ao lado, como se vê pela seta, o tecido continua, sendo necessários 5 pedaços para formar o babado inferior.



"NENUFAR"

é o nome dêste vestido em tecido estampado, com babados lisos e plissado alternados, fazendo a volta da saia. Criação de Pierre Clarence.

Modêlo de Bruyère em tafetá negro, com listras brancas interrompidas por "pois". Sem o casaco é do gênero que o carioca denomina "sob palavra" — isto é, sem alças.



COSTUME PARA COCKTAIL

Tôdas as nações se fizeram representar na abertura da temporada lírica. Aqui o Embaixador da Índia e sua espôsa.



ELEGÂNCIA E BELEZA NO MUNICIPAL



Um flagrante apanhado à entrada do Teatro.

A RÉCITA DE GALA DA LÍRICA INTERNACIONAL ★ REPRESENTANTES DAS EMBAIXADAS E LEGAÇÕES ★ FIGURAS DE RENOME DO MEIO POLÍTICO E SOCIAL ★ UMA REPRESENTAÇÃO À ALTURA DAS TRADIÇÕES DO MUNICIPAL ★ NOTAS

Reportagem de CLARIBALTE PASSOS
Fotos de ALBERTO FERREIRA

RÉCITA de gala de abertura da Temporada Lírica Internacional. O «grand monde», a elite carioca, acorre às bilheterias e toma assinaturas para as várias representações. Costureiros famosos e famosos cabeleireiros de nomes franceses e italianos são mobilizados... para a linha de frente do grãfinismo e da elegância. Então, engalana-se o nosso principal teatro, legítima expressão do patrimônio artístico e da tradição, abre, em par, os portões enormes e por êles dá acesso aos mi-



Desfile de elegância, modelos como êste eram muitos.



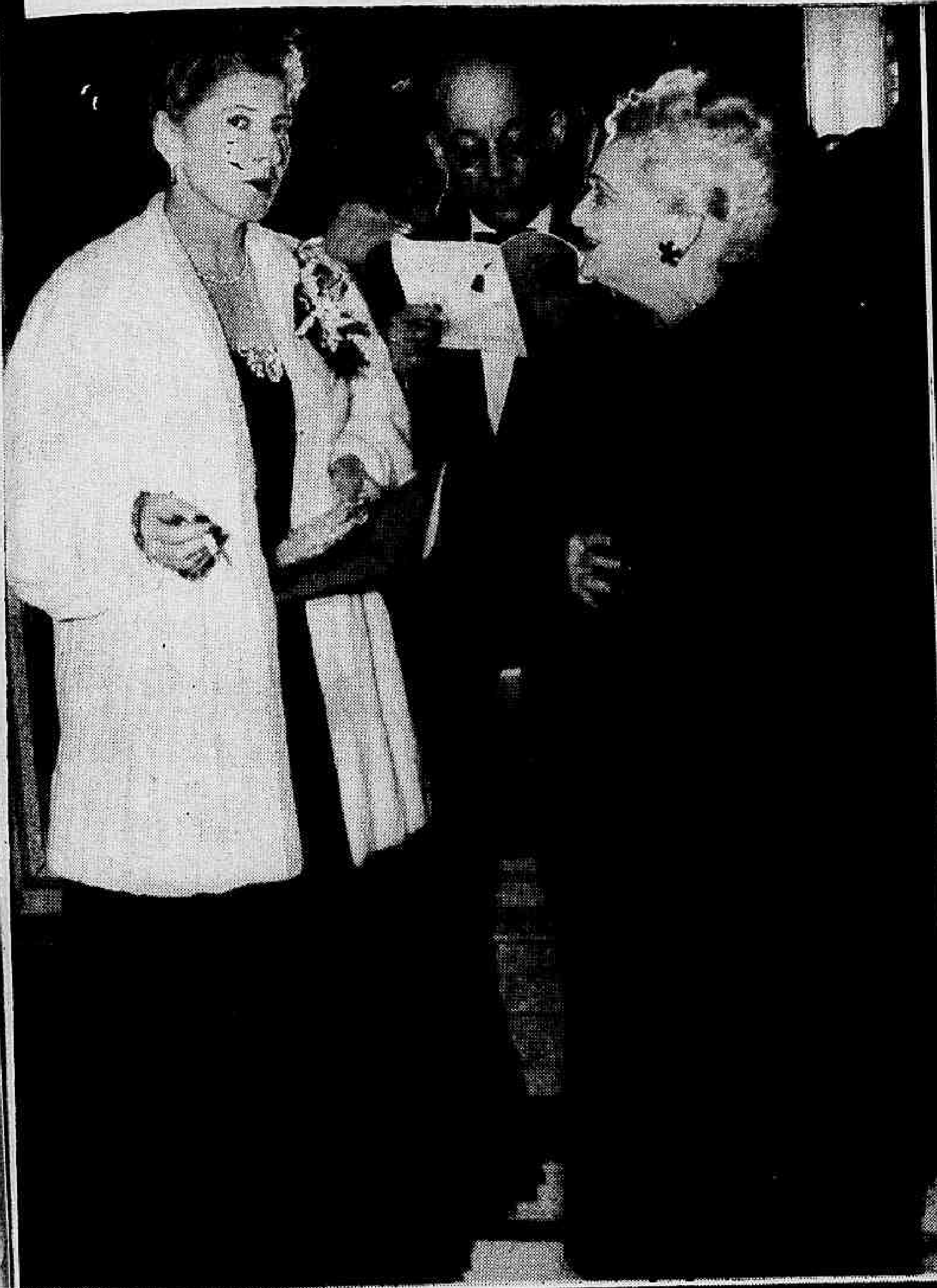

Três modelos diferentes. Representantes de duas gerações. Mas tudo — como se vê — muito distinto. Há a elegância e a beleza para tôdas as épocas.

lhares de freqüentadores das óperas nacionais, italianas, francesas e alemães. Sim, em 1952, o Teatro Municipal viveu, a 8 de agôsto, uma noite de esplendor. E ali fomos, àquele Templo de Arte, irmão siamês da Ópera, de Paris, para obter e levar a todo Brasil uns ecos que fôssem da representação inaugural inesquecível.

Tôdas as representações diplomáticas, aqui acreditadas, abrilhantaram o espetáculo de abertura da Temporada Lírica Internacional de 1952. Entre outros, anotamos as seguintes: Dr. Fritz Oellers, Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da Alemanha, em companhia de vários altos funcionários; Sua Alteza Rani Kusum Kumari, Embaixatriz da Índia, acompanhada de sua Alteza, Kusum Kumari, Rajá de Mandi, e a dama de companhia; Sr. J. Burke Knapp e espôsa, Ministro da Embaixada dos Estados Unidos da América do Norte; Sua Excia. o Sr. Peter Richard Heydon, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário da Austrália; Sr. e Sra. Jacques Vimont, representantes da Embaixada Francesa; S. Excia. Sir Geoffrey Harington Thompson, K.C.M.G., Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da Grã-Bretanha e espôsa; além de outros numerosos representantes das demais embaixadas e consulados aqui acreditados.

Nas frisas, no interior do Teatro, continuava a constelação do nosso mundo social e elegante: a Sra. Gabriela Bensanzoni Lage; Maestro Salvatore Ruberti; Embaixador Pontes de Miranda; Sr. Adauto Faria de Miranda; Dr. Mário Oliveira Brandão; Dr. Mário Augusto Martini, Embaixador da Itália; Major Mac Crimmon; Dr. Lauro Pinheiro Guimarães; Sr. Octacilio Piedade Gonçalves; Conde Pereira Carneiro; Condêssa Rina Martinelli; Ministro Waldemar Marques; e diversas outras pessoas de destaque da nossa sociedade. Nos camarotes: Sr. Peter Frankel; Sr. J. B. Bell; Juiz Dr. Alcino Pinto Falcão; e outros. Poltronas: Coronel Lima Câmara; Dr. Abelardo Accetta; Sra. Beatriz Branca Lundgren; General Mendonça Padilha; General João Carlos Barreto; General Arthur R. Titto; Dr. José Soares Maciel Filho; Ministro Dr. Carlos Maximiliano; Dr. Pedra da Cunha; e várias outras personalidades de relêvo.

A representação da ópera romântica de Richard Wagner, «Der Fliegender Hollaender», ou «O Navio Fantasma», em três atos, sob a regência do maestro Karl Elmendorff e com a participação dos artistas alemães do Teatro do Estado, de Wiesbaden, Alemanha, cantada no idioma original, foi um sucesso artístico na récita de gala de abertura da Temporada Lírica Internacional de 1952. Dentre os integrantes do elenco, merecem citação especial, o barítono **Otakar Kraus**, possuidor de excelentes atributos cênicos e vocais, o tenor **Rudolf Lustig**, assim como o magnífico baixo, **Arnold Van Mill**. Êstes três artistas, respectivamente, vivendo as personagens «O Holandês Errante», o navegador norueguês «Daland», e o caçador «Erik», valeram por um espetáculo da mais alta categoria. Merece, pois, da crítica e do povo, a Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal, os mais justos encômios e sinceras felicitações pelo êxito inesquecível da noite de 8 de agôsto dêste ano.









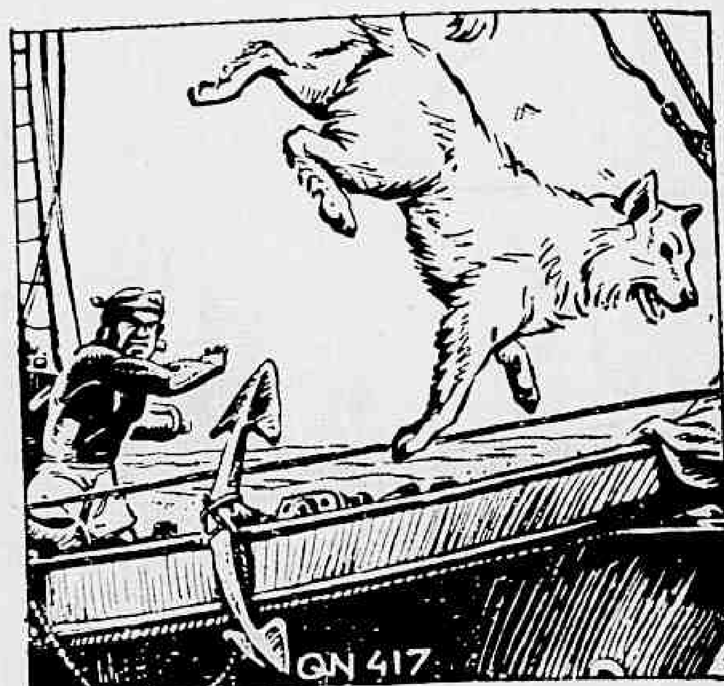
Êstes flagrantes poderiam ser dez, vinte e muito mais. Tantos quantos o fotógrafo pudesse apanhar.

AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

Uma Aposta Temerária







67 O tiro disparado na luta vai atingir Bill, aliado de Rob. O tripulante cai mortalmente ferido. Rob apanha uma corda que descia dos mastros e com o impulso da mesma acerta golpe violento, com o pé, no queixo de Larry. Êste se desequilibra e, mais uma vez, a arma dispara ao léu. Willy corre em busca de salvação, e Jojo vai em seu encalço. Skip, o fiel cão de Rob, salta como uma fera ao pescoço de Jojo. Rob grita para Willy que ela se livre de Jojo, comparsa de Larry. Mas o nativo era um gigante e, dentro de poucos instantes, se liberta do ataque de Skip, e o arremessa às ondas.







68 Willy só estava vendo uma "chance" para escapar da sanha dos piratas: era lançar-se ao mar e nada em direção ao iate "Laura", do milionário John Brookfeller, o qual, em face dos acontecimentos e não havendo ventos que o ajudassem a vir em socorro, teve que lançar mão do motor. Quando ela ia saltar n'água, um dos comparsas de Larry a alcança e a agarra com fôrça, levando-a até ao mastro principal. Enquanto Larry a amarrava, dava ordens a Jojo para que metesse a pique o iate "Laura", que vinha velozmente em direção ao barco do "gangster". Só assim poderiam escapar.







69 Mas John Brookfeller estava atento aos manejos dos bandidos e acompanhava seus intentos. Não se aproximou o "Laura" ao alcance dos tiros de Larry. Bordejou seu barco, descrevendo um semicírculo em tôrno do "Memphis", procurando uma oportunidade para seu rifle. Skip, o cão de Rob, já estava exausto, quando um tripulante do "Laura" lhe jogou um salva-vidas, evitando sua morte. Rob subira a um dos mastros do navio pirata e estava aguardando a oportunidade. De bordo do "Memphis" começaram a atirar na direção do "Laura", mas as balas não atingiam o alvo.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA: — O Cap. Rob, com outros navegadores, estava disputando difícil prova de travessia do Pacífico. Estava êle vencedor das primeiras etapas, com o seu "Liberty II", quando começaram a sobrevir misteriosos fatos que atentavam contra a segurança dos barcos e da própria vida dos competidores. Depois de uma dessas tentativas para vencer pela maldade os mais prováveis vencedores da regata, cujo prêmio era de 500 mil dólares, foi descoberto o autor dos crimes: Larry, indivíduo de maus precedentes, que, depois de várias tentativas consegue raptar uma das moças, exigindo de resgate 500 mil dólares. O Cap. Rob e outros colegas de cruzeiros saíram em perseguição de Larry. O iate do "gangster" estava armado com uma metralhadora, e com ela conseguiu pôr a pique a lancha "Pandora". Rob invade o barco de Larry, travando-se luta, enquanto os outros barcos vinham em socorro dos atacados. Após lances dramáticos, Larry e seus tripulantes conseguem vitória. Mas o Cap. Rob não desanima.







70 Lá de cima de seu esconderijo, Rob segura um pesado moitão do velame e mira a cabeça de Jojo, que, lá em baixo, está atirando, ajudado por outro tripulante. Na ocasião exata, Rob joga o moitão sôbre Jojo. Êste é atingido na cabeça e cai sôbre a culatra da arma, a qual dispara para sôbre êles mesmos. Os dois artilheiros saem gravemente feridos. Larry, vermelho de cólera, ameaça Willy: — "Eu a matarei a punhal se não me permitir a fuga. Mande afastar-se o "Laura". Então ela, angustiadamente gritou: "Não encoste, Brookfeller! Afaste-se!" Lá do mastro, o Cap. Rob...







71 Rob via o perigo que ameaçava a vida de Willy e resolveu acabar com Larry. O "Memphis" já estava sendo envolvido pelas chamas resultantes da descarga que recebera de sua própria metralhadora. Não havia mais tempo a perder. Num pulo felino, Rob caiu sôbre o bandido, segurando-lhe o braço armado de faca, a mesma faca com que ia tirar a vida de Willy. Rob conseguiu tirar-lhe a arma das mãos. Lutam como tigres entre as fumaradas que se levantam do barco. Uma explosão do paiol derruba Larry. O Cap. Rob desamarra Willy e fogem, enquanto o incêndio lavra.







72 Já estava afundando o "Memphis" quando Rob e Willy conseguiram baixar um dos botes de bordo e, a remadas vigorosas, se afastaram daquele vulcão. Em poucos instantes alcançaram o costado do "Laura", onde já estava homiziado o cão "Skip". Logo que subiram, Brookfeller lhes mostrou os dois outros barcos que se aproximavam. Mais tarde, no camarote do milionário, êste consultou aos seus companheiros se deveriam voltar, ou prosseguir. Todos concordaram com o prosseguimento. O bandido Larry afundara com os seus comparsas. Acomodadas as jovens, continuou a prova.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — UMA JOVEM DE CÔR «ABAÇANADA», É:
— Amorenada?
— Muito pálida?
— Alva?

2 — DE QUE RELIGIÃO ERA BAAL, O DEUS SUPREMO:
— Da Fenícia?
— Dos Tupinambás?
— Dos Incas?

3 — QUE NOME TINHA A ANTIGA CARRUAGEM DE QUATRO RODAS E DOIS ASSENTOS:
— Tílburi?
— Caleça?
— Charrete?

4 — QUEM É O CHEFE SUPREMO DO BUDISMO:
— O Papa?
— Mahomé?
— Dalai-Lama?

5 — UM OBJETO EBÚRNEO, DE QUE CÔR É:
— Negro?
— Côr de marfim?
— Vermelho?

6 — QUE VEM A SER «FABORDÃO»:
— Uma árvore?
— Pessoa sem emprêgo?
— Música desentoada?

7 — UMA PESSOA «GAIFONEIRA» É:
— Cheia de momices?
— Dada a furtos?
— Sem instrução?

8 — DE ONDE É ORIGINAL A DANÇA DENOMINADA «HABANERA»:
— Da Argentina?
— Da Espanha?
— De Cuba?

9 — QUE SIGNIFICA «IAMOLOGIA»:
— Tratado dos medicamentos?
— Estudo da erosão das águas?
— Ciência dos cristãos?

10 — A JALAPA É:
— Um pássaro?
— Uma planta?
— Um rio?

11 — DE ONDE SE ORIGINOU A PALAVRA ALEMÃ «KAISER»:
— Do inglês?
— Do grego?
— Do latim?

12 — QUE VEM A SER UM «LÁBARO»:
— Estandarte?
— Língua de fogo?
— Caminho estreito?

13 — A MADREPÉROLA PROVÉM DE:
— Um molusco?
— De uma pedra?
— De uma planda da Índia?

14 — QUAL A SIGNIFICAÇÃO DA PALAVRA «NANOMELIA»:
— Pessoa com crescimento anormal, exagerado?
— Pequenez anômala dos membros do corpo humano?
— Ou Arte de criar peixes de água doce?

15 — O «OUVIDOR», NA ADMINISTRAÇÃO BRASILEIRA DOS TEMPOS COLONIAIS ERA:
— Um militar?
— Uma autoridade policial?
— Um juiz?

(Respostas na página 52)

CONVERSA DE MULHER

ESQUISITICES



A pequenina ria para todos com o mesmo sorriso aberto e satisfeito. Era ao mesmo tempo contida e vivaz. Prestativa, nunca se zangava quando lhe faziam alguma, apenas desconsiderava o caso e ia tratar de outra vida. Sincera em suas manifestações de agrado e carinho, fingia, entretanto, muito fàcilmente: fingia que não queria as coisas que se revelavam difíceis, para não amolar aquêles que pudessem ficar tristes de vê-la contrariada, fingia que dormia dois minutos depois da mãe levá-la para ninar na cadeira de balanço — a mãe tinha o hábito de embalá-la à noite na cadeira de balanço para adormecê-la e depois aos dois irmãos menores, e ela ficava satisfeita de ouvir: — "Esta menina é um amor, não dá trabalho nenhum".

● Mas deu muito trabalho, dos seis aos dez anos, pois de repente se negara a comer. Não havia bife, arroz, feijão, batata ou chuchu doméstico que ela ingerisse. Impossível brigar, pois era tão boazinha e alegre — a mãe, aflita com aquela intransigência de paladar, dizia: "Coitadinha, tão alegre, uma páscoa!". E era uma questão de intransigência de paladar, sim, pois aceitava comer outras coisas que não as do cotidiano caseiro, como por exemplo morangos "glacés" que o pai lhe levava, violetas cristalizadas que a avó comprava para encher uma caixinha esmaltada que costumava carregar na bôlsa ou então as comidas salgadas, temperadas da casa de sua madrinha baiana. Afinal, resolveu-se o seu problema de nutrição mandando buscar diàriamente numa marmita em casa da madrinha o seu almôço e o seu jantar.

● Depois, quando seus estudos foram ficando mais sérios, recusava-se a estudar de dia. De dia lia histórias, poesia, brincava com o cachorro, ia colhêr flores no jardim. Mas à noite queria avançar pela madrugada a dentro nas ocasiões de provas e exames, de luz acesa doendo no coração da mãe que, de natural suave, não conseguia violentar com ralhos a vida daquela criança tão doce, apesar de umas teimosias estranhas. Além de tudo, ela tirava sempre, sem alarde nem esfôrço, o primeiro lugar da classe.

● Aos treze anos foi mandada para a aula de catecismo. Não antes, pois parecendo de inteligência aberta e manifestando misticismo, felicidade em seguir o ritual religioso, a mãe achou que com mais idade aproveitaria mais os ensinamentos do padre que deveria prepará-la para a comunhão. E depois de algumas aulas ela chegou a casa com a bomba: com suas explicações, o padre desfizera nela a fé tranqüila e confiante, não lhe era possível aceitar nenhum dos dogmas. E foi daí que ela começou, ao contrário do que faziam prever as declarações maternas em sua primeira infância, a dar muito trabalho. — ISOLETTE

ROTINA DE BELEZA

CUIDADO COM OS CABELOS

VOCÊ não tem nenhuma desculpa, leitora, se não tiver sempre seus cabelos penteados na perfeição. Nunca houve como agora facilidade de obter um tal número de produtos para tratar dos cabelos e arranjar o penteado. Nunca antes a arte e os acessórios para lavar, pintar e ajeitar os cabelos estiveram tão ao alcance das mulheres, mesmo as de bôlsa modesta.

● Para aquelas que preferem e possuem meios há o serviço dos profissionais dos salões especializados. Para o corte e uma ou outra modificação de penteado, é mesmo indispensável recorrer a um cabeleireiro de confiança. As que são habilidosas, entretanto, contam com muitos recursos — produtos, pequenos aparelhos, processos de permanente — para fazerem em casa tudo que é preciso para a beleza do penteado, com exceção do corte. Você mesma talvez seja uma das que cuidam pessoalmente de seus cabelos, indo o menos possível ao salão do cabeleireiro. Estará, contudo, sendo acertada na escolha dos produtos e métodos?

● O "shampoo" deve ser adquirido de acôrdo com sua preferência pela modalidade líquida ou cremosa. De qualquer modo, a cabeça deve ser lavada freqüentemente, já que é a melhor maneira de ter bonitos cabelos. Os entendidos dizem que os cabelos devem ser lavados tantas vêzes quantas necessário segundo o tipo para se conservarem soltos e limpos —nunca menos de duas vêzes por semana ou um dia sim, um dia não. Entre as lavagens, é indispensável que sejam escovados vigorosamente, com escôva de boa qualidade, e aplicada uma loção para cabelo sêco ou oleoso, conforme o caso. De quando em quando é indicado procurar o cabeleireiro para uma massagem e aplicação de óleo no couro cabeludo.

● Os permanentes que podem ser feitos em casa pela própria pessoa são numerosos e em geral muito bons: vão do processo de grampos para enrolar com aplicação de um só líquido ao mais complicado com a aplicação de um líquido fixador e de outro neutralizador.

● As tinturas para os cabelos, também variadas em quantidade e fórmulas, satisfazem qualquer preferência: prestam-se a uma alteração temporária do tom por meio de "shampoo", de líquidos para avivar ou clarear, de loções para borrifar e espalhar com o pente ou tingem permanentemente, só desaparecendo com o crescimento do cabelo. Mas seja qual fôr o processo empregado as instruções — nunca é demais recomendá-lo — para a aplicação do produto devem ser rigorosamente estudadas e postas em prática. Não deixe nunca de levar em consideração se o seu cabelo já foi tinto anteriormente ou se tem permanente. E' aconselhável um teste de côr feito com vinte e quatro horas de antecedência numa mecha isolada, para pôr à prova a reação do seu tipo especial de cabelo. Mas não tenha mêdo de pintar os cabelos. Não há mais nenhum preconceito a êsse respeito — como deixou de haver com a pintura das unhas — e, se seu físico permitir, você poderá se mostrar loura êste mês e castanha ou de cabelos vermelhos no mês seguinte.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 18

A	Epiderme →	23	41	92	100			
B	Criaturas →	4	65	104	72	9		
C	Ponham a data →	12	79	55	85	118		
D	Fumo reduzido a pó →	63	11	90	38			
E	Em que lugar →	1	42	78	21			
F	Promontórios →	86	37	68	107	40		
G	Mira →	24	97	49	6			
H	Planta liliácea de flores muito aromáticas →	32	102	84	60	13		
I	Assinales →	106	75	36	2	73	28	52
J	Último rei de Israel (726-718 A. C.) →	19	7	69	89	108		
K	Extrema alvura →	5	30	95	111			
L	Enredos, perplexidades →	91	81	114	53	44	98	14
M	Experimenta, sofre →	31	115	25	10	67		
N	Febre tifóide →	26	56	61	46			
O	Um e outro →	117	34	83	51	101		
P	Represa, doca →	18	77	109	3	64		
Q	Alcançou, conseguiu →	39	35	66	62	116	113	
R	Jurisdição episcopal →	20	80	29	8			
S	Voz lamentosa do cão →	15	87	76	93			
T	Vacilam, oscilam →	16	33	43	96	70		
U	Indígenas →	17	54	88	105	48	94	
V	Ofertando, produzindo →	57	27	103	45	50		
W	Porção d'água do mar que se eleva →	58	47	74	112			
X	Moucos →	22	110	99	59	82	71	

■	■	■	■	■	E 1	■	I 2	P 3	B 4	■	K 5	G 6
J 7	■	R 8	B 9	M 10	D 11	C 12	H 13	L 14	■	S 15	T 16	U 17
P 18	J 19	R 20	■	E 21	X 22	A 23	G 24	M 25	N 26	V 27	■	I 28
■	R 29	K 30	M 31	H 32	T 33	O 34	Q 35	I 36	F 37	■	D 38	■
Q 39	■	F 40	A 41	E 42	T 43	L 44	V 45	N 46	■	W 47	U 48	G 49
V 50	■	O 51	■	I 52	L 53	U 54	C 55	N 56	V 57	W 58	■	X 59
H 60	N 61	Q 62	D 63	P 64	B 65	Q 66	M 67	■	F 68	J 69	T 70	■
X 71	B 72	I 73	■	W 74	I 75	■	S 76	P 77	E 78	C 79	■	R 80
L 81	X 82	O 83	H 84	C 85	F 86	S 87	V 88	J 89	■	D 90	L 91	A 92
S 93	U 94	■	K 95	T 96	G 97	L 98	X 99	A 100	O 101	■	H 102	V 103
B 104	U 105	I 106	F 107	J 108	■	P 109	X 110	K 111	■	W 112	■	Q 113
L 104	M 115	Q 116	O 117	C 118	■	■	■	■	■	Ótaner · Rio		

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do **LIDERGRAMA**, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. No quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra.

As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 17 — PÓVOA. FRONTEIRAS DA MEDICINA — "Pacifista e apolítico, a única bandeira do médico deve ser a do equilíbrio social digno da condição humana, em que fortes e fracos se estreitam num abraço de amor".

A RÁDIO BANDEIRANTES DE SÃO PAULO ABAFA ENTRE A GAROTADA!

E' espetacular o sucesso do programa infantil da PRH-9 — Todos os domingos, das 10,00 às 11,00 horas, o CLUBE DOS BANDEIRANTES MIRINS empolga a criançada. — A figura número um do programa é o seu diretor, Darcio Ferreira, o veterano radialista e locutor. — ARRELIA "toma conta" da alegria do programa — Divertimento sadio para os garotos, num presente da CASA VALENTIM.



A pequena Noris Esteves, recebendo flores de seus pequeninos fãs do audiório

O público infantil é dos que mereceu, da direção da Rádio Bandeirantes, o máximo carinho. A garotada precisa encontrar no rádio um divertimento, com bons princípios e que, de fato, obtenha a sua atenção e interêsse. Foi assim que se criou para as crianças o agora famosíssimo "Clube dos Bandeirantes Mirins". Tudo que é recomendado fazer-se para que meninos e meninas encontrem um máximo de distração no melhor sentido está no "Clube dos Bandeirantes Mirins".

À frente do programa encontra-se a figura inconfundível e simpática de Darcio Ferreira, o veterano radialista e locutor, que dirige as audições com elevado critério e carinho. Há muita alegria, emoção dentro do "Clube dos Bandeirantes Mirins", o clube que a criançada tem prazer em freqüentar.



— O animador Darcio Ferreira anuncia ao microfone o número do pequeno acordeonista Waldyr Comenalli, criança prodígio.



— O flagrante fixa o momento em que a pequenina Irene Leal prendia a atenção do auditório repleto da Rádio Bandeirantes



— Luizinha Pereira, a graciosa intérprete infantil de melodias portenhas, é uma das atrações do Clube dos Bandeirantes Mirins. Veja sua atitude de estrêla experiente.

ALÉM de tôdas essas atrações, ainda temos para manter a turma sempre alegre e feliz o queridíssimo e popularíssimo ARRELIA — "o cômico que não recebe ordenado porque é impagável". Portanto, se você é um garôto esperto, que sabe o que é bom ouvir no seu rádio, ou se você gosta de ir ao auditório, torne-se desde já um freqüentador do Clube dos Bandeirantes Mirins, da Rádio Bandeirantes de São Paulo, que transmite em 840 quilociclos, todos os domingos, das 10 às 11 horas da manhã, num patrocínio exclusivo da CASA VALENTIM — "que tem de tudo, para quem é tudo em sua vida".



— Após o êxito de seu número, a pequenina Irene Leal recebe das mãos de seu fã «Antoninho Jardineiro» — um bouquet de flores. E é assim que começam os romances...

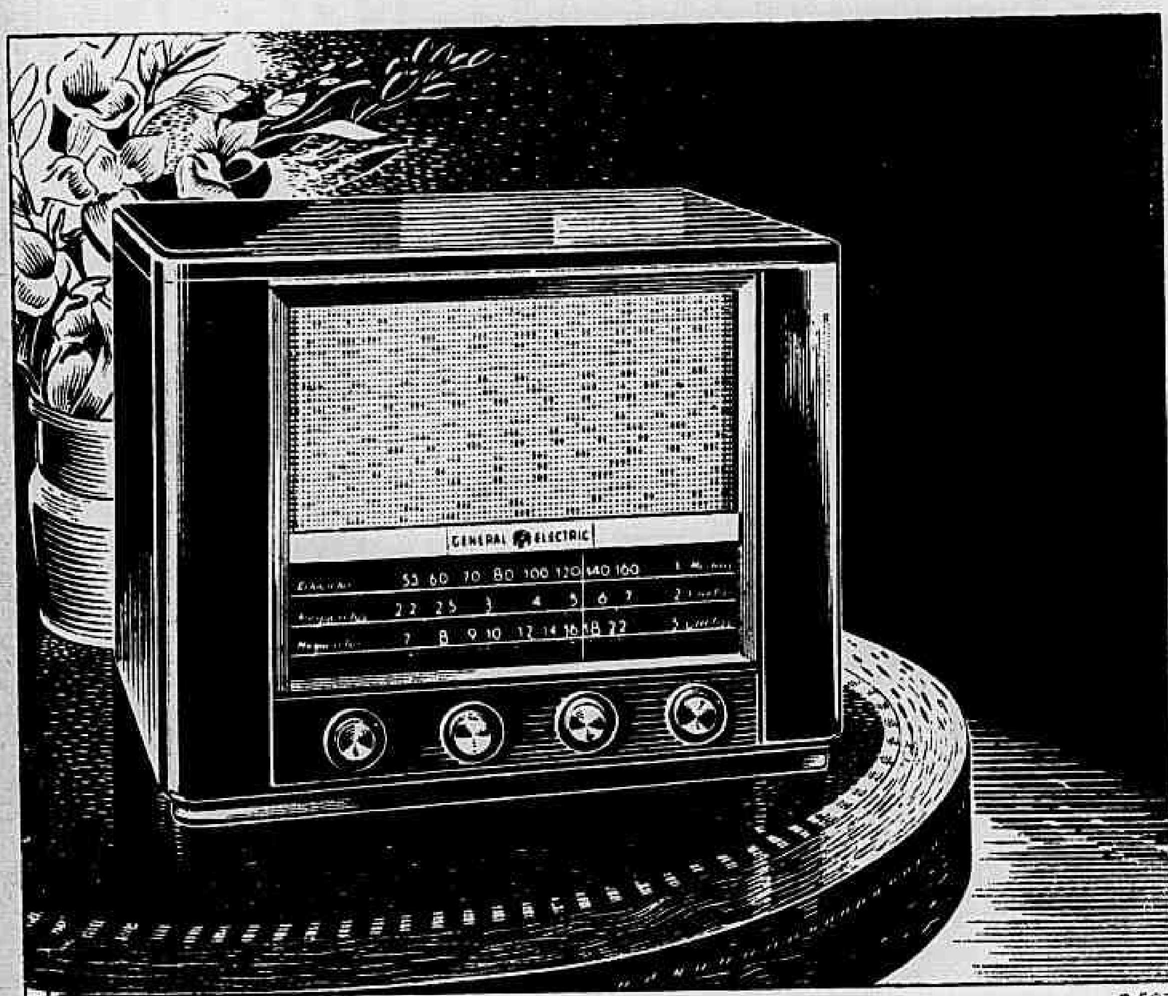


— A dupla Raquel e Rubens Rocha já é bastante conhecida dos ouvintes do Clube dos Bandeirantes Mirins, por sua interpretação alegre e interessante. Grande sucesso.



— Arrelia — «o cômico que não recebe ordenado porque é impagável» — diverte a garotada do Clube, na Hora do Recreio. Êles vão longe!

VOCÊ PODERIA RENUNCIAR...



8.597

MAS PARA QUE?

Certamente, V. cederia o lugar junto ao rádio, sem muito pesar... Mas o problema pode ser resolvido sem renúncia, com mais um rádio G-E em casa. Êste modêlo é um dos mais belos e perfeitos da linha General Electric para 1952!

●

MODÊLO MA - 136 — *Alto-Falante de 6 1/2 polegadas; contrôle de tonalidade com 6 posições; 3 faixas; ondas médias e curtas; mostrador "visua-lux" em côres; 6 válvulas G-E de funções múltiplas; transformador "universal"; compensação automática de volume.*

TENHA MAIS UM RÁDIO



EM SUA CASA

GENERAL ELECTRIC S. A.

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — RECIFE — SALVADOR

PÔRTO ALEGRE — CURITIBA — BELO HORIZONTE

WEEK-END NA COZINHA

BABÁ "AU RHUM"



HOJE apresentamos às nossas leitoras um problema de alta culinária, que consiste na escolha e preparação de uma sobremesa para encerrar o menu de um jantar que vamos dar. Eis o menu: sopa, creme de cogumelos; depois, um pudim salgado de queijo Gruyère; creme e ovos; coelho com môlho grosso, salada; queijo e frutas, naturalmente, tudo uma delícia. E agora? Qual a sobremesa que poderá coroar condignamente essa genial seqüência?

Leitora, não tenha dúvida: babá "ou rhum". Ah, mas precisa ser um babá inexcedível. Eis a receita:

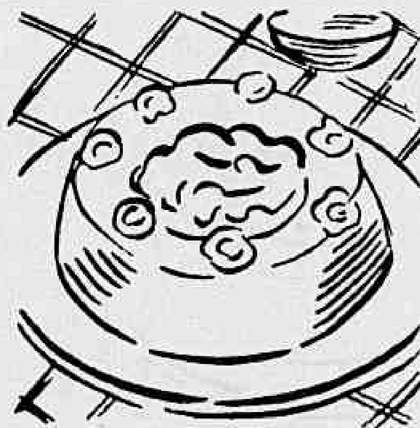
● **BABÁ "AU RHUM" DELICADO**



3½ colheres de sopa de manteiga
1 xícara e mais 1 colher de sopa de farinha de trigo peneirada
1 colher de sopa de fermento francês
2 ovos
4½ colheres de sopa de açúcar
¼ de xícara de leite

Em primeiro lugar, vamos dar a receita do fermento francês, que é o segrêdo dêste babá, e pode mandar ser preparado na farmácia: 30% de bicarbonato de sódio, 10% de fosfato de monocálcio, 50% de creme tártaro, 10% de lactato de cálcio. Acenda o forno para ir esquentando e passe manteiga numa fôrma com um furo ao centro.

● Derreta a manteiga em banho-maria e ponha de lado para esfriar enquanto peneira várias vêzes a farinha misturada com o fermento. Agora bata os ovos, primeiro as claras, muito bem, misturando depois as gemas. Vá juntando o açúcar às colheradas. Bata muito. Nesse ponto a massa deve ser quase líquida. Junte aos poucos a manteiga derretida, batendo sempre.



● Adicione então a farinha, aos poucos, alternando com o leite, começando e terminando com a mistura de farinha e fermento. Bata muito. Despeje-a na fôrma e deixe no forno por cêrca de 20 minutos, ou até o babá ficar dourado. Enquanto o babá está no forno, prepare a seguinte calda simples de rum: ferva 1 xícara de água com ½ xícara de açúcar durante dois minutos apenas; retire do fogo e junte 1 xícara de rum.

● Quando o babá estiver pronto, retire-o logo da fôrma para o prato em que vai ser apresentado e enquanto ainda está quente despeje sôbre êle ¾ da calda de rum. Verá que a calda é absorvida fàcilmente. Logo antes de servir despeje o restante da calda e encha o espaço vazio ao centro com creme de leite batido. Esta fabulosa sobremesa francesa dará para servir de 6 a 8 pessoas.

À direita — Ato inaugural da XVI Exposição, presidido pelos secretários de Agricultura de Minas e Estado do Rio. O flagrante fixa o momento em que o Dr. Joaquim C. Ribeiro Junqueira fazia o discurso oficial.

Em baixo — Aspecto parcial do almoço oferecido ao Dr. Rômulo Joviano e Sra., que aparecem ladeando o Prefeito de Leopoldina, Dr. Newton Monteiro de Barros. O Dr. Luiz Maranha (em pé) faz o oferecimento.





COM um transcurso brilhante e movimentado, realizou-se, no período de 28 de Junho a 6 de Julho últimos, a XVI Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina, que é uma das atrações anuais dos nossos certames pastoris e agrícolas. Inaugurada solenemente no derradeiro sábado de junho, ao ato compareceram numerosas autoridades federais, estaduais e municipais, sendo a cerimônia presidida por dois secretários de Agricultura, o Dr. Tristão da Cunha, de Minas Gerais e o Dr. Paulo Fernandes, do Estado do Rio, os quais foram saudados pelo Dr. Joaquim C. Ribeiro Junqueira, diretor do Banco Ribeiro Junqueira, a tradicional organização bancária que serve àquela vasta região. Dessa festa inaugural até o seu último dia, a XVI Exposição manteve um ritmo de animação sempre crescente, recebendo a visita de numerosos elementos chegados de vários municípios mineiros e de outros Estados, tendo, ao seu término, registrado um movimento de vendas superior a um milhão de cruzeiros.

XVI EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE LEOPOLDINA

Dentre essas visitas, podemos destacar a do Sr. César Pires de Mello, presidente da Cooperativa Central dos Produtores de Leite, de que nos ocuparemos adiante mais detalhadamente, e a do Dr. Rômulo Joviano, o consagrado técnico que até bem pouco dirigiu a Inspetoria Federal de Pedro Leopoldo, prestando relevantíssimos serviços à pecuária mineira. Largamente benquisto pelos criadores leopoldinenses, fizeram êstes inaugurar uma placa com o seu nome no edifício da Associação Rural de Leopoldina, oferecendo-lhe, e à sua espôsa, um almôço num dos melhores restaurantes da cidade, ocasião em que foi saudado pelo deputado Luiz Maranha e pelo zootecnista José de Paula, agradecendo o Dr. Rômulo Joviano, visivelmente emocionado, aquela prova de estima e aprêço que lhe era tributada.

O setor da pecuária da XVI Exposição repetiu êxitos anteriores, vendo-se grande número de animais de diversas raças, inclusive importados, atestando o grau de desenvolvimento pastoril da importante zona. No Concurso Leiteiro, sagrou-se vencedora a vaca **Limoeiro-Odalisca,** pertencente ao Dr. Álvaro Botelho Junqueira, com a produção de 96,580 kg de leite em três dias de ordenha. Ainda nesse Concurso ocorreu a vitória da vaca **Cabedal-Vita,** de propriedade do Dr. Ormeo Junqueira Botelho, na categoria de pequeno porte, que apesar de contar 13 anos de idade, ainda produziu a apreciável quantidade de 69,310 kg em três dias de ordenha. Nos demais setores, a XVI Exposição apresentou-se de molde a merecer louvores, destacando-se as atividades sociais que marcaram o seu transcurso, entre as quais avultou, como uma das mais bonitas festas já realizadas em Leopoldina, o almôço à baiana oferecido ao Dr. Ormeo Junqueira Botelho, servido por senhoras e senhoritas da sociedade local, tendo as últimas, vestidas a caráter, apresentado números de bailado ao som de músicas populares, executadas pela magnífica jazz da cidade. A justa homenagem prestada ao presidente da Associação Rural de Leopoldina, elemento de elevada projeção nas esferas sociais, econômicas e financeiras do município, foi uma das notas de mais fino realce do certame em aprêço, que assinalou outra vitoriosa etapa da vida rural de Leopoldina.



MILTONIA-MORENA, 1.º Prêmio e Campeã da Raça Holandesa Prêto e Branco, P. O., na XVI Exposição. Pertence à Fazenda Mato Dentro, do Sr. José Ribeiro dos Reis. Vila Abaíba, Estado de Minas Gerais.

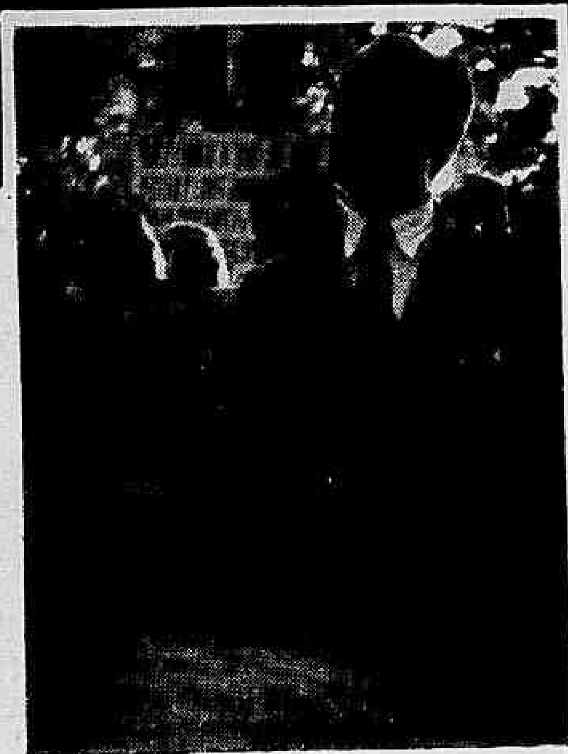


Grupo de Raça Holandês Prêto e Branco, P. O., 1.º Prêmio na XVI Exposição de Leopoldina. Pertence à Fazenda Mato Dentro, do Sr. José Ribeiro dos Reis. — Vila Abaíba — Estado de Minas Gerais.

XVI EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE LEOPOLDINA



Vista parcial do grande churrasco oferecido pelos associados das cooperativas do município de Leopoldina ao Sr. César Pires de Mello, presidente da Cooperativa Central dos Produtores de Leite, que estêve em Leopoldina visitando a XVI Exposição. Ao ser feito o flagrante, o homenageado (à direita da foto) pronunciava o seu discurso de agradecimento.



O Dr. Albuquerque Lins, presidente da Cooperativa dos Produtores de Leite de Sossêgo, no momento em que discursava no memorável ágape.

RECEBENDO a visita do presidente da Cooperativa Central dos Produtores de Leite, durante o transcurso da XVI Exposição, os associados das cooperativas de Leopoldina prestaram ao Sr. César Pires de Mello uma grande homenagem, constante de um churrasco realizado numa das fazendas próximas da cidade. Compareceram à festa os mais representativos elementos da sociedade local, numerosos cooperados da região e dos centros leiteiros da vizinhança, representando as entidades da extensa zona, numa demonstração inequívoca de solidariedade à entidade central, que reúne os esforços de todos numa ação conjunta para o levantamento e melhoria da produção. Também estiveram presentes os diretores da C.C.P.L., Drs. Roberval Oliveira Castro e Murilo Côrtes. Em nome dos ofertantes, falou o Dr. Jairo Salgado, diretor da Cooperativa dos Produtores de Leite de Leopoldina, que exaltou o movimento cooperativista e suas virtudes, alinhando dados e números para mostrar os seus benéficos resultados. Referindo-se ao homenageado, o orador pôs em relêvo sua atuação frente aos destinos da C.C.P.L., dizendo a certa altura: "Vosso trabalho na construção, no aumento crescente, no aprimoramento, na segurança, na guarda do enorme patrimônio da nossa Cooperativa Central, tem sido bem compreendido, merecendo de todos nós o mais decidido apoio e a mais firme solidariedade". Em seguida às palavras que pronunciou o dr. José de Albuquerque Lins, presidente da Cooperativa dos Produtores de Leite de Sossêgo, que disse do significado daquela reunião, discursou de improviso o Sr. César Pires de Mello, para agradecer a tocante prova de aprêço e confiança. Referiu-se aos auspiciosos resultados até agora alcançados pela numerosa classe congregada em tôrno da Cooperativa Central, dizendo que o mérito dessas conquistas não lhe mereciam, mas à compreensão e solidariedade de que os companheiros cooperados haviam dado prova, apoio êsse que agradecia de viva voz naquela festa de congraçamento e naquele convívio por êle há tanto desejado. As palavras do orador foram calorosamente aplaudidas, aplausos que se fizeram ouvir demoradamente.



À direita: — O Dr. Jairo Salgado, diretor da Cooperativa dos Produtores de Leite de Leopoldina, no instante em que saudava o homenageado.

UMA das mais vivas atrações do movimento social da XVI Exposição, foi o desfile de modas realizado nos salões do Clube Leopoldinense e posteriormente no recinto da exposição. Vestidos confeccionados com tecidos produzidos pela Cia. Fiação e Tecidos Leopoldinense foram apresentados por senhoritas da sociedade local, que exibiram variados modelos idealizados por competentes modistas da cidade, granjeando os mais quentes aplausos de todos que os presenciaram. Está de parabéns a grande fábrica de tecidos de Leopoldina, produtora das fazendas que foram tão apreciadas pela sua alta qualidade, com o magnífico desfile de modelos de que nos ocupamos aqui. Nesta página apresentamos uma a uma, as dez lindas moças que, com tanta graça e elegância, deram seu concurso para o êxito dessa encantadora festa de arte e bom-gôsto, que constituiu uma das passagens de maior relêvo e interêsse da XVI Exposição de Leopoldina.



O Dr. Ormeo Junqueira Botelho posando com as gentis senhoritas da sociedade leopoldinense, que serviram o almôço à baiana ao mesmo oferecido pelos seus amigos, tendo ao centro, em baixo, uma autêntica baiana com o seu tabuleiro.



STA. MIRALDA BITTENCOURT, vestido de avaré toil de Vichy azul e branco.



STA. ELZA M. GOMES, vestido de panamim branco e tricô suíço prêto.



SENHORITA GILDA MARIA IENNACO, vestido de novoline azul pastel.



STA. ENY RAMOS PAULA, vestido de avaré xadrez azul, branco e rubi.



STA. CÉLIA GUEDES MORENO, vestido de avaré xadrez verde e branco.



STA. CLÉLIA PIMENTEL, vestido de avaré toil de Vichy vermelho e branco.



STA. SÔNIA VASCONCELOS, vestido de tricô suíço verde e prêto.



STA. IRENE LAMOGLIA, vestido de avaré xadrez amarelo, branco, marron.



SENHORITA TERESINHA RAMOS PINTO, vestido de panamim branco.



SENHORITA MARIA LUÍSA PASSOS, vestido de "tricot" suíço prêto.

A SAÚDE DO BEBÊ

Gastroenterites tóxicas no menino de peito

DR. SABÓIA RIBEIRO

A diarréia tóxica na criança tem isso de peculiar no seu aparecimento: o distúrbio irrompe as súbitas, em pleno estado de saúde, e logo vem com febre elevada (até 40º), o bebê fica prostrado e alheio a seu próprio ambiente. Êle exibe uma respiração ofegante, de «cão cansado». Muito comuns os vômitos, as convulsões, ou ao invés um invencível estado suporoso. Dez, quinze e mais vêzes, as dejeções: é o chamado **cólera infantum**.

Durante muito tempo se atribuiu o estado de tóxico, pelo seu caráter sempre presente de perturbação do trato intestinal, ao elemento infeccioso, incriminando-se principalmente variedades de bacilo coli. Era a idéia predominante entre os pediatras franceses. Já entre os cientistas alemães a causa era atribuida ao fator alimentar, acreditando-se numa alteração do desdobramento natural de certas substâncias — as proteínas —, no processo digestivo, de onde a formação de produtos grandemente tóxicos, como a guanidina, a histamina, etc., que, após lesarem a mucosa intestinal, iam ferir o fígado e privá-lo de bem exercer sua conhecida função anti-tóxica, deixando, por essa forma, de serem neutralizadas as toxinas da infecção reinante.

Seriam certas deficiências dos sucos digestivos, com seus enzimas, que levariam às alterações alimentares, originando produtos tóxicos.

No entanto, estudos mais profundos vieram mostrar, depois, que êsses efeitos exigiriam sempre o concurso da invasão de bactérias, do grosso para o intestino delgado, de modo que a natureza microbiana passou a ser considerada parte integrante do distúrbio. Não há dúvida que, e mmuitos casos, a responsabilidade do fator infeccioso pode ser atribuida exclusivamente ao próprio alimento, e isto ocorre principalmente quando êste é o leite de vaca adquirido sem maiores cuidados (leite contaminado, poluido pelas poeiras, vasilhame, mãos).

Após uma série longa de estudos em tôrno do problema dessas diarréias tóxicas, chega-se a conclusões que não mais autorizam a simplificar os diferentes casos, atribuindo-os a um fator único e preciso. Pode-se dizer, por exemplo, que nos países onde o leite vendido para o consumo (inclusive da alimentação infantil) é puro e higiênico, as toxicoses devidas a causas alimentares, ou determinadas pelas bactérias do próprio intestino, quase desapareceram por completo.

Nos casos em geral, predominam antes os de uma origem focal, isto é, produzidas pelas toxinas vindas de algum foco à distância, principalmente do ouvido (otomastoidite). Observa-se, mesmo, que êsse foco muita vez existe em condições de pura latência, isto é, sem dar sinais de si, silencioso até então. No entanto, isto não exclui a existência de diarréias tóxicas tendo o seu ponto de origem noutra parte, como foco. E' de observação dos pediatras a freqüência com que, crianças portadoras de faringites, otites, piurias, broncopneumonias, apresentam muitas vêzes o quadro de uma gastroenterite tóxica, e principalmente o lactente. (isto se explica porque, no lactente, a eliminação das toxinas se faz principalmente pelo intestino, e não pelos rins, como no menino maior e no adulto). Êsses fatos vêm, pois, mostrar a importância que assume no menino de peito as infecções em geral e em particular as catarrais, por isso que, estas quase nunca poupam as vias aéreas altas, fazendo as rinofaringites e sua complicação habitual, as otites, persistentes, muita vez, sob forma latente, mas em ordem a criar, como infecção focal, o quadro de uma infecção gastroentérica tóxica, irrompendo sùbitamente na criança de meses.

TRABALHOS GRÁFICOS
LIVROS E FOLHETOS

Tratar na Companhia Editôra Americana, rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio.

Telefone 22-8647.

DINA TERESA FICOU...

(Cont. da pág. 6)

A Severa, como então passou a ser chamada, permaneceu quatro meses entre nós, cantando para as platéias carioca e paulista. Terminados êstes, ei-la de regresso a Lisboa, onde vai substituir, com apreciável sucesso a nossa mui querida Araci Côrtes, que na ocasião, integrava a Companhia Maria das Neves.

Dina Teresa, com bastante personalidade, interpreta na peça «A Real», sambas e maxixes, merecendo calorosos aplausos da exigente e conceituada crítica portuguêsa. Isto quer dizer que Araci Côrter encontrou uma substituta à altura. Principalmente, quando se conhece a maneira brejeira da nossa grande «estrêla» em cantar o que é nosso.

Anos depois, quando Beatriz Costa e Maria Sampaio estrelam no Teatro República, vamos encontrar a Severa participando do elenco.

Ela sentira saudades do Brasil e, por êsse motivo, aceitara o convite para integrar a companhia, estreando na revista «Arre Burro». Não se demorou, porém. E' que compromissos outros reclamavam sua presença em Portugal, como a filmagem de «Varanda dos Rouxinóis» que, infelizmente, não teve a repercussão esperada, embora rodado pelo próprio diretor de «A Severa».

Aos primeiros dias de 1939, levada pelo desejo de conhecer terras, Dina Teresa ruma para Lourenço Marques, exibindo-se no cassino local. Aí permanece por longo espaço de tempo, até que saudosa de Lisboa, resolve regressar. Empreende, então, em companhia da cantora Hermínia Silva, uma tournée pelas províncias portuguêsas. A seguir, aquiescendo a honroso convite, retorna ao Brasil, onde se encontra.

O TEATRO DE REVISTA UTILIZA SEU CONCURSO

O empresário Ferreira da Silva, ora ocupando o João Caetano, carecia de atrações para seu elenco, a fim de garantir o êxito da revista «Pau de Arara». Sabendo da presença de Dina Teresa entre nós, contrata-a para uma curta temporada, a qual se prolongou por quarenta e cinco dias. Antes disso, a conhecida cantora lusa exibiu-se nos principais cinemas paulistas, cantando nos intervalos. Também participou da programação de estúdio da Rádio Bandeirantes, conquistando a simpatia de milhares de rádio-ouvintes.

No momento, Dina Teresa estuda uma proposta da Rádio Clube do Brasil e outra dos organizadores da festa de N.S. de Nazaré. Além disso, assumiu compromisso com a Victor para gravar algumas composições de João Nobre e, firmou contrato para diversas audições numa das emissoras pernambucanas.

Dotada de excelente verve, a protagonista de A Severa considera-se incansável, uma vez que até hoje não lhe apareceu nenhum príncipe encantado. Ela mesma afirma que, nos dias presentes, descrê da aparição de algum. E' que já passou da classe dos brotinhos... Mas, para compensar essa ausência, Dina Teresa escreve suas memórias. Falta-lhe, porém, um editor. Tão logo êste apareça, teremos na montra de nossas livrarias mais um livro de memórias.

A garôta de Oliveira do Douro, ao que tudo indica, não tem saudades do passado. Guarda, isto sim, aquêle momento sublime em que, participando da Cia. Eva Stachino, então ocupando o Teatro Avenida, viu-se obrigada a trisar o número «A Severa e as marquezinhas», fazendo com o que o espetáculo se prolongasse além das quatro horas da manhã.

Mas, o seu maior desejo é possuir recursos para adquirir um apartamento e ficar residindo definitivamente no Brasil.

FAÇA EM CASA
O TRATAMENTO DE BELEZA DOS SEIOS

Os defeitos dos seios, a ciência o afirma, têm diversas origens. A principal e a mais freqüente é o enfraquecimento das glândulas, provocado pelo cansaço, pela anemia e pelas insuficiências orgânicas. Como se sabe, na estética da beleza feminina, o busto exerce papel decisivo na harmonia das formas, na graça natural e no poder de atração. Possuir um busto de linhas perfeitas, deve constituir, portanto, a primeira preocupação de tôda a mulher elegante e ciosa de seu dever de ser bela. A Pasta Russa do Dr. G. Ricabal, médico e cientista russo, há um século vem sendo usada com o mais completo êxito na correção e no fortalecimento do busto feminino, atuando de maneira eficaz nas glândulas enfraquecidas e fazendo com que a languidez desapareça em pouco tempo. Nas perfumarias, farmácias, drogarias.

Respostas ao teste

1—Amorenada
2—Da Fenícia
3—Caleça
4—Dalai-Lama
5—Côr de marfim
6—Música desentoada
7—Cheia de momices, trejeitos
8—De Cuba
9—Tratado de medicamentos
10—Uma planta
11—Do latim (Caesar, Cesar, Imperador)
12—Estandarte (dos exércitos romanos)
13—Um molusco
14—Pequenez anômala dos membros do corpo humano
15—Um juiz (equivalente ao Juiz de Direito)

LOÇÃO ANTI-BRANCA

RESTITUE AOS CABELOS A CÔR PRIMITIVA

☆ Não contém Nitrato de Prata ☆

Combate a queda dos cabelos, caspa e seborreia

HA QUASE MEIO SECULO COMPROVA SUA EFICIENCIA

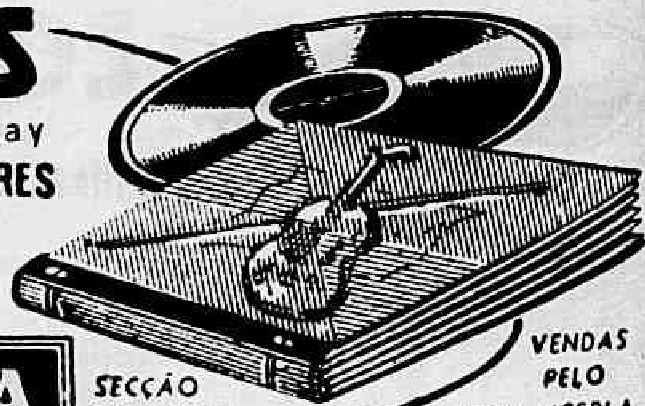
DISCOS

Comuns e Long Play

CLÁSSICOS e POPULARES

Albuns • Agulhas

Fonografos



MESBLA

SECÇÃO DE DISCOS

VENDAS PELO CREDI-MESBLA

RIO - RUA DO PASSEIO, 42/56 - NITERÓI - RUA VISC. RIO BRANCO, 521

JÁ VIU? NÃO?

Vá correndo ao mais próximo jornaleiro e veja

QUANTOS ASSUNTOS INTERESSANTES

APRESENTA O

ANUÁRIO ESPORTE ILUSTRADO DE 1952:

Página 3 — Levy Kleiman fala aos desportistas de todo o Brasil.

Páginas 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 — Tidos os times do futebol carioca, que disputaram o campeonato de 1951, com as respectivas campanhas e os jogadores que tomaram parte nos jogos.

Página 10 — Todos os escores dos clássicos: Flamengo x Botafogo e Vasco x América.

Da página 11 a 35 — Os gráficos de todos os "goals" do campeonato carioca de futebol de 1951, jôgo por jôgo, da primeira à última rodada. Uma documentação completa.

Página 36 — Todos os escores de todos os jogos do campeonato carioca de futebol de 1951, com os respectivos campos e rendas.

Página 37 — Sinopse do campeonato carioca de 51 e a Taça Eficiência.

Página 38 — Os artilheiros, os goleiros vazados e os juízes que apitaram.

Página 39 — Os "penalties", os expulsos de campo, os "placards" registrados e os artilheiros negativos.

Página 40 — Os amistosos dos clubes cariocas em 1951 (Estatística completa). O 1º campeonato da juventude amadorista, com os resultados de todos os jogos, locais e rendas. Estatística completa do campeonato carioca de profissionais.

Página 41 — Campeonatos de juvenis e aspirantes de 1951.

Página 42 — Os internacionais dos clubes brasileiros em 1951. (Estatística completa).

Página 43 — O Rio-São Paulo de 1951 — Estística completa.

Páginas 45 e 46 — Torneio Municipal de 51 — Estatística completa.

Página 47 — Torneio Início de 51 — O histórico do Torneio Início, com os times campeões e respectivos jogadores.

Páginas 48, 49 e 50 — Copa Rio de 51 — Estatística completa.

Página 51 a 58 — Todos os "goals" da "Copa Rio", de 51, jôgo por jôgo, em gráficos cinematográficos.

Páginas 59, 60 e 61 — Atletismo.

Página 62 — Automobilismo.

Página 63 — Hipismo e Polo.

Páginas 64 e 65 — Natação, Saltos e Water-polo.

Página 6 — Pugilismo (Box, jiu-jitsu e luta-livre).

Páginas 67 e 68 — Voleibol (Campeonatos carioca, brasileiro e sul-americano).

Página 69 — Remo e Tênis-de-mesa.

Páginas 70 e 71 — Basquetebol (Campeonatos carioca, brasileiro, pan-americano e jogos internacionais).

Página 72 — Iatismo, Tiro ao alvo, Esgrima e Ciclismo.

Página 73 — Tênis.

76 PÁGINAS **CR$ 10,00**

À LUZ DA PSICANÁLISE

PAIXÃO E VONTADE

DR. LUÍS FRAGA

... "Eu tenho bastante saúde. Não me posso queixar de minha situação financeira, nem da alegria que existe em meu lar. Penso, apesar de tudo, que a minha vida orienta-se por uma paixão que me domina: é o alimento de minha fôrça e a fôrça propulsora de minhas atividades. Tenho a impressão de que ninguém pode viver sem uma paixão. Só por isso venho consultá-lo".

São palavras ditas em forma de discurso, por um jovem inteligente que acaba de concluir o curso de uma Faculdade. Idealista, ativo, regressa duma viagem à Europa.

— A liberdade é o poder de escolher e de querer. O homem é sempre livre; mas nem sempre bastante forte, para usar da sua liberdade. As almas fortes fazem vergar as paixões; as fracas cedem...

— A minha é uma fraca?...

— E' evidente que o homem não goza da verdadeira liberdade, senão quando tem fôrça de vontade e clarividência. Resistir às paixões é provar a nós mesmos a existência duma vontade mais forte do que essas paixões. E' uma vontade que desperta a consciência, porque a consciência regozija-se com o seu triunfo, ou aflige-se com a sua queda. E' uma vontade que se esclarece pelo sentimento do belo; ela trabalha com interêsse ideal muitas vêzes em oposição ao interêsse material.

— Mas a minha paixão não interfere com a minha liberdade.

— Devemos considerar a liberdade como uma esfera, em que o homem exerce a fôrça das suas vontades; é uma esfera mais ou menos vasta, segundo a extensão das nossas faculdades intelectuais e morais. O círculo da nossa liberdade alarga-se à medida que as nossas luzes crescem. O homem que cede às suas paixões, obedece a um senhor que a si próprio impôs; logo obedecer às paixões é não ser livre; é ceder-lhes; é ceder a alguma coisa menor do que nós. O homem não sabe ainda que pode querer o que as suas paixões não querem.

— Não fiz mal, ao que parece, procurando estudar-me...

— Todo o homem que se estuda a si próprio é grande; todo aquêle que usa as suas fôrças é invencível. Procure a sua liberdade, já que o senhor é grande, em alguma coisa, procurando vencer as suas paixões. Contrair o hábito de estudar-se é caminhar livre e resolutamente contra a torrente dos vícios e das paixões; é querer e poder. O mais forte é o que melhor sabe submeter-se à dor, obdecendo à virtude.

Sermos melhores, ou peores, depende de nós: tudo o mais depende de nós: tudo o mais depende de Deus.

Os fenômenos biológicos organizados em conjunto, contribuem para a harmonia do mundo. Há um só Deus que está em tôdas as partes; uma só matéria, uma só lei, uma razão comum a todos os seres inteligentes; uma só verdade, porque uma também é a perfeição para os seres da mesma espécie, participantes da mesma razão.

CORRESPONDÊNCIA

Murilo — D. F. — Agripina é insônia que não depende de causa exterior ou física. Assimbelia é a impossibilidade de identificar um objeto, embora se reconheçam as qualidades.

Dina — São Paulo — Não use mais barbitúrico. Procure um médico.

Gilda — Belo Horizonte — Coma é a perda da consciência com conservação das funções vegetativas.

Marilda — D. F. — Não sabemos advinhar. Procure-nos no consultório, à Rua Senador Dantas, 76-4º. and. — diàriamente, à tarde.

Tôda correspondência deverá ser endereçada ao Dr. Luís Fraga, à Rua Senador Dantas, 76-4ºand., enviando um relatório.

COUPON

Nome: ....

Pseudônimo: ....

Data do nascimento ....

Estado civil: ....

Profissão: ....

Residência ....

[illegible] Philippe d'Amorim Antony
Marion Porchat de Antony
Norberto Raul Arpe
Domingo Arpe
Veronica Bondor
James Logan Clevenger Jr.
Lockett Coleman
Alain de Almeida Carneiro
Maria Cecilia Copetti
Arnaldo Casiano Castro
[illegible]ga Andres Barrios de Castro
[illegible] Macambyra Monte Flores
[illegible] de Godoy
[illegible] Gomes Godoy
[illegible] Gomes
Har[illegible]
Albert [illegible]
Robert A[illegible]
[illegible] Holtz[illegible]
Julio E. Hansen
Elmer Walter Hei[illegible]
Sara Elizabeth Mills He[illegible]
Affonso Carlos Fernando K[illegible]
[illegible]sabelle Eva Irmgard Kuener[illegible]
[illegible]rio René Larrieux B[illegible]reti

Patricia Monaghan
Hermann Mittelviefhaus
Marcel François de Muller
Anthony Nasco
Lewis Augustus Penn Jr.
John Thomas Powell Jr.
Joseph Toran Polo
Petre Pop
Lucie Marie Claire Pardieu
Raul A. Piaggio Blanco
Adelaida Morelli de Piaggio
Harold Herbert Rosen
Renée Rosen
Fritz Richard Reinhoefer
Daniel Radersma
Pedro Rodolpho Smolka
Paul L. Stilphen
Fermin Silveira Zorzi
Paulina M. de Silveira Zorzi
Fermin José Silveira
Dagmar Seelig
Anthony L. Urda
John Vincent Wood
Lucy Geills Wood

Eis a lista daqueles que foram surpreendidos pela fatalidade numa madrugada de trágicas consequências

ÚLTIMO CAPÍTULO DO DRAMA NAS SELVAS

(Cont. da pág. 13)

E quando pulsos vigorosos ergueram aquêles esquifes sem nome para a derradeira morada, já os olhos não tinham lágrimas para verter. Sòmente os lábios trêmulos de almas em prece, oravam pelo descanso eterno das vítimas da maior desgraça sobrevinda ao seio de tantas famílias. O cortejo silencioso, o mais fúnebre de todos os cortejos fúnebres, ia para o campo santo. Dentre os cinqüenta corpos a sepultar, só um fôra identificado: o do sr. Murilo Braga. Os demais se confundiram na única certeza da vida: a certeza da morte. E sua identificação era a da fatalidade que os colhera de chôfre num só golpe de desgraça. Voando encontraram a morte, e voando vieram para a morada da morte.

O drama da selva imensa deixou na mata uma cicatriz tostada pelas labaredas da explosão, como uma tatuagem a fogo no lombo de um selvagem. E no coração de centenas de pessoas, a marca de uma dor que jamais se extinguirá, a dor de ausências irreparáveis, cada vez mais robustecida pela saudade orvalhada de pranto.

Como teria ocorrido o desastre? Explosão no ar? Choque de encontra a alguma serra? Incêndio nos ares? Mistéroi que a técnica e os conhecimentos humanos jamais desvendarão. A mata amazônica guardará o segrêdo da dolorosa tragédia, enquanto as tucanguiras e as feras rebuscam restos de ossos perdidos na solidão.

Tudo es reduziu a incertezas, desde o princípio: onde estaria o avião? Que teria sucedido com os passageiros? Teriam morrido de fome? As feras os teriam devorado? Tudo se escrevia com as lágrimas da incerteza. E esta incerteza os acompanhou até ao cemitério: quem estaria naquele caixão? Seria êle? Seria ela? Incerteza.. incerteza... incerteza...

Só uma certeza, por fim: a morte.

★



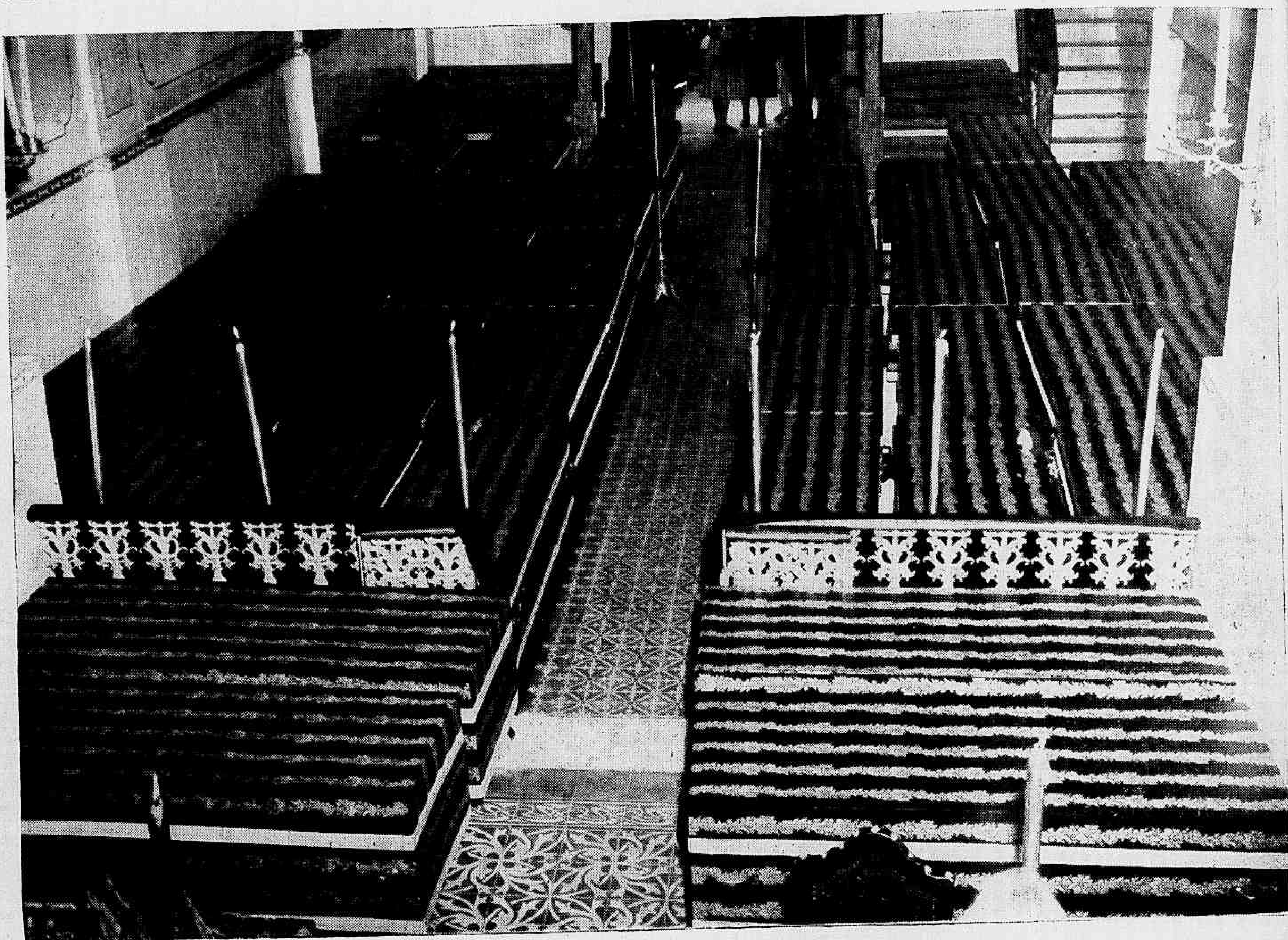
Na carreta o esquife que simboliza a morte de todos Do amontoado de ossos, só uma identidade: a morte.







A variedade de crenças e nacionalidades entre os sinistrados, determinou o ecletismo de orações, pronunciadas por ministros católicos, protestantes e judeus.



À ação da FAB devemos o epílogo cristão de vermos os corpos unidos num só destino em solo sagrado, sob a luz das velas no último adeus aos desaparecidos.





O corpo do Dr. Murilo Braga, identificado por objetos ao mesmo pertencentes, descobertos pelo maj. Melo Bastos. Sua mãe e sua espôsa lhe velam o último sono.

Do acampamento de Lago Grande, na selva amazônica, vieram os despojos em caixões e urnas até ao Rio. Aqui foram os corpos levados ao cemitério de São Francisco Xavier

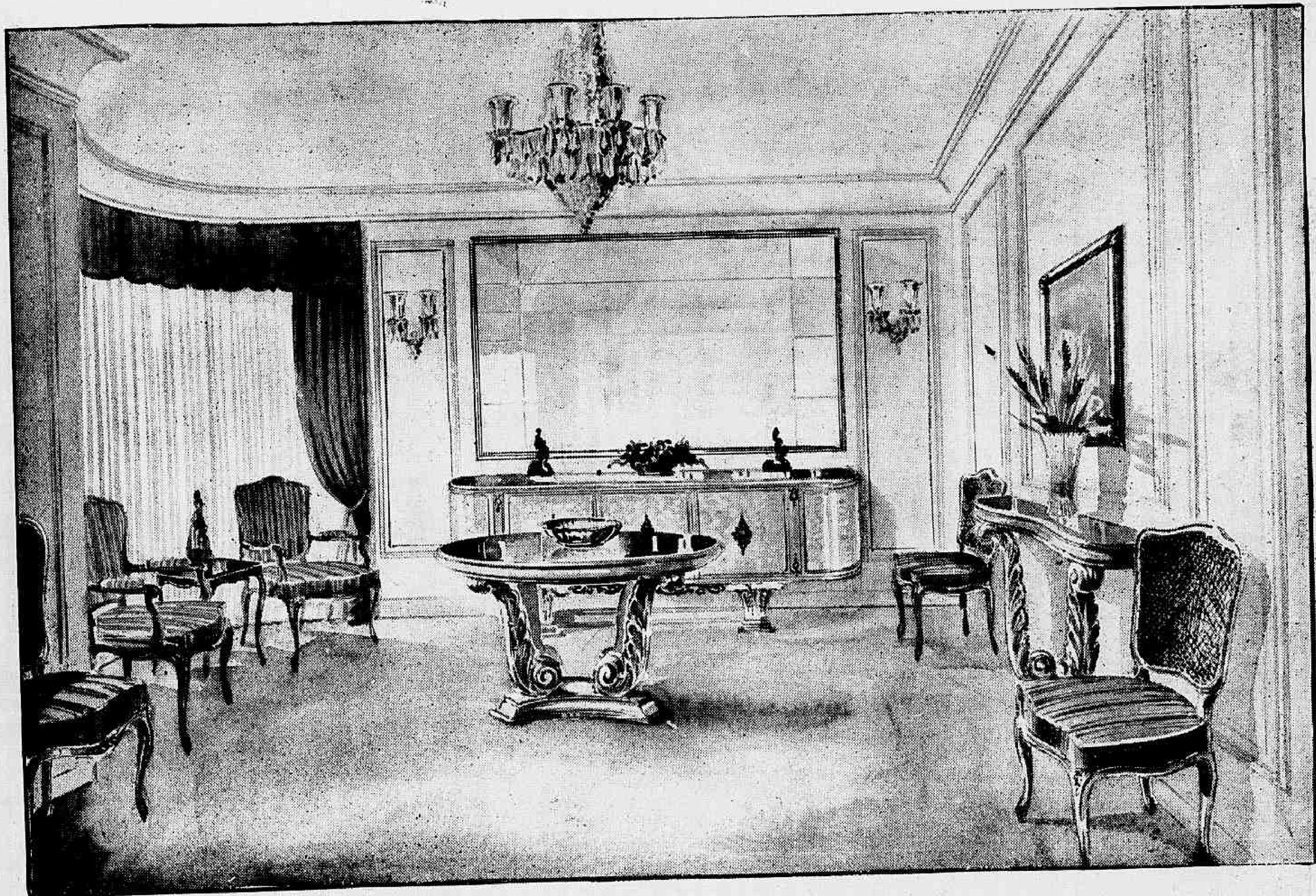


ÚLTIMO FLASH

FLAGRANTE apanhado no dia 18 do corrente, na Barra da Tijuca, nesta capital, por ocasião da última experiência com o novo canhão 75, sem recuo, de fabricação nacional. O ato teve a presença do Sr. Presidente da República, do Sr. Ministro da Guerra, altas autoridades do Exército e elementos diversos, inclusive da imprensa.

O canhão sem recuo é um tipo moderníssimo que vem da última guerra. Dispensando freios conjugados recuperadores para absorção do recuo, é muito mais leve do que outro semelhante e de extraordinária mobilidade, notadamente para ser empregado na Infantaria. Foram feitos diversos disparos com a nova arma e os resultados que se verificaram satisfizeram plenamente aos técnicos. (Foto A. Vieira)

MÓVEIS E DECORAÇÕES

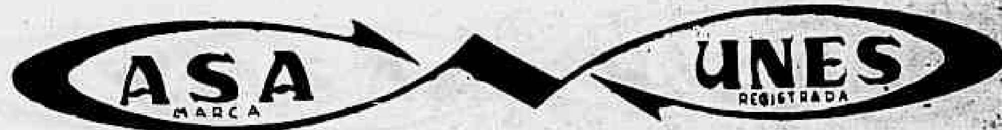


TAPÊTES e
PASSADEIRAS de FORRAÇÃO

durante as obras
a PREÇOS DE ARRASAR!

GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas



65, rua da CARIOCA, 67 - RIO

Nos salões, no palco ou nas praias de banho, onde quer que se desnude uma silhueta de mulher bonita, é o uso do **LEITE de ROSAS** que põe a nota de sensação.

Leite de Rosas

Maravilhoso fixador do pó de arroz e desodorante poderosíssimo, deve ser usado diàriamente no rosto e... no corpo todo.

Lab. LEITE DE ROSAS LTDA.
RUA S. LUIS GONZAGA, 2085
Tel.: 48-7660